Clube de Revistas

PLAYLIST: ROBB FLYNN (MACHINE HEAD) • COLLECTION: WINGER • PÔSTERES: MALICE E PRONG

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classi ck

ANGRA

LIÇÕES DE DOR E DE VIDA

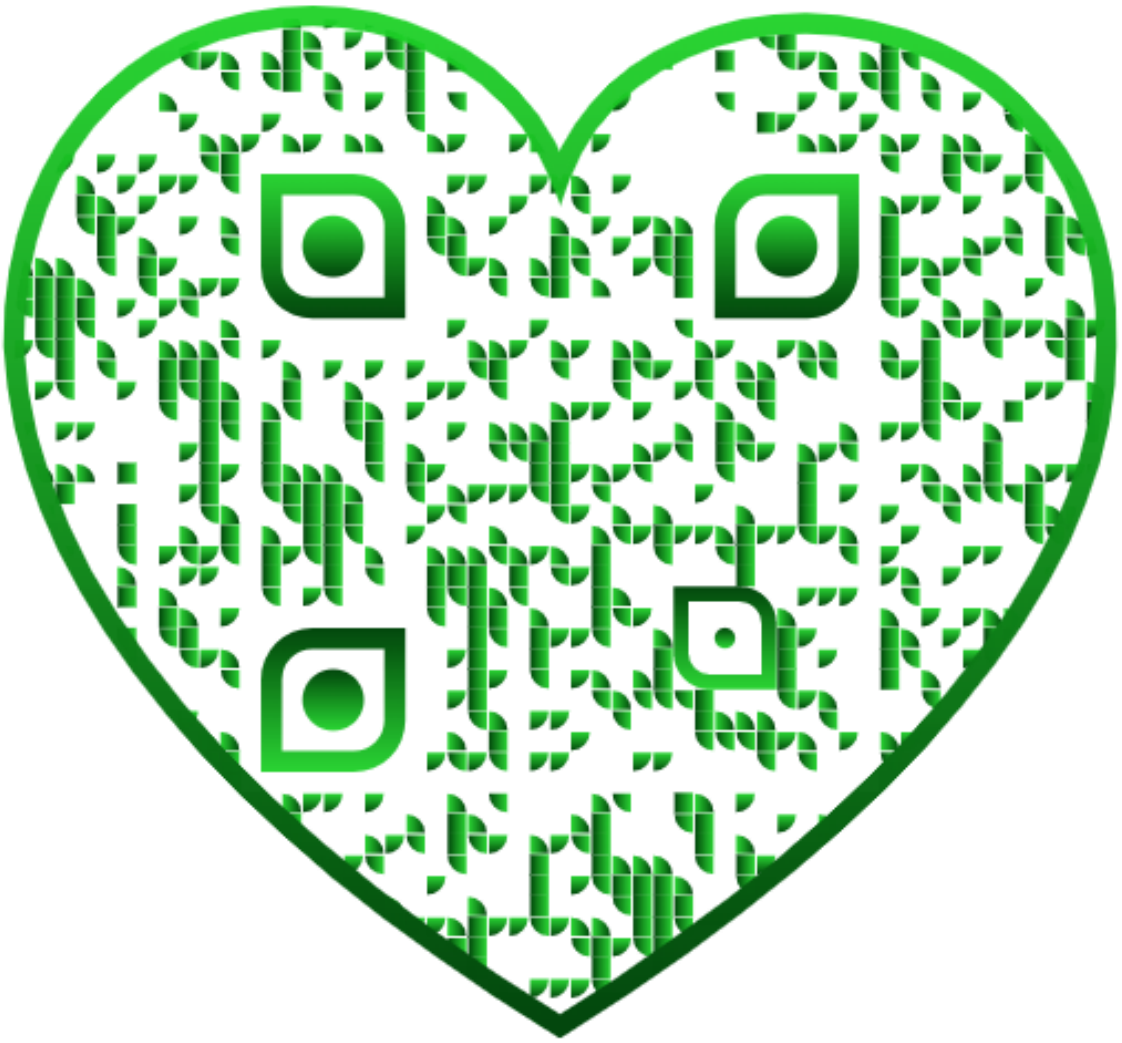
ALICE COOPER

CELEBRANDO A VIDA NA ESTRADA

ENTREVISTAS:

TORTURE SQUAD • NERVOSA • BRUJERIA
ECLIPSE • ARCHON ANGEL • KK'S PRIEST
RAY ALDER • ASKING ALEXANDRIA
FACES OF DEATH • SILENT SKIES

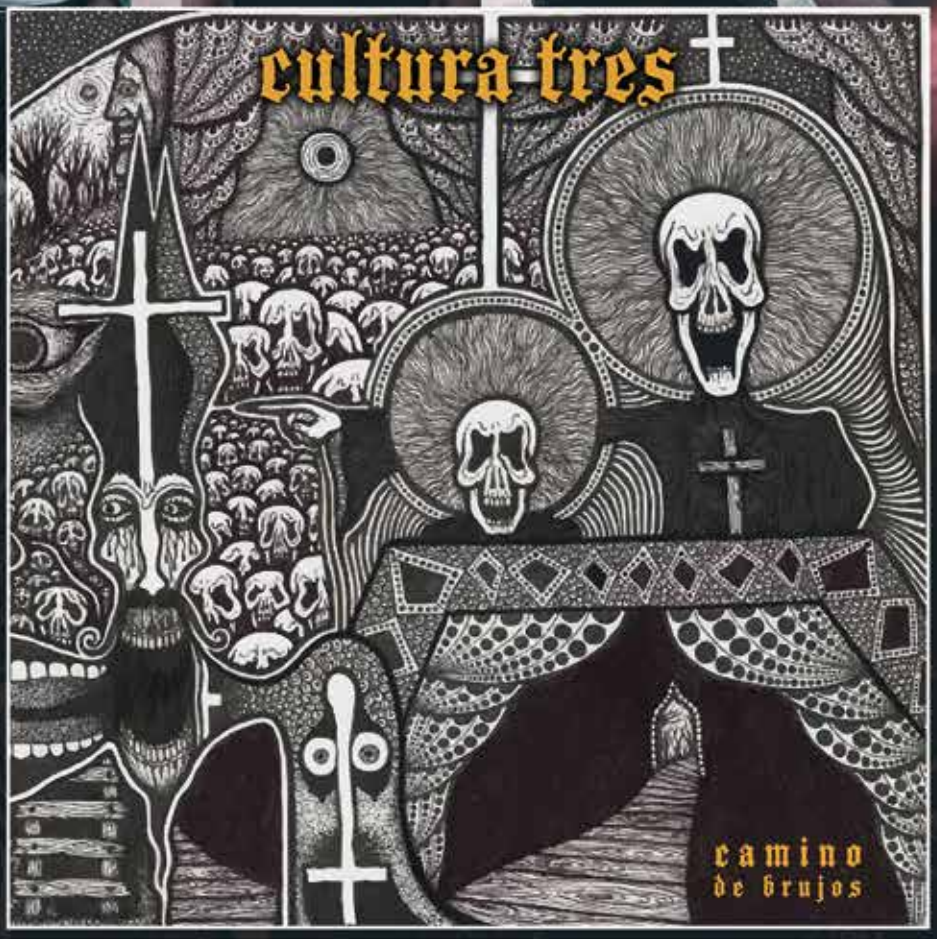
ISSN 1415-322X Ed #277 R$ 21,90
9 771415 322001 000277



Clube de Revistas

OUTONO MUSIC

APRESENTA:



BANDA CONFIRMADA SUMMERBREEZE BRASIL

MARKETING-PR

Hoffman & O'Brian
marketing artístico e entretenimento

DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

Spotify deezer YouTube Music

@CULTURATRES

DISTRIBUIÇÃO

UNIVERSAL
UNIVERSAL MUSIC

Clube de Revistas

ANGRA

CYCLES OF PAIN

VENDA DISPONÍVEL

CD ANGRA - Cycles of Pain

Vinil ANGRA - Cycles of Pain

APROVEITE AGORA EM

NERDSTORE.COM.BR/ANGRA

Clube de Revistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 PORTAL RC
18 ANGRA
24 PLAYLIST
Robb Flynn Machine Head
26 TORTURE SQUAD
30 NERVOSA
34 ARCHON ANGEL
38 COLLECTION
Winger
40 RAY ALDER
42 HIDDEN TRACKS
Phantom Rocker & Slick
44 SILENT SKIES
46 RELEASES
49 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Prong - State of Emergency
53 ROCK AVERAGE
Savatage - Edge of Thorns
56 FACES OF DEATH
58 ECLIPSE
60 BLIND EAR
André Damien (Paradise In Flames)
62 ASKING ALEXANDRIA
66 ALICE COOPER
70 BACKGROUND
Nightwish (Parte 2)
74 CLASSICREW
Blue Öyster Cult, Vulcano, Deep Purple e Kamelot
76 ETERNAL IDOLS
Gary Rossington
78 KK'S PRIEST
80 BRUJERIA
82 PROFILE
Föxx Salema

FOTOS:
Angra: Marcos Hermes • **Alice Cooper:** Jenny Risher

BEHIND THE STAGE

BEATLES E STONES EM 2023

A pergunta mais comum em nosso meio sempre foi: "Você prefere Beatles ou Rolling Stones?" Porém, a que eu mesmo me fiz foi: "Estamos mesmo vivendo o ano de 2023?" O questionamento até poderia soar absurdo, mas tem a ver com o lançamento de um novo disco de inéditas dos Stones e de uma música nova dos Beatles. É, nesse caso não havia uma ansiedade palpável no ar, pois uma nova dos Beatles parecia improvável. Só que aí entrou em cena a temida, amada e atualmente muito aplicada IA para provar o contrário.

A notícia logo se espalhou, e fãs de todas as idades passaram a comentar aquela mistura de nostalgia e inovação. Com ajuda da inteligência artificial, *Now and Then* foi lançada oficialmente na sexta-feira (4 de novembro) e capturou a essência dos Beatles. Os fãs não conseguiram conter sua empolgação, compartilhando suas impressões e emoções nas redes sociais, criando um frenesi global.

Da mesma forma que enquanto houvesse música dos Beatles o mundo nunca perderia sua magia, o disco novo dos Rolling Stones surpreende pelo frescor. *Hackney Diamonds* é o primeiro álbum de inéditas em dezoito anos – neste meio tempo saiu o de covers, *Blue & Lonesome* (2016) – e, para muita gente, o que eles fizeram de melhor em mais de quatro décadas. Confira a resenha de um especialista em Stones e em Beatles, Antonio Carlos Monteiro, na seção "Releases" desta edição.

Por falar na ed. 277, a matéria de capa traz entrevistas com Rafael Bittencourt e Felipe Andreoli, que explicam o processo de aprendizado que resultou no novo álbum do Angra, *Cycles of Pain*. Também em destaque de capa, Alice Cooper fala sobre sua mais nova obra, *Road*, que, como o título entrega, é baseado em episódios que viveu na estrada durante sua longa carreira.

Além destas, a edição 277 traz entrevistas com Nervosa, Torture Squad e Faces of Death, além de Eclipse, Ray Alder, Silent Skies, Archon Angel, Asking Alexandria, KK's Priest e Brujeria. Nas seções, destaque para o "Playlist" com Robb Flynn (Machine Head), que recentemente passou com sucesso em shows pelo Brasil. E não estranhe que um dos pôsteres, o do Prong (o outro é do Malice), ser o mesmo assunto da "Front Cover", pois foi proposital, já que o autor da arte do álbum *State of Emergency* é nosso colunista Marcelo Vasco. Ah, e a revista ainda tem mais uma parte do "Background" do Nightwish, o variado "ClassiCrew", "Collection" do Winger, "Eternal Idols" de Gary Rossington e outras seções que você se acostumou a curtir. Boa leitura!

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 277
NOV-DEZ/2023
ANO 26

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Écio Souza Diniz, Gustavo Maiato, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Thiago Prata e Valtemir Amler

FOTÓGRAFOS
André Simões dos Santos, Belmilson dos Santos, Elvis Rafael Andrade, Leonardo Palma Benaci e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Clube de Revistas

HEAVEN'S GUARDIA

& GOIÁS YOUTH SYMPHONY ORCHESTRA

C H R O N O S

THE CONCERT.

EXECUÇÃO DO NOVO ÁLBUM NA ÍNTEGRA + CLÁSSICOS DA BANDA.

25/11/2023 TEATRO FAC UNICAMPS 20:30H

AV. ANHANGUERA, 2365 - ST. COIMBRA, GOIÂNIA - GO.

APOIO: INSTITUTO CULTURAL SICOOB UniCentro Br · OSJG Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás · FAC UNICAMPS · HARMONIA MUSICAL · INSTITUTO MÚSICA E CIDADANIA

INGRESSOS: Sympla

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

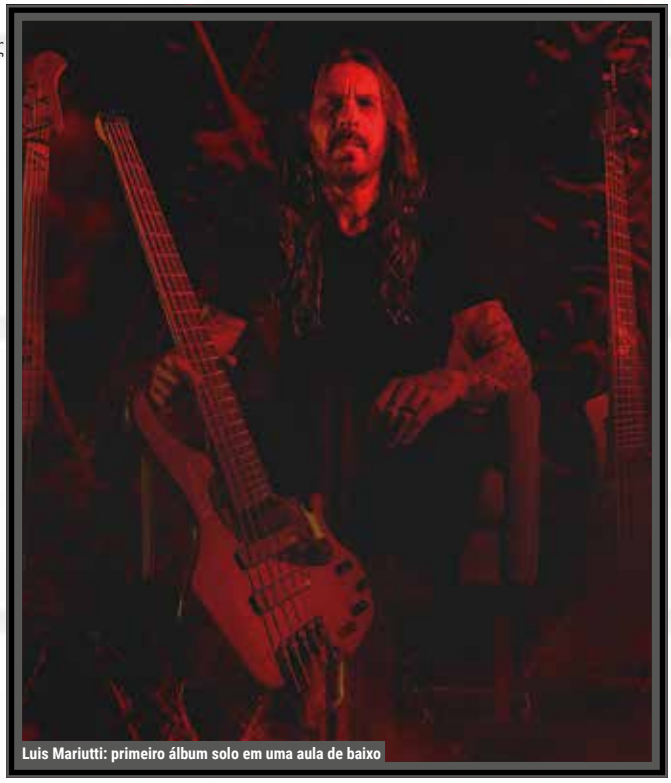
Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

Clube de Revistas

LUIS MARIUTTI
O BAIXO NO COMANDO

Luis Mariutti todo mundo conhece. Baixista que começou no Firebox, ingressou no Angra, passou pelo Shaman, tocou na banda de Andre Matos e hoje faz parte do Sinistra, é conhecido pela técnica irrepreensível e pelo bom gosto que coloca nas linhas que compõe. Agora, isso está mais do que em evidência em seu primeiro disco solo, *Unholy*. Falando de sentimentos e vivências, Luis mesclou temas instrumentais com outros com vocais e foi auxiliado na empreitada por um time de respeito, composto por Thiago Bianchi (vocais), Hugo Mariutti (guitarra), Henrique Pucci (bateria) e Rafa Kabelo (percussão). Luis conversou com a ROADIE CREW para falar deste que, de acordo com ele, é o primeiro de muitos trabalhos solo.

Fotos: Divulgação



Luis Mariutti: primeiro álbum solo em uma aula de baixo

Por que só agora, depois de tanto tempo de carreira, veio seu primeiro disco solo?

Luis Mariutti: A ideia surgiu logo que a gente teve o problema no Shaman. Tive que reformular nossos planos e acabei tendo essa ideia, que foi um grande desafio. Pra mim foi muito legal, pela primeira vez eu tive que compor todas as músicas de um disco, pensar em arranjos, linhas vocais, letras... Foi um desafio de que gostei muito, e esse foi o primeiro de alguns que eu acho que virão por aí.

As músicas foram criadas exclusivamente para o disco ou são temas que você vinha escrevendo e guardando ao longo dos anos?

Luis: As músicas foram compostas a partir dessa ideia. Primeiro, fui atrás de loops de grooves, que é uma forma de compor em que eu me sinto confortável. Eles me trouxeram as primeiras ideias e a partir daí fui colocando outros baixos em cima do que já tinha escrito. A única música que teve um processo diferente foi diferente foi *Fema*, que fiz pra Fernanda (esposa de Luis). Eu fazia um improviso com uns acordes de que ela gostava muito e acabei fazendo a música em cima disso.

O disco seria conceitual, não no sentido de contar uma história, mas de ter todas as músicas tratando de um mesmo tema? Em caso positivo, qual seria esse fio condutor?

Luis: Ele tem como conceito o desenvolvimento da humanidade, as crenças, instintos e emoções. E como ele trata dessas coisas 'secretas', como os sentimentos mais guardados, eu quis trazer um som que casasse com isso, um som bem sujo e bem agressivo para combinar com o tema e o conceito do disco.

O quanto há de autobiográfico nos temas de *Unholy*?

Luis: Tudo! As músicas têm tudo a ver comigo, com meus sentimentos, como eu penso, como eu me comporto... Todas têm a cara Luis Mariutti e mostram bem minhas vertentes.

Uma pergunta que é também uma curiosidade: um baixista compõe no próprio baixo ou se vale de instrumentos como guitarra ou teclado?

Luis: Um baixista como eu compõe no próprio baixo. Como devia dar um destaque maior pro baixo do que a gente está acostumado a ouvir, eu fui criando várias linhas. Tem música com quatro ou cinco baixos rolando ao mesmo tempo. Depois é claro que eu joguei tudo pro Hugo e aí vieram os arranjos de teclado e guitarra. Então, no meu caso eu compus tudo no baixo, fiz os arranjos com baixos diferentes e com timbres diferentes para que só o baixo fosse suficiente para mostrar a cara da música.

Você chamou Thiago Bianchi para os vocais das faixas cantadas e ele como sempre fez um ótimo trabalho. Mas você considerou a possibilidade de você mesmo cantar em algumas faixas?

Luis: A participação do Thiago foi essencial. Da mesma forma que o Hugo colocou as guitarras em momentos pontuais, com um super bom gosto, nos vocais eu já tinha as letras e alguma coisa de melodia. Eu pensei em cantar alguma coisa, mas eu queria algo de qualidade, então resolvi chamar um cantor realmente bom porque eu imaginava aquelas músicas com vocais exatamente como ficaram e se fosse eu cantando elas não ficaram assim. No próximo, eu me aperfeiçoando mais, quem sabe consiga cantar alguma música...

Uma questão em relação às músicas instrumentais é a falta de um 'instrumento' (no caso, a voz) que precisa ser preenchido de alguma outra forma. Qual foi a estratégia que você usou para suprir essa 'falta'?

Luis: Na verdade, eu pensei da mesma maneira que nas músicas com vocal. Eu tentei com o baixo e com arranjos fazer os climas como se fossem de estrofe e refrão, que ficassem interessantes mesmo sem um vocal em cima. Então, elas têm refrãos, só que cantados de outra maneira.

Como definiria o estilo de *Unholy*?

Luis: É o estilo Luis Mariutti. Ele passa por várias vertentes da música mantendo a cara do heavy metal. Foi o que eu fiz no Angra e no Shaman. No Angra, a primeira influência brasileira com *Never Understand*, eu que levei aquele baião. Então é isso que eu faço: pego essas coisas e deixo com a minha cara, passeando por várias vertentes e estilos.

A tradução para 'unholy' seria 'profano'. Por que o disco tem esse título?

Luis: Porque eu sou um cara forjado no metal e o metal é classificado como um estilo profano. É o Jesus do metal (risos), o Jesus pecador. Ele mostra essas facetas, tanto a que diz que todos somos pecadores como também a das pessoas que gostam de apontar isso nas outras.

***Unholy*, no geral, pareceu um disco bem direto, sem muito espaço para, digamos assim, 'malabarismos musicais', a despeito de você e todos os demais envolvidos serem músicos virtuosos. Essa foi uma decisão pensada ou as músicas simplesmente acabaram ficando dessa forma?**

Luis: Na verdade, elas são de difícil execução. É que os climas e as melodias não são complicados, eles forma feitos pra grudar na cabeça. Agora, as bases são de execução bem difícil. *Addicted* é de cabo a rabo feita num two hands muito rápido. Mas não tem exibicionismo. A técnica é usada apenas onde é preciso, o principal são os climas.

***The Eye of Evil* fala do seu batismo numa loja maçônica. A gente sabe que os maçons são extremamente reservados no que diz respeito à sua atuação. O que o levou a trazer esse assunto para uma das músicas do disco?**

Luis: Eu estava justamente pensando nessa letra quando fomos passar na casa de amigos. Ela tinha pertencido a um maçom e está cheia de simbologias maçônicas, tanto que acabei gravando o clipe lá. E desde que fui batizado eu já tinha muitas dúvidas sobre o que falavam na maçonaria, então acabou casando tudo para eu compor uma música falando disso.

O clipe dessa faixa tem a participação de sua filha Lorena, de 11 anos. Como foi trabalhar com ela?

Luis: Foi muito legal. A Lorena tem essa pretensão de fazer artes cênicas, então a gente quis dar esse start pra ela. Ela gostou muito de fazer, ela me representou no vídeo, e foi tudo muito legal porque quanto mais a gente consegue manter as coisas em família melhor fica.

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

LISTEN
FALANDO COM TODAS AS TRIBOS

A banda Listen começou nos idos 2009, apenas como diversão. Nove anos depois, a ideia foi retomada, agora com objetivos mais claros e profissionais. O plano de Philipe Giovanini (vocal), Marcos Roschel (guitarra), Cezar Roschel (guitarra), Fillipe Roschel (baixo) e Márcio Lelis (bateria) era gravar o primeiro EP, *Coleoptera*, o que aconteceu em 2019. Agora, superadas as amarras que foram impostas pela pandemia e pela falta de recursos, o quinteto paulistano solta mais um EP e se prepara para novos voos. O guitarrista Marcos Roschel conversou com a ROADIE CREW a respeito.

Listen: fazendo o metal conversar com outros estilos

Vocês começaram lá em 2009, deram uma parada e vieram a retomar a banda quase dez anos depois, em 2018. O que motivou essa volta?

Marcos Roschel: Depois de um bom tempo e algumas experiências em outros projetos musicais, voltamos com uma nova formação mais concisa, já planejando gravar o primeiro EP e apresentar um material autoral que trouxesse um algo a mais para a cena do metal alternativo de São Paulo. Então, pode-se dizer que nossa motivação sempre foi trazer algo diferente para a cena, uma nova proposta que converse com mais gêneros do que o metal está acostumado, como o rap, ritmos étnicos, populares e mais modernos.

Vocês estão lançando seu segundo trabalho, o EP *Manifesto*. Quais as principais diferenças (se é que elas existem...) entre este e o EP de estreia, *Coleoptera*?

Marcos: O primeiro EP tem uma linguagem bem mais direta do que *Manifesto*. Neste novo disco decidimos organizar as faixas como uma experiência mais densa de autoconfronto. Algumas letras falam de conflitos reais e é totalmente possível sentir letra e instrumental convergirem para isso. Há também mais experimentação nas bases e muito mais camadas.

O primeiro EP saiu em 2019, o novo apenas agora, quatro anos depois. Algum motivo especial para esse intervalo relativamente grande?

Marcos: O motivo na realidade foi a pandemia e também a captação de recursos para o novo projeto. Musicalmente, o projeto já estava pronto e entramos em estúdio com o álbum já pré-produzido, mas, como todos sabem, somos uma banda independente e a captação de recursos para novos projetos depende de muitos fatores. Somos uma banda do extremo sul de São Paulo e ter um projeto musical é caro e dificultoso no Brasil.

Quem inspira vocês musicalmente falando?

Marcos: Não temos barreiras dentro dos estilos. Claramente o som pesado nos influencia mais, porém dentro da banda há gostos diversos. Pode-se dizer que ouvimos de heavy metal a euro pop sem problema algum, buscando sempre inspiração no novo.

Dentro desse contexto, como vocês definem o estilo da Listen?

Marcos: Somos uma banda de metal alternativo. Misturamos rock, metal e música urbana em geral.

Um detalhe que chama muito a atenção em *Manifesto* é a excelente qualidade do som, algo muito raro de se ver em bandas independentes nas plataformas de streaming. O disco foi mixado pensando especificamente nesse formato?

Marcos: Sim, o disco foi totalmente pensado para as plataformas digitais, assim como os dois lyrics vídeos que lançamos. Porém, focamos em criar faixas com um algo a mais, e não somente entregar uma receita simples para o público. Todo o conceito foi trabalhado conscientemente, então grande parte dessa qualidade vem da forma que compusemos e captamos as músicas.

A propósito, *Manifesto* está saindo também em formato físico ou vai ficar apenas no virtual?

Marcos: No momento, apesar de querermos lançar em todas as mídias possíveis, não temos previsão para um material físico deste EP. Como sempre, isso depende de investimento e neste momento estamos nos concentrando no próximo passo que iremos tomar como banda.

Os dois únicos álbuns de vocês foram EPs. Esse é o melhor formato para se lançar música atualmente, em que o público não tem tanta 'paciência' para ouvir um disco completo?

Marcos: O mercado fonográfico mudou muito nos últimos anos, mas as bases ainda permanecem. Não vamos dizer que o público não consome mais material físico, mas o digital é mais abrangente nesse sentido. Para os primeiros lançamentos é mais interessante ter um produto em que o fã é apresentado ao seu trabalho na internet para depois gerar um consumo mais nichado como itens físicos. Se tiver condições de investir nos dois, melhor! Além disso, estamos preparando algo para o mercado físico em breve!

Vocês investem em letras em português. A ideia é passar a mensagem de forma clara e inteligível a todos?

Marcos: Sim, mas não é só uma questão de mensagem, podemos considerar que o português ajuda na compreensão das letras, mas além disso temos uma língua muito completa e compatível com o metal quando bem escrita, mesmo que incluindo algumas frases em inglês nós valorizamos isso.

O primeiro single de vocês, *Faca* (do disco de estreia) fez parte da coletânea *Alternative Lessons* que saiu em formato físico na Europa. Qual a repercussão que tiveram desse lançamento, principalmente pelo fato de a letra ser em português?

Marcos: O lançamento não mudou muita coisa na nossa forma de trabalhar. Reparamos que há audições em alguns países como Alemanha, EUA e outros lugares da Europa, inclusive feedbacks positivos de fãs de outros países, mas no momento estamos focados em estabelecer uma base de fãs plural. Mesmo que de diferentes regiões, vemos nosso público como um só.

Esse diferencial de cantar em português pode ser um problema para a conquista (e até para a realização de eventuais shows) no exterior ou esse não é o objetivo de vocês?

Marcos: Não vemos a língua como dificuldade, música é bem mais do que palavras e nosso idioma é forte! Existem diversos artistas de diversos estilos com carreira internacional consolidada e cantando em português.

Por falar nisso, quais os objetivos da banda a curto e médio prazo?

Marcos: Neste momento estamos focados em produzir mais material e tem muita música pronta, o bastante pra dois ou três álbuns. Também estamos focando em ações para nossa 'fanbase' e novos shows. Nossa meta é tocar no máximo de lugares possível e para isso todo este processo de preparação e divulgação precisa ser feito.

Está fácil conseguir se apresentar?

Marcos: No Brasil é sempre difícil se apresentar, somos artistas de um nicho específico e que quebra as regras das formalizações impostas por muitos. Tem muita gente para atrapalhar a caminhada também, mas se depender de nós vamos continuar tocando! Não vão se livrar de nós tão cedo!

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

ORTHOSTAT
UMA PERSPECTIVA SOMBRIA DO UNIVERSO

Formada por David Lago (vocal e guitarra e vocal), Rudolph Hille (guitarra), Eduardo Arbigaus (baixo) e Igor Thomaz (bateria), a Orthostat colhe os frutos do lançamento de *The Heat Death*, álbum conceitual que trata do nosso universo a partir de uma perspectiva sombria onde o tempo avança para uma era de cataclismos e escuridão. O tema repleto de referências científicas é envolto por uma embalagem de death metal com toques de doom, que contribui para o caráter único do registro. Conversamos com Rudolph sobre as inspirações por trás dessa temática, incluindo o icônico filme "Interestellar" (2014), dirigido por Chistopher Nolan.

Divulgação

O universo como conhecemos é colocado em xeque no novo álbum da Orshostat.

O primeiro registro da banda veio em 2016 com o EP *Into the Orthostat*. Como vocês comparam essa fase inicial da banda com o que estão fazendo agora?

Rudolph Hille: Desde o início, sempre tivemos uma clara ideia do som que estávamos buscando. Na fase do primeiro EP, trabalhamos de maneira focada: David construindo as músicas e Eduardo contribuindo com ideias e estruturas. Com o amadurecimento da banda e minha entrada e a de Igor, a banda passou a construir as musicas inteiramente em conjunto, com todos os integrantes trabalhando ativamente em todos os pontos, o que unificou de uma maneira muito sólida o Orthostat. No novo disco, fizemos questão de dar ênfase a todos os aspectos de cada integrante. Estão presentes solos de baixo, passagens focadas em bateria, passagens de violão clássico e detalhes de teclados analógicos dos anos 80.

O novo disco *The Heat Death* aborda uma visão mórbida do começo e do fim do universo. Pode explicar melhor o conceito por trás desse álbum?

Rudolph: É um álbum conceitual que investiga as profundezas científicas insondáveis do universo. Traz a história desde o nascimento da singularidade primordial até o destino final de todo o universo através da morte térmica. Avançamos rapidamente através de épocas cósmicas, da gênese cataclísmica das galáxias, do domínio implacável da gravidade, do reino dos buracos negros e do surgimento da vida a partir da evolução elementar. Tudo leva ao final inevitável, em que toda a energia se dissipa e o universo sucumbe ao seu último suspiro. Musicalmente, buscamos que o som soasse ainda mais soturno e pesado que o primeiro trabalho, e que tivessem andamentos um pouco mais complexos, com compassos não usuais na maioria das músicas para representar a complexidade que é a estrutura universal.

As músicas *Gravity*, *Singularity* e *Entropy* tratam de temas relacionados ao universo. São conceitos explorados na Física. Como surgiu o interesse da banda por explorar esses conceitos cósmicos em sua música?

Rudolph: David e o Eduardo são grandes entusiastas de Física, e durante a concepção do novo disco, David estava estudando muito os conceitos do universo e física astronômica. Percebemos então que essa temática é bastante pesada e complexa, exatamente a sonoridade que gostamos de criar.

O som da banda alia o death metal com algumas passagens mais lentas. Como descrever a sonoridade do Orthostat para alguém que nunca ouviu o grupo antes?

Rudolph: A melhor descrição seria: um death metal lento e soturno, em que a progressão sempre tende a seguir linhas mais densas e sinistras. Todo o peso do doom metal e a imersão no peso casam com a rispidez e a agressividade do death metal tradicional.

***Monolith of Time* obteve reconhecimento nacional e internacional, sendo lançado por selos europeus. O que você acredita que despertou tanta curiosidade e interesse na banda no exterior?**

Rudolph: O death metal brasileiro sempre apresentou um som único e impar para o restante do mundo. Bandas como Krisiun, Sepultura, Rebaelliun e Vulcano representam muito a sonoridade brasileira e acabam por inspirar diversos grupos daqui. O Orthostat acaba tento uma pegada mais ao estilo da cena da Flórida dos anos 90, com temperos do death metal brasileiro. Acreditamos que por nosso cerne musical estar mais ligado ao som estrangeiro, pessoas de fora do Brasil acabam por ter mais afinidade com a nossa música.

Como foi a experiência de criar o videoclipe de *Radioactivity*? O que essa experiência acrescentou à expressão artística da banda?

Rudolph: A gravação do clipe de *Radioactivity*, e recentemente de *Hydrogen*, ocorreram de maneira muito autoral, pois nós mesmos os produzimos. Queríamos demonstrar nele como a banda se apresenta no palco, trazer a atmosfera de show do Orthostat. O clipe de *Radioactivity* artisticamente trouxe um conceito que sempre admiramos, a pegada visual do VHS dos anos 90, com ruído e desvio cromático, algo que pretendemos incorporar ao estilo visual da banda.

Existem obras da cultura pop, como o filme 'Interestelar' e documentários, que abordam temas do universo. Você tem interesse por essas obras e acha que influenciaram a abordagem da banda?

Rudolph: Com certeza influenciam e inspiram a banda. Apesar de a temática ser regida por conceitos teóricos físicos, 'Interestellar' e '2001 – Uma Odisseia no Espaço' serviram de referência aos efeitos sonoros, concepção visual do CD e adições de teclados vintage em alguns pontos. Inclusive, a passagem de teclado que toco no fim de *Entropy* foi inspirada na obra do Hans Zimmer, compositor de diversas trilhas sonoras de filmes de ficção cientifica.

Como foi a experiência de abrir para a banda Crypta em Joinville/SC? O que você acha da Crypta como banda e qual foi a importância desse evento para a Orthostat?

Rudolph: O ano de 2023 foi bastante proveitoso ao vivo, fizemos diversos shows importantes ao lado de bandas que sempre admiramos, como Krisiun, Rebaelliun, Exterminate, Podridão e logicamente Crypta. Achamos que a Crypta seja uma das bandas mais necessárias da cena do metal extremo na atualidade, pois cativa e inspira uma nova leva de jovens a ir a shows de metal, principalmente encorajando as mulheres, que sempre tiveram mais dificuldades em meio à cena predominantemente masculina. No evento que dividimos o palco com elas, vimos muitas pessoas novas, meninas jovens, que começaram a ouvir metal por causa delas e que estão também querendo montar suas bandas, sendo que muitas começaram a acompanhar nosso trabalho e de outras bandas após esse show. Isso é muito importante e traz um novo suspiro no metal. Tivemos a honra de ter nosso show assistido e elogiado por Luana Dametto e Tainá Bergamaschi, o que trouxe uma sensação de 'missão cumprida'.

Gustavo Maiato

Clube de Revistas

MARIUTTI TEAM & AUDIO APRESENTAM

F E S T A D A F I R M A

SHAMANGRA

ABERTURA

AURO CONTROL · VOCIFER · FIREWARD

SHOW DE LANÇAMENTO
'UNHOLY'

PRIMEIRO DISCO SOLO DO BAIXISTA LUIS MARIUTTI

PREMIAÇÃO MELHORES DO ANO
MARIUTTI TEAM ZINE

\+

FEIRA DA MÚSICA

14/01 2024 Av. Francisco Matarazzo, 694 Água Branca
São Paulo - SP | **A partir das 16:00h**

audio MARIUTTI TEAM

Ingressos: **ticket360.com.br**

Clube de Revistas

THE OGRE
A MAIOR EXPRESSÃO MUSICAL DO OGRO

Com o fim do grupo paulista Faces of Madness, que lançou seu segundo e derradeiro álbum, *Locus Horrendus*, em 2008, Diogo Marins fundou The Ogre, que viria a ser sua maior expressão musical. One-man-band em estúdio, já conta com quatro discos de inéditas e, recentemente, disponibilizou o EP *Live of the Dead: Live La Iglesia 2022* (2023), o que mostra que o "Ogro" tem seus comparsas (e ferocidade) sobre os palcos. Conversamos com Diogo para falar sobre seu esmero, seu ecletismo e sua trajetória à frente do grupo.

Fotos: Divulgação

Diogo Marins é a mente por trás do The Ogre

O último álbum de estúdio do The Ogre, *Aeon Zero* (2021), teve produção e todos os instrumentos e vozes sob sua assinatura. Como é para você assumir praticamente todas as funções dentro do The Ogre no estúdio?

Diogo Marins: Sempre procuro encarar o processo como se existisse uma banda com cada membro individual. Parece meio óbvio, mas você realmente tem que parar e se concentrar no momento de cada instrumento. Por exemplo, quando vou gravar o baixo, não gravo somente a base do que fiz na guitarra, procuro realmente entrar no papel de baixista e tentar fazer algo interessante musicalmente e sem pressa.

O disco saiu em um momento em que o país ainda convivia com a pandemia, mas pôde ser promovido ao vivo, inclusive gerando o EP *Live of the Dead: Live La Iglesia 2022*, lançado neste ano. Quem o acompanhou nos palcos nesta empreitada e o que pode nos dizer sobre aquela apresentação? Esta formação será apenas para shows ou está definida para futuros lançamentos de estúdio também?

Diogo: A formação atual do The Ogre conta com Gabriel Salgado, amigo de longa data, no baixo e Alfredo Carvalho na bateria. O show do La Iglesia na verdade foi o primeiro do Alfredo na banda. Eu estava quase cancelando nossa apresentação porque o batera anterior saiu, faltava quase um mês para a data e não conseguia arrumar ninguém para tocar. Porém, o Alfredo se prontificou, se jogou de cabeça, e fizemos acontecer. Não sou contra a participação dos outros músicos para compor e gravar no futuro, mas no momento é mais fácil manter o processo de composição e gravação do jeito que foram os outros discos.

O La Iglesia vem se tornando uma casa para bandas de metal registrarem seus discos, como se deu com o The Ogre e também recentemente com o Torture Squad. Quais suas impressões sobre a casa e o que a torna tão propícia para esse objetivo?

Diogo: Eu já queria lançar algo para mostrar como as músicas ficam no formato ao vivo faz um tempo, e o La Iglesia tem ótimos equipamento e técnico de som. Quando peguei o áudio gravado, fiquei surpreso com a qualidade, o que torna tudo muito mais fácil.

Por que um EP e não um disco completo?

Diogo: Somente pela quantidade de músicas. Era um festival, e nosso tempo era um pouco limitado. Tocamos por volta de 45 minutos, contando com um cover do Immortal (*Damned in Black*, com vídeo no YouTube) e várias intros de filmes de terror, que por conta de direitos autorais, não pudemos incluir no EP.

Apesar de ser um EP, é interessante que os quatro discos de estúdio estão representados nele, com duas músicas de *Aeon Zero* e uma de cada um dos outros três. Acredita que este EP possa ser uma porta de entrada para alguém que não conferiu ainda o som do The Ogre ou mencionaria outro disco como cartão de visitas?

Diogo: Talvez, realmente engloba um pouco de cada disco, mas é uma versão mais crua e direta das músicas; no disco temos duas guitarras, teclados e outros elementos. Porém, gosto bastante quando ao vivo é diferente do disco, dá motivo para escutar a versão; se for igual, não tem porque ouvir o ao vivo. Em relação à apresentação para o ouvinte que não conhece o som, sempre gosto de ouvir o último lançamento das bandas e depois ir ouvindo os anteriores, mas isso sou eu particularmente.

A pergunta anterior se embasa sobretudo em relação à energia que o EP emana. Por sinal, sem overdubs. Podemos dizer que essa energia faz toda a diferença, certo?

Diogo: Com certeza! Como disse anteriormente, é uma versão crua das músicas, gosto quando tem até um erro aqui e outro ali. Um disco que tomo como base como meu favorito ao vivo é *A Real Dead One* (1993), do Maiden. Eles tocam mais rápido, e tem um ar bem direto. Acabo sempre seguindo essa filosofia de chegar e atropelar na apresentação.

The Ogre traz elementos de death, prog, thrash, heavy, black... Enfim, há uma fórmula, mas que não se restringe a um estilo. No entanto, de que forma você apresentaria ou resumiria cada lançamento da banda?

Diogo: Liricamente, mantenho uma linha sempre de 'mistérios' gerais, desde fantasmas, monstros, conspirações, óvnis e o maior de todos: nós mesmos. Tento não me limitar a assuntos específicos. Tendo uma história interessante e podendo apresentá-la de uma maneira legal, não vejo por que não usar. Eu trabalho a música em si em paralelo com o tema para realmente fazer sentido e criar uma atmosfera. Em *Idol Icon Black* (2015) eu estava explorando e usando tudo que aprendi em gravações anteriores da minha outra banda para conseguir, aos poucos, juntar todas as músicas de forma legal, sem parecer forçado e ter uma identidade própria. Em *Dead in the Water* (2018) busquei uma produção mais limpa e acho que tem elementos mais progressivos, mesmo em músicas mais extremas, que mostram um lado um pouco diferente. *Entity* (2019) foi o primeiro disco em que me senti 100% satisfeito com tudo, desde a produção até as próprias composições. E finalmente em *Aeon Zero* sinto que consegui evoluir sem perder a identidade. Composições como *Datadeity* e *The Mountain of the Cannibal God* são exemplos de temas diferentes e únicos, mas ainda com a cara do The Ogre.

Pensando em próximos lançamentos, o que o The Ogre está preparando em termos de estúdio? Dá para adiantar algum detalhe?

Diogo: Eu queria lançar um disco novo ainda neste ano, porém, não sei se consigo, gosto de compor e gravar sem pressa para dar meu melhor. Em breve vou soltar uma música nova, que se chama *Curse of the Zombie Demon*, para o pessoal ter um gostinho do que vem pela frente.

Thiago Prata

Clube de Revistas

TELLUS TERROR
CONCRETIZANDO SONHOS

Inspirados por bandas que fundem o sinfônico com o extremo, como Cradle of Filth e Dimmu Borgir, o Tellus Terror se prepara para lançar *DEATHinitive Love AtmosFEAR*. Este álbum explora temas universais, como diversas manifestações do medo e do amor, trazendo uma perspectiva única. Composta por Felipe Borges, Leo Pinheiro, Victor Magalhães, Marcelo Val, Alexandre Silveira e Rafaello Bato, a banda aproveita a experiência adquirida com o lançamento anterior, o profundo *EZ Life DV8*, prometendo inovações. Com corpse paint, ricas camadas de teclado e vocais guturais, o grupo busca agradar os amantes de sons extremos, mantendo a essência do metal sinfônico.

Tellus Terror fala de amor e medos com roupagem sinfônica e extrema

***Amborella's Child* consegue mesclar de forma magistral o sinfônico e o extremo em sua música. O que mais os atrai nesse estilo sonoro? Percebo uma influência de Cradle of Filth, estou certo?**

Felipe: Exatamente! Essa música incorpora uma atmosfera orquestral habilmente integrada às linhas extremas de voz, bateria e cordas, que estamos cultivando cada vez mais como nossa identidade musical. Pessoalmente, comecei a explorar vocais extremos ao assistir Dani Filth, e sempre me fascinou sua abordagem única, utilizando diversas técnicas, incluindo glissando, que apenas verdadeiros mestres conseguem executar. Ele desempenhou um papel fundamental no meu apreço por esse estilo, com certeza.

Qual é o significado por trás do título do álbum *DEATHinitive Love AtmosFEAR*?

Felipe: Seria algo como Morte Definitiva da Atmosfera de Medo do Amor.

Sua música exala uma aura sombria e vampírica. Quais são os temas das letras e quais foram suas inspirações para esses temas? Filmes, livros e séries influenciaram?

Felipe: Com a saída de alguns membros da formação original do *EZ Life DV8*, abrimos as portas para a criação de uma aura vampírica envolvente. Esse processo de mudança fortaleceu a identidade do Tellus Terror e deu origem à atmosfera central de nosso último álbum, *DEATHinitive Love AtmosFEAR*. No centro desse projeto está o conceito de "Dark Love", uma exploração das complexidades das relações amorosas. Nossas letras mergulham nessas situações, transcendendo barreiras geracionais e oferecendo uma narrativa que ressoa com uma variedade de experiências humanas. Essa abordagem destaca-se pela sua capacidade única de capturar as diferentes facetas do amor, desde as alegrias radiantes até as dores profundas. Ao longo dessa jornada criativa, buscamos refletir a diversidade de emoções que acompanham o amor em suas diversas formas. Desde as alegrias radiantes até as dores profundas.

A faixa-título do álbum tem um clipe animado. Pode nos contar mais sobre esse clipe e sua criação?

Felipe: Sempre fui fã de animações em estilo cartoon, e a narrativa da faixa-título sempre me pareceu adequada para um storyboard animado. Optamos pela empresa ANIDEOS nos Estados Unidos para realizar essa animação. Participei ativamente na edição do vídeo, realizando cortes adicionais e ajustes na colorimetria para conferir um ambiente mais sombrio. Achei que a ANIDEOS estava indo para um tom muito infantil, então busquei retirar a felicidade das cores iniciais (risos). O resultado final pode ser conferido em nossa página para aqueles que desejam assistir.

O refrão de *Darkest Rubicon* é um dos pontos altos do disco. Como surgiu essa parte da música?

Felipe: É difícil explicar! (risos) Esse refrão foi criado pelo antigo guitarrista Danilo durante sua breve passagem pela banda, e eu desenvolvi a linha vocal sobre ele, enfatizando vocais rasgados e agudos. Também acho que ficou muito legal (risos), espero que as pessoas curtam também.

Qual é o significado por trás do nome da banda Tellus Terror?

Felipe: Escolhi o nome Tellus Terror em setembro de 2012, dando destaque ao fato de que "Tellus" significa "Planeta Terra" em Latim, resultando em uma tradução literal como "Terror do Planeta Terra". O objetivo foi criar uma identidade que transcendesse fronteiras e fosse universalmente compreensível. A escolha do termo "Terror do Planeta Terra" não se limitou apenas à sua sonoridade impactante, mas também à intenção de abordar temáticas universais que ressoassem com pessoas de diversas origens, independente de classe, religião, orientação sexual, entre outros.

A banda utiliza corpse paint em suas apresentações ao vivo. Como o aspecto visual se relaciona com a composição musical?

Felipe: O corpse paint, assim como todo nosso figurino, combina perfeitamente com a temática de palco, iluminação, capa do álbum, etc., proporcionando uma sensação de terror/vampírico para aqueles que nos assistem nos shows ou veem nossos clipes no YouTube.

Como você vê a evolução da banda desde o primeiro álbum *Ez Life DV 8* até o presente?

Felipe: Tudo tem um começo, e lá em 2012 não sabíamos ao certo o que queríamos fazer rsrsrs O ex-baterista queria tocar Thrash, o ex-guitarrista gostava de barcos/vikings/Amon Amarth, e eu era fã de Morbid Angel, Emperor, Cradle Of Filth, entre outros. Assim, acabamos misturando tudo rsrsrs, e desse caldeirão surgiu o EZ Life DV8. Apesar das muitas resenhas positivas na mídia estrangeira, ainda sentia que algo me incomodava. Foi então que pude transformar a banda em um estilo único definido (Symphonic Death/Black Metal), oferecendo ao público um produto mais coeso e compreensível. Assim nasceu o atual Tellus Terror com o álbum *DEATHinitive Love AtmosFEAR*.

***Psycone Darxide* começa com um timbre meio eletrônico de teclado, o que foi surpreendente. Como escolheram os timbres de teclado para essa música e para o disco?**

Felipe: Essa ideia surgiu em colaboração com o ex-tecladista, pensando desde o início em criar um clipe que retratasse bem a fase da adolescência, onde o amor e a atração física se manifestam em várias pessoas ao mesmo tempo, explorando a vida noturna em uma boate, no estilo Dark. Quanto aos timbres, aqui no Tellus Studio, utilizo VSTs do Majestica, Spitfire, Kontact, Omnisphere, etc., e foi a partir dessas ferramentas que surgiram todos os timbres de teclados e sintetizadores do álbum.

Quais são os cinco discos que mais os influenciaram no gênero de metal sinfônico extremo?

Felipe: Claro, para mim, os cinco discos que mais influenciaram no gênero de metal sinfônico extremo foram: *Dusk And Her Embrace*, do Cradle of Filth; *Enthrone Darkness Triumphant*, do Dimmu Borgir; *Anthems to the Welkin at Dusk*, do Emperor, *In Defiance of Existancce*, do Old Man's Child; e *Vovin*, do Therion.

Gustavo Maiato

Clube de Revistas

ECLIPSED
DOOM METAL PARA REFLETIR

Formado por Kyle Redn (vocal e guitarra), Luís Eduardo (guitarra), Italo Monteiro (baixo) e Viktor Moreira (bateria), o Eclipsed propõe um doom metal com bastante peso e repleto de letras que tratam de temas reflexivos, que vão desde distanciamento e perdas até relacionamentos conturbados. A estratégia de lançar singles – como *Restless Sea* e *Forgotten Mind* – atiça a curiosidade para o primeiro álbum completo do quarteto natural de Teresina/PI. Ele já tem título: *Empyrical Ways of Beginnings*, e deve ver a luz do dia em algum momento do começo de 2024.

Divulgação

Eclipsed propõe temas que vão de perdas até relacionamentos conturbados

Como a cena musical de Teresina influenciou a formação e o desenvolvimento da banda?

Kyle Redn: Na banda, todos estamos na faixa dos 30 aos 40 anos. O Viktor é o mais experiente, tendo tocado em várias bandas, enquanto eu e Luís Eduardo já tivemos projetos anteriores. O Ítalo, nosso baixista, está em sua primeira banda. A ideia de criar a banda surgiu durante a pandemia de 2020. Com poucos instrumentos à disposição, convidei Ítalo para tocar guitarra, que mais tarde mudou para o baixo. Compusemos uma música chamada *Forgotten Mind* e decidimos gravá-la em 2021. A cena musical local nos apoiou, e fomos influenciados por bandas como Into Morphin e Anno Zero.

O single *Forgotten Mind* lançado em 2021 tem alguma conexão com o lançamento de *Forgotten Re-Mind*, de 2023? Qual é a história por trás dessas músicas com títulos relacionados?

Kyle: O lançamento de 2023 representa uma releitura do trabalho originalmente concebido nos primórdios da banda. Este novo álbum oferece uma perspectiva atualizada das ideias e conceitos explorados em *Forgotten Mind*, agora enriquecidos pelas experiências de Viktor e Luís Eduardo, que se juntaram à formação. Nessa revisitação, as letras foram modificadas e o conceito de dissonância cognitiva foi ampliado, enquanto a essência musical foi transformada em algo simultaneamente mais brutal e melódico.

***Forgotten Mind* aborda a ideia de não entender a própria mente e sentimentos de confusão. Quais foram as principais inspirações por trás dessa composição?**

Kyle: A letra dessa música busca explorar a psique de uma mente tumultuada, que se vê atolada por medos e desafios intransponíveis, levando-a a um estado de esquecimento dentro de si mesma. Nesse cenário, prevalece uma sensação de isolamento e perda, criando um abismo entre o indivíduo e a realidade circundante. À medida que a música avança, o protagonista mergulha em um abismo de desespero profundo, culminando na perda de sua própria sanidade. No entanto, mesmo nesse estado extremo, ele consegue reunir um resquício de racionalidade suficiente para buscar ajuda, lançando um último apelo em busca de resgate.

***In Praise of Shadows* é mais enérgico e com semelhanças com o Opeth em alguns trechos. Quais são suas principais influências musicais e como elas contribuíram para o som da banda?**

Kyle: Essa música, como a maioria das composições da nossa primeira fase, teve origem em um riff apresentado por um dos membros da banda, nesse caso, o Viktor. É importante ressaltar que os quatro integrantes têm origens musicais bem distintas, o que se reflete nas nossas músicas, que acabam se tornando uma fusão de influências, adquirindo a identidade característica da Eclipsed. *In Praise of Shadows* não foge a essa tendência, e creio que Viktor trouxe elementos de bandas como Gojira e Meshuggah, que, combinados com nossa abordagem musical, resultaram em uma sonoridade reminiscente do Opeth, especialmente no que diz respeito a estruturas de tempos compostos.

No segundo semestre de 2022, a banda registrou o single *Restless Sea*. Quais foram os desafios e inspirações envolvidos na criação dessa música?

Kyle: Essa faixa tem uma história fascinante. Há quase quinze anos, Viktor a compôs durante uma sessão com um amigo. No entanto, a música foi colocada na gaveta por um tempo. Mais tarde, outro amigo daquela época ajudou Viktor a reestruturar os riffs, registrando-os em formato de áudio para que a música não se perdesse no tempo. Curiosamente, a letra também foi escrita pelo Viktor e aborda um relacionamento conturbado que ele vivenciou na mesma época. A metáfora do 'mar bravio' é utilizada para descrever essa relação abusiva e repleta de obstáculos.

As letras exploram temas tanto de fantasia quanto da realidade da mente, muitas vezes abordando o existencialismo de forma metafórica. Onde a Eclipsed busca suas referências para criar as letras de suas músicas?

Kyle: Buscamos inspiração em uma ampla variedade de formas artísticas para criar nossa música, incluindo filmes, poesia, livros e até mesmo nossas próprias experiências pessoais. A maneira como vemos o mundo tem uma grande convergência entre os membros da banda. No que diz respeito à autoria das letras, essa responsabilidade recai essencialmente sobre mim e Viktor, e nossa parceria nesse aspecto é muito sólida. Gosto de criar narrativas que envolvam situações e eventos, com a intenção de deixar interpretações abertas para o público.

A introdução de *Left Roads*, lançada este ano, é pesada e arrastada. Quais foram as principais inspirações por trás dessa abordagem musical?

Kyle: O segundo riff da introdução foi composto por mim, e depois ganhou um riff antes, com notas mais agudas, feito pelo Luís Eduardo. Minha intenção foi iniciar a música com uma pegada arrastada e sombria ao mesmo tempo, que de repente se tornaria algo pesado, mesmo que com power chords simples, para dar a sensação de impacto ao passo que fosse objetivo também, seguidos de versos com o mesmo riff, com pequenas variações e arpejos na segunda guitarra. A base segue firme, dando ideia de continuidade para uma historinha ser apreciada com calma pelo espectador.

***Empyrical Ways of Beginnings* será o álbum de estreia da banda. Pode nos adiantar algo sobre a sonoridade e conceito por trás deste disco?**

Kyle: A sonoridade que você ouve hoje é o resultado dos singles lançados após *Forgotten Mind*, que marcou o início efetivo das atividades da banda. Começamos a compor rapidamente e finalizamos *In Praise of Shadows*. Logo depois, lançamos uma série de singles com diferentes conceitos, resultando em uma mistura de influências de cada um de nós. A banda estava sendo moldada no estúdio, com composições conjuntas realizadas pessoalmente ou em casa. Às vezes, resultava em uma música, outras vezes não (risos). Era um período de experimentação. Por isso, nosso primeiro álbum se chama *Empyrical Ways of Beginnings*.

Gustavo Maiato

Clube de Revistas

HEAVY METAL ROCK DESDE 1983 APOIANDO O METAL NACIONAL

TUATHA DE DANANN *THE NAMELESS CRY*

Sétimo álbum de inéditas da banda mineira de folk metal, tendo sido produzido por seu frontman Bruno Maia.

DESDOMINUS *30 YEARS LIVE*

De Americana/SP vem um dos principais grupos de Death / Black Metal do Brasil que completa trinta anos de carreira em 2023. Para celebrar o Desdominus apresenta o primeiro álbum ao vivo gravado em junho de 2022 na cidade de Limeira/SP.

arte: www.jluanteldesign.com

LETHAL CHARGE DOOMED

Banda Metal/Hardcore de Campinas/SP

CONFIRA NOSSO CATÁLOGO ONLINE
WWW.HMROCK.COM.BR
CDS, DVDS, LPS, VESTUÁRIOS, CALÇADOS, ACESSÓRIOS E MUITO MAIS!

HEAVY METAL ROCK
RUA 30 DE JULHO, 244 - AMERICANA/SP - CEP 13465-500
FONE: (19) 3461-8664 - INFO@HMROCK.COM.BR

/HMRock83 /HeavyMetalRock83 /HeavyMetalRock83 /HMRock (19) 99481-8669

Clube de Revistas

STRATOSPHERE'S PROJECT
REALIDADES QUE CONVERGEM

O desafio que Flávio Brandão, idealizador do Stratosphere's Project, enfrentou foi imenso: reunir cerca de vinte músicos para gravar um álbum cuja espinha dorsal é o power metal, mas que conversa com o lado mais moderno do estilo – com muito espaço para vocalistas convidados experimentarem vozes mais graves, por exemplo. O resultado foi *Dimensional Convergence*, disco que tem potencial para agradar os mais diversos fãs de power. A temática aborda temas como a realidade que nossos olhos não enxergam, mas que estão por aí em algum lugar. Confira mais detalhes desse projeto grandioso abaixo.

Flávio Brandão uniu cerca de vinte músicos para celebrar o power metal

Fotos: Divulgação

Como foi o processo de composição e gravação de *Dimensional Convergence*? Deve ter sido um desafio reunir todos esses músicos, certo?

Flávio Brandão: Foi um dos maiores desafios que já tive dentro desse ramo da música, com certeza. Gravar 19 pessoas de estados diferentes, em estúdios diferentes e com métodos de captação variados não foi nada fácil. No fim das contas, apesar de todos os desafios logísticos, acho que conseguimos entregar um bom álbum de power metal, com influências que vão do hard rock e do prog ao power metal mais extremo e rápido, tudo com toda excelência dos músicos convidados.

Existe algum tema que conecta todas as faixas? Podemos dizer que o álbum é conceitual ou cada música fala de algo diferente?

Flávio: A temática do disco veio de uma ideia que tenho há muito tempo dentro da minha cabeça de que a nossa realidade não é exatamente o que parece ser. Existem muitas camadas que nossa percepção humana nos impede de ver e sentir, sabe? Por exemplo, se você pegar um desses telescópios da Nasa, ele pode ver muito além do que nossos olhos são capazes de enxergar. Então a ideia geral meio que surgiu disso, da interdimensionalidade convergindo em realidades além da nossa compreensão.

Algumas músicas, como *Entangled Mind*, são mais voltadas para o power metal clássico, com pedal duplo, velocidade, solos e vocais agudos. Já outras, como *Waves of Creation*, apostam numa vertente mais moderna, com vocal mais grave. Como foi dosar essas referências no tracklist?

Flávio: Essa ideia de mesclar esses estilos foi proposital. Eu bem que poderia ter feito um álbum com vocais superagudos e super rápidos, quem sabe o disco inteiro tentando algo mais voltado a determinados mercados. Entretanto, essa nunca foi a ideia principal por trás do projeto. Eu tenho influências não só no power metal, mas também em outras vertentes do metal, então tentei construir algo que se possa chamar de power metal, mas que seja nitidamente influenciado por bandas mais tradicionais de outros subgêneros.

Qual foi a inspiração para a bela capa do álbum?

Flávio: Quando conversei com o artista gráfico Fabio Driusso, que sempre fez minhas capas, falei que queria uma figura que representasse um observador. A ideia de uma inteligência superior que monitora as dimensões e que tem a visão do todo. Foi isso que quis passar na arte. Acho que ele capturou bem a ideia maluca que eu tive. Ele definitivamente é um dos grandes artistas gráficos da cena atual na minha opinião.

Quais participações especiais no disco você destacaria como mais surpreendente?

Flávio: Todos os músicos convidados foram incrivelmente habilidosos em suas participações. Sem exceções, todos tiveram uma belíssima performance. Mas de qualquer forma eu gostaria de destacar o nosso querido professor Ariel Coelho e nosso amigo Rodrigo Ninrod! Foi uma luta para conseguir gravar esses dois, pois ambos estavam passando por problemas na voz durante o período de gravação do álbum. Eu fiquei realmente surpreso que mesmo com todas as dificuldades eles entregaram o melhor! Isso fez toda diferença.

Quais são os guitarristas de power metal que mais te influenciaram ao longo de sua carreira e por quê?

Flávio: Eu sempre ouvi muito Yngwie Malmsteen, além de Timmo Tolkki, antigo guitarrista do Stratovarius, e Paul Gilbert. Sempre tentei absorver um pouquinho de cada um deles mesmo caindo para um som mais voltado ao power metal. Acho que Paul Gilbert é o grande destaque da minha geração e ele certamente me influenciou muito.

Uma parcela dos headbangers costuma ter preconceito com o power metal. Como quebrar isso?

Flávio: Eu acho que é um gênero que está saturado faz alguns anos, mas se você pesquisar bem, existem tantos novos nomes incríveis no estilo surgindo nos últimos anos que eu aconselharia a todos ouvirem com o coração aberto. Temos uma banda que é referência no gênero não só nacionalmente como internacionalmente, que é o Angra, e também temos grandes nomes emergentes que merecem uma atenção desse público. Dê uma chance ao power metal brasileiro! Esse é meu conselho.

Como você avalia a recepção do *Dimensional Convergence* fora do país?

Flávio: Acho que pela primeira vez na história do Stratosphere's Project consegui alcançar um número considerável de pessoas na Europa, principalmente na Finlândia e Suécia. Isso é por si só um feito considerável pra mim, levando em conta que neste álbum apenas Caio Kehyayan tem projeção lá fora. Ou seja, isso é uma grande conquista para mim e para todos os participantes.

No Brasil, temos dois artistas hoje muito fortes no power metal na ativa, Angra e Edu Falaschi. Qual sua opinião sobre eles? Chegou a ouvir *Eldorado* e *Cycles of Pain*, os novos trabalhos deles, respectivamente?

Flávio: Eu ouvi os dois álbuns e achei ambos muito bons! Primeiro, temos o Edu em sua carreira solo e o Angra agora lançando o melhor disco de sua atual formação. *Eldorado* veio para estabelecer a nova fase do Edu e acho que *Cycles of Pain* veio para trazer o que há de melhor do Angra. Ambos fizeram trabalhos de nível altíssimo e levantaram a barra do metal lá em cima não só no mercado nacional como no internacional.

Quais são os cinco álbuns de power metal que mais te influenciaram? E como eles influenciaram no seu processo de composição?

Flávio: Eu diria o seguinte: *Nightfall in Middle Earth*, do Blind Guardian; *Unification*, do Iron Savior; *Better than Raw*, do Helloween; *Somewhere out in Space*, do Gamma Ray; e *Mistress of the Shadowlight*, do Secret Sphere. Eu gosto muito de como esses álbuns são estruturados e da forma como as músicas são construídas. Os arranjos e as levadas rítmicas me inspiram muito.

Gustavo Maiato

Clube de Revistas

XFEARS
EM PLENA EXPANSÃO

Criado em 2002 na cidade de Campinas/SP, o XFEARS teve alguns finais e reinícios até se reestruturar de forma profissional em 2020. O primeiro disco, *The First*, veio no ano seguinte e já em 2023 saiu o segundo trabalho, *Reasons for Change*, trazendo, como diz o nome, algumas mudanças. A principal foi na formação, uma vez que do time que registrou o álbum de estreia permaneceram apenas o líder, fundador, vocalista e tecladista Gabriel Carvalho e o baterista Douglas Polents. Para falar sobre isso e sobre os planos da banda, Gabriel conversou com a ROADIE CREW.

Douglas Tognoni, Gabriel Carvalho, Nando Cavaccini e Murilo Barim: classe no prog metal

O XFEARS lançou o primeiro disco, *The First*, em 2021, e agora solta o segundo que tem como título *Reasons for Change*. Observa-se que houve uma grande mudança na formação, só permanecendo você e o batera Douglas Polents. Por que aconteceu essa troca radical de integrantes? E é esse o motivo do título?

Gabriel Carvalho: O primeiro álbum de estúdio da banda foi um sonho realizado por amigos que tinham este objetivo em mente: gravar um disco. Para meus amigos que deixaram a banda, este objetivo cumprido já satisfez seus ideais, porém não os meus e os de Douglas, que queremos que o XFEARS se torne uma banda consagrada na história do metal progressivo. A saída dos três integrantes foi super amistosa e sem dúvida foi melhor deste modo. Eles não pensavam em levar a banda de modo profissional. Com a saída deles, ganhamos dois reforços incríveis, Nando Cavaccini (guitarra) e Murilo Barim (baixo), que têm o mesmo ideal que eu e Douglas: seguir adiante, não importa o que aconteça. Todos curtimos o processo evolutivo do XFEARS e isso é fundamental para se estar em uma banda de metal autoral. O nome do álbum está relacionado com algumas das letras das músicas e também com essas mudanças que aconteceram.

Comparando os dois álbuns, percebe-se que a banda evoluiu em vários aspectos: composições, produção, até a arte está mais profissional. A que se devem tantas mudanças em tão pouco tempo?

Gabriel: Sem dúvida, isso se deve ao fato de que realmente ouvimos as críticas construtivas, pois com o lançamento de *The First* recebemos muitos comentários e muitas resenhas sobre o álbum. Tudo foi avaliado e tentamos corrigir o que estivesse a nosso alcance para melhorar no segundo álbum. Queríamos mostrar uma evolução. Além disso, a experiência de um primeiro álbum traz uma maturidade para se fazer uma produção melhor no seguinte.

Mesmo assim, o teclado continua comandando as ações e bem à frente dos demais instrumentos na mixagem. É algo natural para uma banda em que o líder é o tecladista?

Gabriel: Eu acredito que sim. Normalmente, as composições da banda iniciam-se no piano e seguem com os demais instrumentos, portanto é natural que tenhamos muitos teclados e pianos nas composições, tal como vemos em bandas como Savatage, Deep Purple, Genesis etc.

Outro aspecto que chama a atenção, isso desde o primeiro álbum, é o fato de as musicas serem muito acessíveis, a despeito de os temas se mostrarem bastante trabalhados. É uma preocupação para não tornar o disco entediante, como vemos tantas vezes nesse estilo?

Gabriel: Com certeza! Costumo dizer que nós queremos fazer música para que as pessoas se emocionem e para que reflitam sobre os temas de que as letras tratam. Queremos o público agitando ao vivo e não entediado por centenas de solos e malabarismos instrumentais. Respeito demais as bandas e projetos que visam a técnica instrumental e admiro muito estes músicos, mas como compositor jamais este será meu objetivo e do XFEARS.

Vocês se intitulam uma banda de prog metal, mas vejo influência de outros estilos, como o rock progressivo dos anos 70 (por exemplo, em *Peace Within*). Você concorda com isso? Em caso positivo, isso se deve ao fato de você ser tecladista e as principais bandas de progressivo terem grandes tecladistas na formação?

Gabriel: Absolutamente! O rock progressivo é o estilo que eu particularmente mais admiro e que mais me influencia. Cresci ouvindo Rush, Marillion, Genesis e Yes, dentre outros. Todos nós gostamos muito de metal também, portanto esta mescla de influências está em nosso som.

Vocês gravaram um cover de *The Show Must Go On*, do Queen. Apesar de ser uma empreitada arriscada (já vi muita banda passando vergonha ao tocar Queen), vocês conseguiram fazer um ótimo trabalho. Mas por que incluir um tema como esse num disco de músicas próprias?

Gabriel: Esta é uma marca que queremos deixar registrada em nossa discografia. Acreditamos que trazer um tributo em nossos álbuns é saudável, interessante e além do mais nos conecta com um público que de repente não olharia para o nosso trabalho se não fosse pelo tributo. No primeiro álbum trouxemos um tributo ao Nevermore e neste segundo um tributo ao Queen. A escolha da música se deu pelo fato de que perdemos bons amigos músicos neste último ano e quisemos de algum modo homenagear estas pessoas, tanto que no videoclipe oficial trazemos cenas destes amigos que já se foram.

O primeiro disco da banda foi um lançamento independente. Já *Reasons for Change* saiu pela Metal Relics. Como se deu essa parceria?

Gabriel: O Jorge (Metal Relics) se tornou um grande amigo nestes últimos três anos. Ele sempre me aconselhou sobre os melhores caminhos a seguir com a banda e no final do ano passado me fez este incrível convite de entrar para o cast da Metal Relics. Nossos álbuns são distribuídos mundialmente pela Metal Relics.

Tenho visto a banda sempre envolvida em shows, festivais etc. 'Mostrar a cara' é o melhor caminho para se divulgar uma banda independente?

Gabriel: Acreditamos nisso! Quem não é visto, não é lembrado! Hoje em dia o boca a boca faz a diferença, além de mostrar que a sua banda está de fato interessada em crescer e ajudar o movimento.

Tocar no exterior é um objetivo de vocês? O que falta para isso se realizar?

Gabriel: É um dos principais objetivos, mas acreditamos que ainda não chegou a hora. Precisamos de mais estrada no Brasil, mais apoiadores mundialmente e mais material para que faça sentido uma pequena turnê na Europa, por exemplo.

Quais os principais planos da banda daqui para a frente?

Gabriel: Continuar a compor novas canções, buscando a cada novo álbum maiores amadurecimento e inspiração para trazer canções e álbuns de qualidade para o público. Nós fazemos música pela simples paixão pela música! Queremos a cada dia expandir nosso nome pelo Brasil e pelo mundo, e sabemos que somente com o tempo isso irá acontecer. Por isso é tão importante aproveitar e curtir o processo!

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

ENTREVISTA
KUAZAR
O poder do thrash paraguaio

Recentemente, a Câmara dos Deputados do Paraguai aprovou um projeto de lei declarando de "interesse cultural" o clipe de *Machete Che Pope (Acosta Ñu)*, faixa do segundo trabalho de estúdio da banda de thrash metal Kuazar, *Hybrid Power*. De acordo com o jornal Crónica, se trata de uma conquista importante para o cenário do metal do Paraguai. "A batalha de Acosta Ñu (batalha de Campo Grande) foi um dos momentos mais sangrentos, violentos e tristes da guerra da tríplice aliança (guerra do Paraguai)", comentou o fundador, vocalista e guitarrista Josema Gonzalez. Na entrevista à ROADIE CREW, ele fala mais sobre a história da banda, a ligação dela com o Brasil, do videoclipe polêmico e dá todos os detalhes acerca de *Hybrid Power*, sucessor do debut, *Wrath of God* (2009), lançado em junho e que combina elementos do thrash metal moderno com toques da cultura paraguaia.

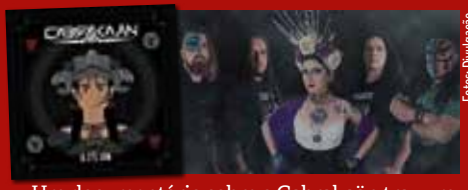
ENTREVISTA
IRON SAVIOR
De volta para a luz

O vocalista, tecladista, guitarrista e produtor Piet Sielck é uma figura proeminente no cenário do metal germânico. Ativo há cerca de quatro décadas, trabalhou com Kai Hansen no Gentry, além de ter tido a companhia do saudoso Ingo Schwichtenberg e de Markus Grosskopf no mesmo projeto. Expandindo seus horizontes, se tornou produtor, e trabalhou ao lado de nomes como Grave Digger, Blind Guardian e Gamma Ray. Porém, foi na segunda metade dos anos 90, ao fundar o Iron Savior, que deu sua maior contribuição para a história do metal. Confira mais sobre ele na entrevista!

MEMÓRIA
RC #191

"Minha mãe tinha resolvido finalmente ver um show do Queen e ele aconteceu justamente no dia em que *Bohemian Rhapsody* alcançou o primeiro lugar", Roger Taylor, baterista do Queen, sobre o apoio dos pais.

DOCUMENTÁRIO
CABRAKAÄN
Folclore mexicano



Fotos: Divulgação

Um documentário sobre o Cabrakaän traz um novo olhar sobre o metal no folclore mexicano. Além do álbum *Aztlán*, foi produzido um documentário explicando a formação musical e as tradições da banda radicada no Canadá.

ASSINATURAS
E números atrasados

Para números atrasados ou fazer a assinatura para receber a ROADIE CREW em casa, acesse: www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo whatsapp: (11) 96380-2917.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Diretor/Editor)
Within Temptation - *Bleed Out*
Angra - *Cycles of Pain*
I Prevail - *True Power*

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Faces Of Death - *Evil*
Bad Wolves - *Die About It*
The Defiants - *Drive*

Tony Monteiro (Redator)
Rolling Stones - *Hackney Diamonds*
Rival Sons - *Darkfighter*
Dr. Sin - *Acústico*

Durval Pires Neto (Leitor)
Volbeat - *Servant of the Mind*
Devin Townsend - *Lightwork*
Queens of the Stone Age - *In Times New Roman*

Letícia de Oliveira Barbosa Vaz (Leitora)
Blind Guardian - *Nightfall in the Middle Earth*
Black sabbath - *Paranoid*
Metallica - *Ride the Lightning*

Wladinei Lima (Leitor)
Volbeat - *Servant of the Mind*
Satyricon - *Deep Calleth Upon Deep*
Uriah Heep - *Chaos & Colours*

Galeria de Revistas

ETERNAL HATRED RECORDS APRESENTA:

ORTHOSTAT

ORTHOSTAT
THE HEAT DEATH

The Heath Death é um death metal nos moldes dos anos 90. Soturno, pesado e mórbido.

Com passagens técnicas e complexas e elementos de doom, trazendo a visão teórica trágica da morte térmica do universo.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Eternal Hatred Records · Spotify · DEEZER · amazon Prime music · Available on iTunes · MS Metal Records

Anúncio: www.jduartedesign.com

Clube de Revistas

Marcos Hermes

DOR E CRESCIMENTO

Rafael Bittencourt e Felipe Andreoli explicam o processo de aprendizado que resultou em *Cycles of Pain*, nascido para extrapolar o bem-sucedido *ØMNI*

Por Daniel Dutra

São mais de 30 anos de uma jornada que se assemelha a um passeio de montanha-russa. Porém, uma jornada que, entre subidas e descidas, manteve pela primeira vez a adrenalina em alta sem que fosse preciso ficar de cabeça para baixo para depois se recompor. Ao contrário dos ciclos anteriores, o Angra chega ao terceiro álbum de sua terceira fase sem apresentar sinais de saturação. Pelo contrário: o momento continua sendo de ascensão. E faz sentido que Fabio Lione (vocal), Rafael Bittencourt e Marcelo Barbosa (guitarras), Felipe Andreoli (bateria) e Bruno Valverde (bateria) tenham chegado a esse patamar com *Cycles of Pain*, um tratado sobre as dores que todos sofremos e carregamos na vida. Entenda por que nas palavras de Rafael e Felipe.

São cinco anos desde *ØMNI*, e houve uma pandemia nesse período. Como tudo o que aconteceu influenciou no conceito de *Cycles of Pain*?

Rafael Bittencourt: Começamos pela parte musical, como sempre fizemos, e eu escrevi letras assim como o Fabio, o Felipe e o Dennis Ward, nosso produtor, também. Ao fim, estávamos procurando o fio da meada desse processo todo, o que conectava todas as ideias, e percebemos a questão da dor. Essa influência não foi algo muito consciente, e sim natural. Tínhamos uma música já pronta, a *Cycles of Pain*, e procurávamos um título para o disco que também fosse uma das faixas quando percebemos que o título dela realmente se conectava com todos os outros, se conectava a todas as dores, porque também passamos por dores individuais e coletivas, como a pandemia. Não se trata de uma lista de dores, mas de como as dores vêm em ciclos que são necessários para nosso amadurecimento e crescimento. Então, sim, há dores pessoais como perdas; filhos adolescentes sofrendo para se posicionarem no mundo em plena pandemia; depois, para sair de uma pandemia, agora quase adultos, e se socializar depois de três anos em casa, tendo passado a virada para a vida adulta confinado... Vivemos muito esse drama com o meu filho e com o filho do Marcelo, que estão na faixa dos 18, 19 anos, todos sofrendo bastante por ter de socializar num mundo onde você aprendeu que a vida social é a mídia social, ou seja, sem ter tido contato humano. E foi uma geração inteira sofrendo, não apenas os nossos filhos, então há uma reflexão sobre as nossas dores individuais no mundo de hoje, as dores coletivas e outras que são muito endêmicas, como depressão, pânico, ansiedade, angústia, síndrome suicida. Tudo isso acabou virando um caldeirão de emoções, da nossa preocupação como pais e da nossa preocupação em geral, e o *Cycles of Pain* é quase como uma carta para as novas gerações. Uma carta de esperança, acolhimento e entendimento dessas dores, porque, antes de qualquer coisa, nos conectamos com essas dores e sofremos, também.

Felipe Andreoli: Não dava para a pandemia e tudo o que a humanidade sofreu não afetarem, de alguma forma, a maneira como os artistas colocam para fora os seus pensamentos. Falando especificamente da banda, nós passamos dois anos e meio afastados, longe uns dos outros, e embora hhaja a facilidade de fazermos tudo on-line no mundo de hoje, não tivemos capacidade de começar a escrever esse disco até o momento em que estávamos juntos. Isso fez muita falta para todo mundo, e foi preciso passar por toda a pandemia e por uma série de processos que aconteceram durante a pandemia para podermos nos encontrar e voltar a fazer shows. Para nos reconectarmos, e só depois que isso aconteceu fomos capazes de fazer música novamente. Não era por falta de vontade ou de planejamento, foi porque simplesmente não rolava. Essa interação humana fez muita falta! Isso é só um pequeno reflexo de tudo o que a humanidade passou, então era inevitável

que, de alguma forma, a pandemia, somada às nossas dores pessoais, afetasse os rumos do disco. Rolou essa falta de conexão. Estamos sempre nos falando, e em nenhum momento o Angra deixou de trabalhar, mas parece que cada um ficou meio preso no seu mundo durante aquele período. Eu fiz um disco (N.R.: *Resonance*, de 2021) e tive dois filhos, e cada um de nós passou por sucessos e percalços pessoais, só que na nossa conexão estava faltando nos encontrarmos. Depois disso é que as coisa começaram a andar de novo.

Rafael: E isso se deve muito ao fato de sermos de uma geração da conexão pessoal, física, de olhar nos olhos, de dar um tapa nas costas do outro e falar 'puta que pariu!'. Nós aprendemos a socializar in persona.

Essas dores pessoais e coletivas acabaram sendo o norte do novo álbum desde o início, ou seja, não houve nenhuma alteração no material depois de vocês se reconectarem presencialmente?

Rafael: Não mesmo. Ao procurarmos o fio que conectava as músicas que já estavam prontas, entendemos que esse era o fio. Na verdade, foi muito mais um olhar nosso do tipo 'o que será que esse trabalho está revelando?', e a pandemia nos trouxe a oportunidade de sermos realistas. Entendemos que o público tem uma tendência a gostar de um universo de fantasia, de mistério, seja do lado fantástico do "Senhor dos Anéis", seja de contemplações filosóficas, do mistério religioso. Assim como os fãs de videogames, grande parte do público de power metal gosta de ouvir suas bandas favoritas para fugir da realidade, não para ficar diante da realidade que os grupos de death e thrash metal gostam de trazer de maneira nua e crua, muitas vezes até agressiva. Só que nós gostamos dessa abordagem mais realista, inclusive as bandas que nos inspiram são assim. Posso falar um pouco por mim, mas acredito que a maioria da banda também pensa assim, porque somos muito mais inspirados por letristas realistas do que aqueles que escrevem sobre o universo de dragões e fantasia. Eu endosso o que o Felipe falou sobre a pandemia, porque não tinha como fugir, não tinha como falar 'olha, o mundo acabou de sair de uma pandemia! Vamos falar sobe luta de espadas contra dragões'. Não, vamos botar os pés no chão e falar da dor! Foi algo quase inconsciente, sim, mas que estava presente em tudo o que escrevemos porque não tinha como fugir, realmente, Era uma emoção contida por cinco anos, desde o *ØMNI*, e que precisava ser extravasada.

E isso coincide com o atual ciclo da banda. Ao contrário dos dois anteriores, este terceiro está em ascensão, com álbuns cada vez melhores.

Felipe: Concordo! *Cycles of Pain* é o melhor dos três discos com o Fabio, que, para mim, é o grande marco desta terceira fase. Isso é resultado de vários fatores, e um deles é a nossa experiência de ter passado por tudo isso e aprendido muito com as dores que tivemos no passado, causadas por problemas de relacionamento, por eventuais falhas de comunicação ou mesmo falhas dentro da própria estrutura da banda que geraram desgaste. Aprendemos muito com isso e hoje nos preocupamos bastante com esse lado, porque tem a ver com as personalidades de cada um dentro da banda, mas não é só isso. É também como nos relacionamos internamente, o respeito que temos uns pelo outros e, acima de tudo, a amizade. Acredito que tem um lado objetivo, no sentido de aplicar a dor a seu favor como um degrau para a evolução, que é um pouco do conceito do *Cycles of Pain*, mas também tem a ver também com... Talvez não seja, mas eu vou chamar de "sorte" de ter encontrado um grupo de pessoas que consegue se respeitar, se gostar e trabalhar em prol do mesmo objetivo, apesar de cada tem um ter a sua própria personalidade. Não concordamos sempre em tudo, às vezes podemos entrar num embate sobre determinado assunto, mas o coração de cada um está num bom lugar. Estão todos olhando para o mesmo objetivo, cada um com a sua visão, e procuramos usar isso a favor do Angra. Posso resumir da seguinte forma um dos grandes aprendizados que levo para a vida toda: extrair o melhor que cada um dentro do grupo tem para dar a esse grupo, ao mesmo tempo em que não se espera de ninguém desse grupo o que não pode ser oferecido. É esperar da pessoa as características que ela possui, e não as que não tem. É usar o melhor dela, e não forçar para extrair o que ela não tem. Temos obtido muito sucesso nesse aspecto.

CYCLES OF PAIN
Atomic Fire/Voice Music - Nac.

Rafael: E não procuramos replicar cada uma dessas diferentes eras, até porque não queremos que elas se encerrem depois do terceiro disco. No nosso olhar, existe uma coincidência natural, porque é a nossa dinâmica, é como as coisas nascem, e precisamos de tempo para elaborar o *Cycles of Pain*. Precisamos de três discos, de anos de turnês e de sintonia, por isso o Felipe fala que não é apenas sorte. Houve um amadurecimento em conjunto, e conseguimos agora por causa do desejo no coração de cada de que a banda prospere, de que continuemos, de que não aconteça um grande declive depois do terceiro álbum. Todos trabalharam com o mesmo objetivo: de o novo álbum ser a curva ascendente, e não o contrário.

Estamos falando do terceiro álbum com o Fabio e, também, o segundo com a mesma formação. Isso é importante para a banda tanto quanto é interessante que, para os fãs, não importa o fato de o Rafael ser o único integrante original.

Felipe: Verdade, e tem uma perspectiva bacana que preciso colocar aqui: não havíamos nos ligado nisso até olharmos para trás, porque já são oito anos que estamos com a mesma formação, e o marco disso é setembro de 2015, com a saída do Kiko e a entrada do Marcelo. O primeiro ciclo do Angra durou de 1991 a 1999, ou seja, exatamente oito anos, como agora. Isso faz diferença, claro, porque mostra como aquela formação terminou depois de oito anos, mas a de agora está, como você bem falou, numa curva ascendente. É exatamente sobre aprender, melhorar, amadurecer e ter um grupo que contribui para que isso aconteça.

Rafael: Há uma coisa curiosa, que é o legado nas costas, muitos anos de carreira, colaborar porque dá credibilidade ao nome, mas, em outros aspectos, ter o poder de atrapalhar no seguinte sentido: se uma banda nova, de qualquer país, estivesse lançando o seu primeiro CD, e este fosse o *ØMNI*, isso seria uma grande revelação, porque o *ØMNI* é foda, um puta disco, foi muito bem recebido por público e crítica, rendeu uma das turnês mais longas e bem-sucedidas que fizemos em todos esses anos de banda. Cada álbum vem com um histórico comparativo, tipo 'vou comparar com aquele outro álbum que eu gosto', mas esse comparativo

Clube de Revistas

começa a diluir quando a banda permanece com a mesma formação. As pessoas começam a comparar você com você mesmo, com o que você é de fato no momento atual, enfatizando que você agora é isso, é o agora. Sabe esses oito anos que o Felipe falou? Hoje, quando no público tem um cara que está com 18, 19 anos, isso significa que ele tinha 10, 11 anos quando mudamos a formação. Portanto, ele era uma criança e talvez nem soubesse que o Angra existia. Às vezes, precisamos até de mais tempo para nos restabelecermos, o que é triste, mas um fato, só que nesse caso o legado colabora. Somos o Angra, beleza, mas só depois de muito tempo podemos dizer 'cara, não estamos nos comparando com o que fomos no passado, e sim com o que somos já há oito anos'.

Isso é bem interessante. Eu criei um monstrinho, que é o meu filho. Com 4 anos, ele é mais fã do KISS do que eu (risos), e não importa se a foto da banda é uma de 1977 ou de 2023, porque é sempre Paul, Gene, Tommy e Eric. Ou seja, no caso do Angra, também há uma geração de fãs que conheceu a banda com a formação atual, o que deve ajudar vocês a trabalhar com mais tranquilidade, não?

Felipe: Ajuda demais! Primeiramente, há a tranquilidade de sabermos que temos um time forte, coeso e unido, o que faz com que a confiança e a moral da banda estejam sempre estáveis. Olhamos sempre para frente, visando evoluir, e percebemos nos shows a renovação do nosso público. E a galera tem comparecido, estamos fazendo shows lotados, com ingressos esgotados, e a primeira fileira está sempre cheia de jovens. Não é algo que acontece em todos os mercados, mas que acontece muito no Brasil. A cada show que fazemos, vemos nitidamente e bem de perto essa renovação. Sabemos que estamos no caminho certo porque, de repente, o cara que ouvia o Andre no *Angels Cry* (1993) e no *Holy Land* (1996) já deixou de ouvir o Angra. Talvez não acompanhasse mais a banda mesmo se o Andre tivesse continuado por mais tempo, porque aquela época passou, ele foi ouvir outras coisas, já que o lance do "metal adolescente" não o interesse mais. Mas o cara do "metal adolescente" está sempre no show do Angra, então percebemos que novas pessoas estão conhecendo a banda a partir da atual formação, e isso é muito legal.

Rafael: Outra coisa curiosa é o que você falou, Daniel, sobre estar "criando um monstrinho" com o seu filho, porque vimos notando muito nos nossos shows que, especialmente por causa da pandemia, os pais passaram mais tempo com os seus filhos e puderam influenciá-los. Ou seja, está chegando uma nova geração de rockeiros com os seus pais nos shows. Nos do KISS muito mais, claro, pois é uma banda com muito mais anos de estrada, mas temos percebido isso nos shows do Angra, também. São pais com seus filhos curtindo a banda porque durante a pandemia assistiram ao DVD, assistiram a vídeos no YouTube, e o rock em geral passou a ser uma coisa para se ouvir em família, deixou de ser coisa de rebelde, porque o rebelde agora é o cara que está mostrando a bunda e falando que vai sentar ou comer buceta, que está querendo chocar a moral, então o rock passou a ser uma coisa para se viver em família. Isso é legal, está trazendo para o Angra um novo público, aquele que curte tanto o Andre Matos quanto o Edu Falaschi e, também, a molecada que tem como novos grandes heróis os integrantes da atual formação. Às vezes, vemos essa molecada nas costas de um adulto, que pode ser o pai ou um tio, e é uma imagem sensacional!

"(...) *CYCLES OF PAIN* É QUASE COMO UMA CARTA PARA AS NOVAS GERAÇÕES. UMA CARTA DE ESPERANÇA, ACOLHIMENTO E ENTENDIMENTO DESSAS DORES (INDIVIDUAIS, COLETIVAS E ENDÊMICAS)."
RAFAEL BITTENCOURT

Apesar de o Angra ser majoritariamente rotulado como power metal melódico, *Cycles of Pain* mostra uma banda cada vez mais prog metal. Mesmo *Ride Into the Storm* e *Generation Warriors* trazem peso e técnica mais complexa do que se espera de nomes tradicionais daquele estilo. Parece-me uma quebra na fórmula, mas foi consciente ou inconsciente?

Rafael: Um pouco de cada, porque é fruto de vários laboratórios e de vários processos dos discos recentes, é fruto de estarmos mais bem sintonizados uns com os outros. Felipe falou uma coisa que é muito verdade: entendemos qual é o forte de cada um. Fabio participou muito mais da criação das melodias no novo álbum, e isso gera duas coisas legais: primeiro, a sensação de algo novo; depois, algo muito mais natural para ele. O pessoal está falando 'porra, ele está cantando para caralho!', e está mesmo, porque está cantando na zona dele, o que o deixa mais confiante, mais à vontade. Eu apenas substituiria "fórmula" por "estrutura", porque temos o seguinte desafio: com 30 anos de banda, há experiências e caminhos que são tomados que nem sempre agradaram a alguém, e hoje esse alguém está esperando por isso. Quando lançamos o *Holy Land*, muita gente não gostou porque adicionamos música brasileira: 'Como assim berimbau? Como assim maxixe? Como assim maracatu? Vocês estão loucos!', mas hoje é quase obrigatório misturarmos essas coisas, então os diferentes caminhos que fomos seguindo fazem parte da nossa história. Eles precisam meio que estar no disco para contemplar, só que não ficamos muito escravos disso. A grande verdade é que, como eu sou o mais velho, estou sempre mais atento a isso. O pessoal que está, vamos dizer, há menos tempo, como o Bruno, quer experimentar coisas novas, o que está no ouvido da galera, então é o

Clube de Revistas

resultado de nos soltarmos e darmos liberdade a nós mesmos, sim, mas também de termos alguma preocupação de passear pelos diferentes momentos musicais que elaboramos nos anos anteriores.

Felipe: Acredito que dá para fazer uma analogia com *Rebirth* (2001) e *Temple of Shadows* (2004). O primeiro foi o disco com o qual precisávamos provar uma porção de coisas, então fomos por um caminho mais garantido, vamos dizer assim. Embora não existisse garantia nenhuma, porque havia três caras novos e ninguém sabia o que ia acontecer, usamos o passado como guia para construir um disco que, apesar da grande mudança na formação, pudesse soar mais familiar. *Rebirth* e a turnê foram um grande sucesso, então estávamos muito confiantes e soltos quando nos reunimos para compor o *Temple of Shadows*, tipo 'beleza, cumprimos o que viemos para fazer. Agora vamos ser quem nós queremos ser e fazer o que nós queremos fazer'. Creio que é mais ou menos o sentimento de agora. Eu não digo que o *ØMNI* é um disco no qual estávamos amarrados ao passado ou com medo de alguma coisa, porque ele é muito mais experimental do que o *Rebirth*, por exemplo, mas o sucesso dele e da turnê nos deu mais confiança para o *Cycles of Pain*, porque soltou a banda ainda mais para experimentar e ser livre para colocar ideias, ir por outros caminhos e, de repente, até quebrar um pouco esse lance da estrutura. E você tem razão, porque não enxergo a estrutura do *Cycles of Pain* tão dentro do molde que o Angra muitas vezes usou, acredito que ele foge um pouco disso e é fruto da confiança adquirida de que o trabalho está sendo bem feito e bem aceito. Com a moral lá em cima, nós vamos em frente e arriscamos, mesmo! (risos) É muito legal porque, mesmo assim, tenho ouvido as pessoas que escutaram o disco falarem 'está na cara que isso é Angra, mas vocês estão indo por caminhos diferentes', e é isso que eu quero.

Falamos sobre os aprendizados que levaram a banda ao bom ambiente interno em que se encontra hoje. Porém, quais foram os ciclos de dor e lições para o Angra ser o que é e estar onde está?

Rafael: Desde o começo, a minha ideia era criar um grupo forte nos seus indivíduos, ou seja, com indivíduos talentosos e resultado no coletivo, algo diferenciado como Queen, Rush, Yes e Genesis, bandas que tive como referência. Seus músicos eram individualmente importantes e talentosos, e também criavam algo relevante como grupo. Isso é muito difícil, foi um trabalho de muitos anos, de erros e acertos, então acredito que as dores são as dores das separações, dos desentendimentos, de ser uma banda sediada na América Latina com expressão internacional, ou seja, geograficamente distante do núcleo do estilo. São dores das dificuldades além das dificuldades humanas, e foram necessários 32 anos para o Angra chegar na maturidade do *Cycles of Pain*. É por isso que hoje nós soltamos rojão e celebramos, porque, no fim das contas, a dor nos molda e vem para um bem maior.

Felipe: E o grande recado do disco é que não é para usar a dor de uma forma depressiva, ficar curtindo a dor, e sim aceitar que a dor é parte da vida. Nós nascemos na dor. Por mais que se tente evitá-la, ela é inevitável. Você vai perder pessoas e vai passar por dificuldades, mas sempre vai ter a reviravolta de como usar isso a seu favor, para não deixar a dor lhe derrubar, e sim deixá-lo mais forte. Não de uma forma piegas, mas de uma forma real, porque é o que vivemos. Ninguém passa sem marcas por um período como o da pandemia, pelas diferentes dores pessoais que passamos. No caso do Angra, por tudo que a banda enfrentou nesses 32 anos. Você pode deixar que as marcas o firam ou lhe tornem uma pessoa amarga, inconformada e frustrada, ou pode usá-las para o seu crescimento. Em todas as músicas existe a reviravolta 'Ok, você passou por tudo isso, mas existe um horizonte, existe um caminho pela frente'. Uma analogia muito legal é do tênis, um esporte complexo e difícil, que exige coordenação motora fina e uma técnica muito detalhada. Eu jogo tênis e sei que ao errar aquela bola fácil, que faria toda a diferença no desenrolar do jogo, qualquer treinador vai falar 'se você ficar lembrando do seu erro, você vai perder, vai deixar que esse erro o atrapalhe durante o restante da partida e vai perder'. Você errou? Beleza, mas você sabe por que errou. Então, próximo assunto! Pense no futuro, pense no próximo ponto, pense no próximo set! Acredito que é um pouco assim, mesmo. Erros acontecem, e precisamos fazer uma análise e entender por que aconteceram, usá-los a nosso favor para termos um futuro mais harmônico e mais positivo.

Para terminar, gostaria de fazer uma única pergunta sobre o Andre, porque ele conseguiu fechar capítulos com Viper e Shaman, por exemplo, mas não com o Angra. Essa página ficou em branco. Como é isso para você, Rafael?

Rafael: Acredito que o Andre entra num capítulo maior, na verdade. Essa história entra no capítulo de desafetos e relações mal resolvidas, então não é apenas o Andre, mas é uma grande dor para mim, porque sou um cara que gosta de estar harmonizado, que gosta de ter 'like' e aceitação, porque gosto de ter amigos e me inspiro nas relações pessoais. Quando tenho o prazer de estar com as pessoas na banda, eu também tenho prazer de fazer música com elas, a minha produtividade

"TENHO OUVIDO AS PESSOAS QUE ESCUTARAM O DISCO FALAREM 'ESTÁ NA CARA QUE ISSO É ANGRA, MAS VOCÊS ESTÃO INDO POR CAMINHOS DIFERENTES', E É ISSO QUE EU QUERO."
FELIPE ANDREOLI

Fotos: Marcos Hermes

Clube de Revistas

aumenta com boa dinâmica e relação pessoal, então esse é um capítulo grande e que vem trazendo muitas dores recentes. No caso do Andre, foi interrompido pela morte, e a morte é aquela coisa que você simplesmente tem de aceitar. Não é algo que está sob o meu controle, não posso me culpar por ele ter morrido. Isso está muito acima de nós, então eu coloco essa história no particular, em algo muito mais profundo, de aceitação do destino, de entender que não temos controle sobre a morte. A morte do Andre uniu todo o cenário musical, o Angra fez show com o Shaman, com o Viper, foi algo que uniu muitas pessoas, porque a dor da partida dele... Nós só temos noção do tamanho do espaço que uma pessoa preenche quando ela se vai. Até ela morrer, não sabemos o quanto ela preenche a nossa vida. Chorei muito quando o Eddie Van Halen morreu, não sabia o quanto o Van Halen era importante para mim, e foi a mesma coisa com o Andre, sendo que eu não tinha nada para resolver com o Eddie. Era uma relação de fã e ídolo, mas que também tem uma pessoalidade porque faz parte da sua vida, de momentos de solidão, dos momentos em que você estava triste e ele o colocou para cima. Até o momento da perda, não nos damos conta disso. Quando o Andre foi embora, me deu um vazio porque percebi que o espaço que ele preenchia em mim era muito grande, maior do que eu calculava. E como foi Deus, o destino ou o acaso que o tirou de nós, eu só pude aceitar e transformar isso em algo espiritual. Creio que aquilo que está além da nossa compreensão é o universo, que posso chamar de espiritual. Passei a me relacionar com o Andre num nível espiritual, num nível de profundidade. Não tenho arrependimento nenhum, porque muito da nossa separação foi por escolha dele. O Andre escolheu que não queria mais trabalhar comigo, escolheu muito antes disso que não queria mais ser meu amigo, então foram escolhas dele que eu também tive de aceitar. Quando ele morreu, também precisei aceitar que qualquer esperança minha de uma reconexão não era mais uma possibilidade. Era algo que nem estava na minha consciência, mas que apareceu como um fato; eu não poderia nem mais cogitar. Aceitei e passei a me relacionar em pensamento com o Andre, que é uma alma no universo. Há a memória do impacto dele na minha vida, e exerço essa gratidão nas conversas que tenho com ele. Nessas conversas, nessa minha relação com o Andre na minha psique, eu pude resolver... Já que eu não pude me resolver com ele em vida, resolvo nesses diálogos, que me ajudaram muito na confecção das letras, no meu envolvimento com a banda, e sinto que o Andre torce por nós. Seja fantasia ou conexão espiritual, eu sinto que ele torce por nós. Onde quer que o Andre esteja, ele joga a favor do Angra. Do plasma da memória atemporal ou num possível universo espiritual não comprovável, eu sinto que o Andre emana boas energias para nós, até porque o Angra só existe por conta do meu encontro com ele.

"(...) SINTO QUE O ANDRE EMANA BOAS ENERGIAS PARA NÓS, ATÉ PORQUE O ANGRA SÓ EXISTE POR CONTA DO MEU ENCONTRO COM ELE."
RAFAEL BITTENCOURT

Felipe Andreoli, Bruno Valverde, Fabio Lione, Marcelo Barbosa e Rafael Bittencourt: o Angra 3.0, amudarecido pela dor e em contínua ascensão

Marcos Hermes

Clube de Revistas

SOUND CITY RECORDS
e·a·r MUSIC
Valhall Music

TARJA
DARK CHRISTMAS

Interpretações encantadoras de músicas de Natal como "Last Christmas" de Wham!, "All I Want For Christmas Is You" de Mariah Carey, "Wonderful Christmastime" de Paul McCartney, além de clássicos como "Jingle Bells", "Frosty The Snowman" e "Rudolph The Red-Nosed Reindeer", bem como a nova música original de Tarja "Dark Christmas"!
É o álbum perfeito para quem quer abraçar o espírito natalino!

VERSÃO DIGIPACK COM BLU-RAY
SHOW COMPLETO NO HELLFEST 2022

ALICE COOPER
ROAD

"Road" canaliza o espírito da velha escola de Alice com coragem instantaneamente reconhecível e muito entusiasmo.
É tudo o que você esperaria dele e muito mais.
O mestre da loucura, do horror show está de volta... então não tenha medo, apenas olhe em seus olhos!

www.pbmdesign.com

LANÇAMENTOS

DEEP PURPLE
LIVE IN HONG KONG

DEEP PURPLE
LIVE IN TOKYO

VERSÃO DUPLA DIGIPACK
SHOW COMPLETO NO FESTIVAL FRANCÊS HELLFEST 2017

DEEP PURPLE
INFINITE - THE GOLD EDITION

DISPONÍVEL

HANSEN & FRIENDS
THANK YOU WACKEN LIVE

NEW MODEL ARMY
SINFONIA

H.E.A.T
EXTRA FORCE

www.valhallmusic.com.br

Clube de Revistas

PLAYLIST

Por Leandro Nogueira Coppi • Fotos: Roberto Sant'Anna

▶ **Davidian:** "Mudou minha vida para sempre... E olha que foi provavelmente a última que compusemos para o álbum. Eu já tinha há tempos o riff do verso e do refrão, mas não tínhamos o começo e nem o final. O final era de outra música. Então, tudo se juntou, e na primeira vez que cantei a letra não era 'let freedom ring with a shotgun blast', mas 'get the fuck up to the bone breaking groove'. No começo, tocamos nas festas em casas, em galpões e aquelas cheias de barris de chope. Um amigo nosso fez uma festa em um galpão e queria que tocássemos. Ele disse que nos daria cerveja e bebidas de graça e nós dissemos: 'Claro, vamos nessa!' Fomos lá, e um monte de nossos amigos apareceu, todos estavam no mosh. Tocamos *Davidian* pela primeira vez com a letra original, e me lembro de chegar ao refrão e gritar 'get the fuck up to the bone' e olhei ao redor e pensei: 'Ah, não, isso não vai dar certo. Tenho que mudar isso agora. Isso é horrível. Que merda estou pensando? Isso é muito ruim!' Consegue imaginar se eu tivesse mantido a letra original? A história teria mudado. Felizmente, na manhã seguinte, acordei e pensei: 'OK, tenho que mudar isso.' Então, encontrei aquela linha ('let freedom ring with a shotgun blast'), testei-a no dia seguinte no ensaio e pensei: 'É isso, ótimo!' E assim ficou."

Álbum: Burn My Eyes (1994)

▶ **Take My Scars:** "Acredito que essa foi a primeira música que terminamos para *The More Things Change*. Tínhamos outros riffs, mas essa foi a primeira que terminamos do começo ao final. Sentia que era uma típica música do Machine Head, sabe? Lembro de pensar: 'Isso está começando a tomar forma agora.' Essa era a sensação."

Álbum: The More Things Change... (1997)

▶ **The Blood, The Sweat, The Tears:** "Ah, aquela batida disco... Foi a primeira vez que usamos uma batida disco music. No começo, não sabíamos o que fazer. Eu estava tipo: 'Não sei o que fazer com essa parte.' Ela mudou muito ao longo do tempo. Na verdade, a música se tornou o que é quando estávamos mixando o álbum. Ela tinha um riff totalmente diferente no verso, não eram apenas baixo e bateria. Tinha uma coisa diferente acontecendo lá. Lembro de pensar enquanto mixávamos com Terry Date: 'Tem muita coisa acontecendo, muitas notas, muita merda rolando.' Eu estava tipo: 'E se eu tirar a porra da guitarra e deixar apenas baixo e bateria?' E aí veio aquele estalo: 'Isso funciona!'"

Álbum: The Burning Red (1999)

ROBB FLYNN
MACHINE HEAD

▶ **NOME COMPLETO:** Lawrence Matthew Cardine
▶ **NASCIMENTO:** 19 de julho de 1967, em Oakland/CA (EUA)
▶ **BANDAS QUE INTEGROU:** Machine Head, Vio-lence e Forbidden Evil

▶ **Crashing Around You:** "Acho que é uma de nossas melhores músicas! Ela é muito sombria liricamente, mas provavelmente minha memória mais vívida é o vídeo que fizemos e que nos mostrava em cima de prédios que desabavam. Depois, aconteceu o 11 de setembro, e o dia em que deveríamos lançar o vídeo era no dia seguinte ao 11 de setembro. Vídeos com pessoas em cima de prédios que desabam simplesmente não seriam mostrados na MTV em qualquer lugar do planeta Terra na época. Eu estava tipo: 'Meu Deus, você não pode ter uma música chamada *Crashing Around You* em nenhum lugar.' Sequer havia espaço para mim no mundo naquele momento. Não havia nada para falar. A gravadora disse: 'Tem que ser lançado.' Então, saímos em turnê nos EUA seis dias depois do 11 de setembro, e as pessoas estavam meio vazias, meio atordoadas. Eu estava pensando a mesma coisa: 'Por que estou aqui? Por que estamos fazendo isso? Isso é loucura, por que estamos fazendo uma turnê seis dias após o 11 de setembro?' Mas fizemos, e tivemos alguns shows incríveis. Lembro-me de começar a falar sobre isso na versão ao vivo, adicionamos uma introdução lenta para *Crashing Around You*, e eu comecei a falar sobre os atentados, o que estávamos passando, sentindo e vendo. Tornou-se uma conexão intensa com o público, e ainda tenho pessoas me abordando vinte anos depois, dizendo: 'Cara, nunca esquecerei o que estava acontecendo e o que você disse no início dessa música quando assisti vocês naquela turnê.' Essas são as memórias de *Crashing Around You* para mim."

Álbum: Supercharger (2001)

▶ **Imperium:** "*Davidian* e *Imperium* são como dois pilares de algo. Foram compostas com nossas costas completamente contra a parede por razões totalmente diferentes. Minhas costas estavam contra a parede quando escrevi *Davidian* porque eu poderia ser esfaqueado ou baleado ou sequestrado por alguma gangue maluca em Oakland. E *Imperium* foi quando negociamos com nossa gravadora

Clube de Revistas

e todas as gravadoras que haviam prometido nos assinar nos últimos seis meses disseram: 'Não vamos assinar com vocês.' Fomos rejeitados por 35 gravadoras. Para *Through the Ashes of Empires*, no início, todos nos pediam para fazer demos e ouvir as novas músicas. No começo, fiquei meio chateado, mas depois da 25ª negativa de uma gravadora, eu estava tipo: 'Fodam-se vocês, vamos apenas começar a escrever um álbum e gravá-lo.' E *Imperium* foi a primeira música que compusemos. Eu a compus no Natal de 2002. No momento em que escrevi *Imperium*, foi uma sensação estranha. Minhas costas estavam contra a parede, mas, ao mesmo tempo, estava: 'Vamos fazer a melhor coisa que já fizemos.' Era quase como um desafio para mim e para a banda. A partir de *Imperium*, todas as outras músicas do álbum começaram a sair. Estávamos cheios de raiva e fomos em frente, escrevemos este álbum em 24 dias. Em 24 dias, começamos a gravar. Mas *Imperium* meio que liderou o caminho e mostrou que tínhamos algo grande acontecendo."
Álbum: Through the Ashes of Empires (2003)

▶ **Aesthetics of Hate:** "Essa para mim tem muito de Exodus, muito thrash metal da Bay Area, e é isso que eu queria. A intenção era que fosse a música de thrash metal mais feroz que tivesse sido composta em vinte anos. Eu só queria que fosse, tipo: 'Vocês se esqueceram do thrash metal? Escutem isso!' É de onde venho, é o que fazemos; leve isso para outro lugar, torne isso moderno, torne-o atualizado, mas com algo brutalmente selvagem e cheio de nuances de guitarra. *Bonded by Blood* é provavelmente o meu álbum favorito de todos os tempos e Slayer é minha banda favorita de todos os tempos. Essas são bandas que literalmente moldaram minha vida, e é por isso que estou aqui."
Álbum: The Blackening (2007)

▶ **Halo:** "Lembro que escrevi o riff do refrão cerca de cinco vezes. Eu estava mudando de tonalidade, não estava feliz com a direção que estava tomando, e toda vez que mudava, tinha que reaprender a tocá-lo. Essa música passou por muitas mudanças, demorou cerca de seis meses para terminá-la. Fiz a introdução e o verso, mas não conseguíamos descobrir como terminá-la, porque tínhamos apenas dois versos e sabíamos que precisávamos fazer algo mais. E tudo o que vem depois do segundo refrão, todas aquelas outras partes provavelmente foram reescritas umas trinta vezes. Então, em um momento pensamos: 'Oh meu Deus, essa música tem dez minutos, temos que reduzi-la para seis.' Aí jogamos tudo fora. Todas as partes foram retiradas, e no final da gravação do álbum meu guitarrista disse que nunca mais a tocaríamos ao vivo, mas agora ela é a que encerra todos os shows do Machine Head! Na primeira vez que tocamos foi um desastre. Foi tão terrível que dissemos: 'Nunca mais vamos tocar.' Passamos seis meses sem tocá-la e depois começamos a tocar em festivais na Europa. Aí percebemos que as pessoas estavam realmente se conectando com a música e continuamos tocando."
Álbum: The Blackening (2007)

▶ **Locust:** "*Locust* começou como uma música completamente diferente, o refrão a letra, tudo... Eu a compus, mas considerei a música ruim. Aí, deixei de lado por alguns meses e fui trabalhando em outra, e então escrevi letras, mas também achei ruim e descartei. Como não estava vindo nada, pensei: 'Talvez tente trazer aquela letra da *Locust* de volta aqui.' Foi o que fiz e funcionou! E ela é uma música bem especial, uma que realmente senti. No primeiro dia em que a tocamos, pensei: 'Temos algo aqui!'"
Álbum: Unto the Locust (2011)

▶ **Now We Die:** "Uma música que foi muito louca de compor, mas sabia no momento em que ouvi, quando Phil (Demmel) fez a introdução, o riff do verso ou o riff principal, exatamente o que ela precisava ser: simples e direta. Fomos na linha 'não complique, não desande, não tente ficar técnico'. Ela só precisava ser direta, meio AC/DC. Mas quando chegamos à parte do meio que escrevi, foi a primeira vez que colaborei com Rhys Fulber. Enviei para ele e Rhys gravou como o Fear Factory gravaria. O que ele me mandou de volta foi como se tivesse explodido minha mente, era incrível e no dia em que recebi, pensei: 'Tenho que cantar sobre isso.' Eu estava meio que em um lugar sombrio, mas lembro de ter escrito letras alguns dias antes disso. E eram realmente tristes. Enquanto estava cantando, comecei a chorar... Eu estava gravando sozinho, apenas lendo aquelas letras e chorando. Aquele momento único foi tão intenso, que pensei: 'Essa música vai ser algo realmente incrível.' Então tentei regravar uma versão em que eu não estava chorando e melhorar, mas nada superou aquela primeira tentativa, e foi ela que acabou no disco."
Álbum: Bloodstone & Diamonds (2014)

▶ **Catharsis:** "Eu amo essa música! Lembro que estava gravando e é engraçado, porque no início dela, inicialmente, os versos eram meio que parecidos com rap. Eu estava meio que fazendo um rap no estilo do Linkin Park. Ouvi isso, depois cantei o refrão e eles não tinham ideia do que eu faria, mas entrei e comecei a cantar um dia e achei legal. Mostrei aos caras e alguns adoraram o rap, mas na verdade eu não queria aquele rap. Não estava satisfeito. Então, tentei outra ideia. Eles voltaram e começou aquela discussão, porque queriam manter o rap e eu estava tipo: 'Não, eu não quero fazer rap.' Aí meio que decidi o que ia ficar. As tensões estavam altas, sinto que foi a decisão certa."
Álbum: Catharsis (2018)

▶ **Stop the Bleeding:** "É engraçado, eu tinha o instrumental dela há uns quinze anos, compus durante *The Blackening* e simplesmente não conseguia saber o que fazer. Gostava dela, mas às vezes você só escreve músicas e depois descarta. Nesse caso, eu não sabia o que fazer e coloquei-a no 'cemitério de riffs' ou no 'cemitério de músicas' que, talvez, dez anos depois você ressuscite. E foi o que aconteceu com essa música. Eu me lembro que durante um podcast, Jesse Leach disse que tínhamos que fazer uma parceria algum dia e aí aconteceu o caso de George Floyd. Tanto ele quanto eu estávamos indignados e cheios de raiva por causa daquilo tudo e então eu simplesmente despejei um monte de letras e disse que queria que ele cantasse a cada duas linhas. Enviei o riff, já que a música sempre me lembrou Killswitch Engage. Gravei minhas partes e depois dei a ele um guia de pista e ele adicionou muitas coisas. Ele levou para outro nível, adicionou harmonias incríveis, as respostas, todas essas coisas extras. Ele meio que cantou no estilo dele e deu à música uma vida totalmente diferente, que eu nunca poderia ter imaginado. Essa foi a beleza de trazer essa outra mente e ter aquele cara na música!"
Single: Civil Unrest (2020)

Clube de Revistas

Heitor Shevchenko/Divulgação

Amilcar, Rene, Mayara e Castor chegam a um novo patamar em sua arte com *Devilish*

TORTURE SQUAD

ARTE E DISCURSO SEM LIMITES

Banda paulistana vai além do clássico death/thrash e atinge novo patamar musical/lírico em seu excelente novo disco

Por Thiago Prata

Já são oito anos desde que Mayara "Undead" Puertas e Rene Simionato entraram para o Torture Squad e seis desde *Far Beyond Existence* (2017), primeiro full-length do grupo paulistano tendo a vocalista e o guitarrista como peças-chave para a banda se manter no olimpo do metal brasileiro. Após planos adiados por causa da pandemia, o quarteto, formado por Mayara (voz e teclado), Rene (guitarra), Castor (baixo) e Amilcar Christófaro (bateria), enfim lança seu nono álbum de estúdio, *Devilish*, alcançando um novo patamar de brutalidade e versatilidade. Batemos um papo com Mayara a respeito do momento da banda e contamos com pontuais colaborações de Castor e Amilcar na entrevista.

À ROADIE CREW #253 (março/abril de 2020), Amilcar relatava que a banda estava em pré-produção do novo álbum, que seria gravado no início daquele mesmo ano e teria produção de Diego Rocha (Bay Area Estúdios). A pandemia, infelizmente, frustrou os planos de artistas do mundo todo...

Mayara Puertas: Foi um período sombrio para todos conviver com o isolamento, a falta de perspectiva do retorno de shows e as preocupações com contágio. Tive muitos parentes e amigos que chegaram a ser internados, e perdemos pessoas queridas para a covid-19. Certamente a pior parte foi ver quem amamos partir. Tivemos de paralisar as gravações do nosso disco e repensar toda a estratégia de lançamento.

Então veio o retorno aos palcos e o lançamento de novos sons, como é o caso do single *The Fallen Ones* (2022) e também do ao vivo *Tortura en La Iglesia en Vivo* (2022). Como se deu a decisão de registrar essa apresentação e como foi o contato com os fãs naquele momento específico e ainda o retorno aos shows de forma geral?

Mayara: O La Iglesia vem se tornando um local emblemático para o underground paulista, com uma excelente estrutura de som e um ambiente que nos permite proximidade com os fãs. Somos uma banda que se atualiza com o passar dos anos, mas que jamais deixará de lado o underground e a proximidade com nossos fãs. Isso manteve a banda viva por todos esses anos.

Já *The Fallen Ones* nos apresentou a uma nova etapa do Torture Squad. Como foi para você apresentar tantas tonalidades de sua voz, dando exatamente aquilo que a música pede? E não falo apenas no sentido de ali termos a variedade de vocais rasgados, guturais, gritados e limpos, mas também no quesito interpretação.

Mayara: Esta foi uma música produzida e gravada 100% pela banda. Rene foi o responsável pela composição inicial e também fez a mixagem e a masterização em conjunto com Raphael Ferreira (Raphomet). Ficamos livres para usar nossa criatividade, gravei todos os vocais sozinha testando nuances e diferentes tipos de técnicas. Não estava nos planos usar um vocal limpo na música. Esse trecho específico remete a um diálogo entre o personagem (Fox) Mulder (de "Arquivo X") com uma moça que relatava ter sido abduzida. Então, ao testar usar vocal limpo, fez sentido emprestar essa voz à personagem.

Chegamos então a *Devilish*, e ouvindo atentamente o disco percebemos várias nuances, tanto na quantidade de temas – que vão desde causas sociais e ambientais, passando por problemas como depressão, até referências à cultura pop e ao entretenimento – quanto nas camadas sonoras. Neste sentido, pode-se dizer que seja o disco mais versátil da banda nessas duas frentes?

Mayara: Muitas vezes, em conversas com a banda, chegamos, sim, à conclusão que muito do que fazemos hoje musicalmente só seria possível com este time. Cada formação deixou sua marca, e desde 2015 mostramos que versatilidade e criatividade são a nossa cara.

Minha pergunta anterior, com relação à sonoridade, se embasa, por exemplo, em arranjos e elementos oriundos da música brasileira e sinfônica, além de o Torture transcender o próprio mapa do thrash e death, adentrando os campos do prog e do black, como fica notório em várias faixas, como *Hell Is Coming*, e do heavy e hard, vide *Warrior*.

Mayara: Não fazemos isso de forma intencional, mas, pensando agora em sua pergunta, eu e Rene temos um background que flerta muito com o black metal de bandas como Bathory, Cradle of Filth e Dimmu Borgir. Particularmente, me identifico muito com o trabalho feito pelo Miasthenia, que também tem uma vocalista e tecladista, Susane Hécate, que é nossa convidada na faixa *Uatumã* (N.R.: a faixa também conta com Vitor Rodrigues, do Tribal Scream e ex-integrante do Torture Squad, e João Luiz, do Golpe de Estado), e Rene fez parte de bandas de black metal durante sua carreira. Castor e Amilcar são muito fãs de heavy e hard. No fim das contas, temos muito em comum musicalmente e concentramos nossas influências de acordo com a inspiração de cada composição.

Para aqueles que gostam de rotular a música de bandas, deve ser uma tarefa ingrata fazer isso com *Devilish* (risos). Imagino que essa versatilidade se torne um caminho mais 'fácil' exatamente por causa das referências dos integrantes e esse anseio de nunca querer repetir o disco anterior.

Mayara: O Torture Squad sempre foi difícil de rotular, né? Lembro de muita gente comentar sobre isso nas rodas de conversa dos bangers quando eu era apenas fã da banda. É uma percepção interessante, consigo identificar muitas coisas nas composições novas que poderiam ter feito parte de trabalhos anteriores... *Thoth* e *Buried Alive* se encaixariam bem nos álbuns *Esquadrão de Tortura* (2013) ou *Hellbound* (2008), assim como talvez *Farewell to Mankind* poderia entrar em *Aequilibrium* (2010) (risos). Existe uma cozinha criada pelo Castor e pelo Amilcar que, com certeza, mantém os pilares do Torture presentes, e eu e o Rene sempre fomos grandes fãs e ouvintes da banda. O que fazemos hoje é isso: o thrash/death do Torture, mas com nossa pegada.

Voltando a falar de seus vocais, o quão desafiador e empolgante é o 'sentir a música' na hora de encaixar vocais tão diversificados envoltos em climas e arranjos diferentes?

Mayara: Muito do que faço nas linhas vocais surge durante os ensaios, mas tenho gostado de levar a 'tarefa para casa', me debruçar sobre o instrumental e descobrir o que eu poderia chamar de 'matemágica' da música. A linha de voz caminha sobre uma divisão rítmica (matemática) e também emocional (mágica), ou seja, das emoções que quero transmitir. Existe uma história sendo contada e meu processo de composição parte desse ponto. As diferentes texturas de vozes podem representar sentimentos, como *Buried Alive* (N.R.: a faixa tem a participação de Andreas Kisser, do Sepultura), em que a intenção é transmitir agonia e ansiedade, ou diversos personagens, como fiz em *The Fallen Ones*.

DEVILISH
Time To Kill Records - Nac.

De que forma a parte lírica é trabalhada na banda? De quem e de onde vêm as ideias e os temas e como é abordá-los por meio de sua arte?

Mayara: Todos trazem ideias e trabalhamos esses temas de forma individual ou colaborativa. Em *Devilish*, o Amilcar trouxe muitas ideias que vêm de filosofias de esportistas, figuras históricas e também visões que ele tem sobre a vida. O Castor tem uma veia mais 'from hell' (risos), traz boas histórias arrepiantes de terror, mas também críticas sociais, e o Rene tem letras mais místicas e espirituais. Eu, pela primeira vez, consegui escrever uma letra pessoal, a de *Buried Alive*, falando sobre minha luta, em que lido com depressão, ansiedade e crises de pânico. Às vezes sou bastante escapista e falo sobre ficção científica, histórias de livros que li, filmes que me marcaram... Porém, percebi que é importante também expor como me sinto pois existe alguém que pode estar esperando aquelas palavras.

Alguns dos temas são a causa indígena e a luta pela preservação da Amazônia. Por sinal, como foi a decisão de utilizar vocais em português em *Uatumã*, que trata desses temas?

Mayara: Em 2019, fomos muito impactados com o fenômeno da fumaça proveniente das queimadas no Norte e Centro-Oeste do Brasil que chegaram até São Paulo; e as declarações constantes do governo Bolsonaro incentivando as queimadas me deixavam revoltada. Muita gente não sabe, mas existe uma região onde se encontra o vulcão adormecido mais antigo do nosso planeta, chamado Uatumã e que fica entre Pará, Mato Grosso, Amazonas e Roraima, que foram os principais focos das queimadas. Então, transformei Uatumã em uma entidade, que seria despertada por meio do clamor dos povos originários para salvar a floresta da degradação e da ganância dos homens. Senti que seria importante deixar essa mensagem mais clara possível, então a maior parte da música é em português. Existem alguns versos que são como uma invocação, em que as pessoas teriam de se unir para clamar Uatumã; esses versos aparecem em português, tupi e inglês. Por fim, trouxemos diversos músicos envolvidos na causa indígena para cantarem comigo. E contei com a ajuda do meu amigo Zandhio, da banda Arandu Arakuaa, na adaptação de trechos para o tupi.

Há ainda uma homenagem em *Warrior* a Rickson Gracie, lenda do jiu-jítsu e que recentemente foi diagnosticado com doença de Parkinson, algo lamentável. Qual a relação de vocês com o esporte e com Gracie e como foi para vocês saberem dessa notícia?

Amilcar Christófaro: Sempre gostei de artes marciais. Já fiz boxe e kung-fu por um tempo. As artes marciais fazem o ser humano ter uma relação com ele próprio, entre mente e corpo, com a natureza e de como viver a vida; é algo simplesmente fantástico. Em *Far Beyond Existence* já tem uma música só com filosofias de vida do Bruce Lee,

Heitor Shevchenko/Divulgação

Em novo disco, Mayara esbanja versatilidade com vocais rasgados, guturais, gritados e limpos, além de tocar piano

“Somos uma banda que se atualiza com o passar dos anos, mas que jamais deixará de lado o underground e a proximidade com nossos fãs. Isso manteve a banda viva por todos esses anos.”

a *Hero for the Ages*. E apesar de eu não lutar jiu-jítsu nem conhecer ninguém da família Gracie, montei essa letra para o mestre Rickson, que também é feita somente com suas filosofias de vida, em um momento em que eu fui conhecendo a trajetória dele, vendo documentários e entrevistas, comprei o livro... Inevitavelmente, fui ficando encantado e inspirado. Ele é um grande mestre, sem dúvida alguma. Claro que a gente fica chateado com a notícia do Parkinson, ao mesmo tempo em que, assim como ele e vários parkinsonianos, temos que encarar o fato com naturalidade, cuidar e continuar a viver, como ele está fazendo.

Falando de bastidores, como foi o processo de gravação das músicas? Há alguma história curiosa nesse sentido que possa ser revelada?

Mayara: As gravações foram bastante desgastantes por toda a situação da pandemia... Precisamos pausar e retomar muitas vezes e isso fez com que a finalização do disco durasse muito mais do que imaginávamos. No Bay Area há uma mascote, a gatinha Ravena, que sempre ficou por perto enquanto gravávamos. Lembro que durante as sessões de gravação do baixo ela deitou no colo do Castor e ficou por lá durante toda a gravação, dormindo como se nada estivesse acontecendo. E o Castor tocou numa posição que não a acordasse (risos). Outra história foi de quando quis mostrar um arranjo de teclado para inserir na música *Flukeman*. Eu estava demorando para mostrar, pois minha ideia era colocar o tema musical da série Arquivo X de maneira subliminar no arranjo. Mas não avisei a banda. Quando comecei a tocar, eles reconheceram a melodia, ficaram muito surpresos positivamente e concordaram que faria muito sentido fazer algo assim nessa música, inspirada na série.

Para encerrar, uma pergunta sobre o passado, já que *Pandemonium* (2003) está completando duas décadas. O quão importante é este disco para a história não só da banda como também para a do metal extremo nacional?

Castor: *Pandemonium* foi um grande divisor na carreira do Torture Squad. Passamos pela primeira mudança na formação com a saída do guitarrista Cristiano Fusco, mudamos de gravadora e começamos a cair realmente na estrada com várias turnês no Brasil, na América Latina e na Europa. O álbum nos consolidou bastante no cenário nacional e foi o começo de uma forte ‘fan base’ no nosso país que nos fortalece até os dias atuais! Ele ainda nos rendeu um CD/DVD intitulado *Death, Chaos and Torture Alive* durante sua turnê. Temos imensos orgulho e carinho por *Pandemonium*.

Clube de Revistas

JÁ DISPONÍVEL

FACES OF DEATH

OUÇA AGORA:

EVIL (FULL ALBUM)
YouTube

FACES OF DEATH - EVIL

NOVO ÁLBUM RAIVOSO, PESADO, AGRESSIVO E INTIMIDADOR
RESGATANDO A ESSÊNCIA DO METAL DOS ANOS 80/90

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DE STREAMING
E TAMBÉM EM FORMATO FÍSICO

www.facesofdeath.hearnow.com

www.facesofdeath.com.br

MASTER RECORDS

ASE

Gerlunda Produções

anúncio: www.jduartedesign.com

Clube de Revistas

Divulgação

NOVOS HORIZONTES

As mudanças depois das mudanças e o que elas trazem de novidade. Prika Amaral fala sobre os caminhos que levaram a Nervosa ao seu quinto disco

Por Daniel Dutra

Recomeçar de novo. Para a Nervosa, isso não chega a ser redundante, afinal, é a sua segunda grande reformulação desde 2020. Mas significa resiliência e, principalmente, uma ampla transformação: a guitarrista Prika Amaral é agora também vocalista, e o quarteto é completado por Helena Kotina (guitarra), Hel Pyre (baixo) e Michaela Naydenova (bateria). Para seguir o ciclo, *Jailbreak* é, assim como foi *Perpetual Chaos* (2021), um novo marco sonoro para a internacional banda brasileira. E ninguém melhor que a própria Prika para explicar por quê.

É a segunda reformulação da Nervosa, mas com um cenário diferente desta vez. Como foi lidar com um novo processo de mudança? E como você está agora?

Prika Amaral: Estou bem, na correria e feliz (risos), só que, sinceramente, esse processo foi muito frustrante, porque investi muito na outra formação e em outras coisas. Ao mesmo tempo, porém, foi um período de muita evolução tanto pessoal quanto para a banda, pois acredito que faz parte de nós mesmos entender os motivos e ser compreensivo, afinal, não é só a minha parte. É a parte das outras meninas, também, e elas têm razões muito compreensíveis. Tenho um respeito enorme e uma gratidão muito grande por elas, e está tudo certo entre nós quatro. Durante a pandemia, eu tive de remontar a banda sem nem mesmo encontrar com elas pessoalmente, então era imaginar alguma coisa que fosse dar certo. Assim como foi para elas, que, em sua maioria, não tinham experiência, nunca haviam feito uma turnê na vida, então eu sabia que existia o risco. A Mia era única que já havia saído em turnê, mas cada uma saiu por motivos diferentes e em épocas diferentes. Como aconteceu tudo mais ou menos no mesmo período, todo mundo pensa que foi de uma tacada só, mas não foi. São coisas que acontecem, e todo mundo que tem banda entende muito bem o quanto é difícil. Os motivos podem chocar, só que tem o lance de eu ter sacrificado absolutamente tudo pela Nervosa durante 13 anos, então é muito difícil dar qualquer passo para trás ou mesmo parar a banda para que se ajuste o que as outras integrantes querem ou o que apenas uma quer. É muito difícil lidar com os desejos individuais, com o que cada uma precisa e com muitas outras coisas. É muito difícil.

Ou seja, por estar se sacrificando desde o início, a palavra final precisa obviamente ser sua.

Prika: Eu tenho um contrato comigo mesma, vamos dizer assim, de que todos os sacrifícios que fiz durante todos esses anos não serão em vão, então acredito que o meu papel dentro da Nervosa é proteger e manter isso, sabe? A banda está indo muito bem, e não tenho motivos para dar nenhum passo para trás. Entendo o motivo das meninas e desejo boa sorte, dou apoio no que elas precisarem, mas preciso seguir em frente porque são muitos anos de sacrifício, muitos anos de envolvimento, e sinto-me responsável por isso. Pensei muito sobre as decisões que tive de tomar, então creio que foi o melhor para ambas as partes, porque fui muito clara com elas desde o começo. Elas sabiam

que seria assim, mas também não sabiam como reagiriam depois de uma, duas, três turnês. São coisas que acontecem, e provavelmente vão acontecer novamente, porque a vida é assim. Às vezes você quer uma coisa hoje, aí passa um tempo e você já não quer mais. E pode ser assim para mim, também, porque de repente posso falar: 'Ah, cansei. Agora quero dar um tempo'. Tudo pode acontecer, e todos precisamos estar preparados, não nos apegar tanto a algumas coisas, porque nós continuamos aí. Ninguém morreu, pessoal, e está tudo bem!

E como está sendo para a Nervosa e pessoalmente, também, o fato de você estar morando na Europa? Afinal, me parece que fora do Brasil as pessoas aceitam melhor as mudanças de formação...

Prika: Entendo que o público se apegou às meninas e gostou muito daquela formação, e esse é o lado positivo, mas eu não posso obrigá-las a ficar. Havia meios para tentar segurá-las ao menos para mais um disco? Sim, mas não interessaria a mim como pessoa, porque quero estar com integrantes que estejam satisfeitas e felizes do meu lado. E elas estavam felizes, na verdade, mas a banda estava entrando em choque com muitas outras coisas delas, o que não é fácil! Eu não as julgo, porque não é fácil, mesmo! Talvez com outra banda, num outro momento da vida delas, possa rolar, mas com a Nervosa, naquele momento, especialmente pós-pandemia, não estava rolando. Durante a pandemia, as primeiras turnês que fizemos foram bem-sucedidas e de muita sorte, mas não em condições normais, e a nossa primeira turnê na Europa foi uma das primeiras turnês por lá depois da Covid! Em várias casas de shows, o primeiro evento que aconteceu em dois anos foi o nosso, então estávamos abrindo alguns lugares, e tudo foi muito conturbado nesse aspecto. Expectativa e realidade, também, mas sempre deixei tudo claro. Não foi uma surpresa, não ocultei nada, mas houve situações que, pelo fato de elas não terem experiência, as surpreenderam de alguma forma, tipo 'hum, eu gostaria de ter uma banda, mas nada tão intenso. Acha que dá para fazer turnê só umas duas vezes por ano?'. Não, não dá. Uma das coisas que ajudaram a Nervosa para caramba foi que sempre tocamos muito, estamos sempre muito ativas, em todos os lugares o tempo todo, e você precisa trabalhar pesado quando lança um disco, porque as coisas se apagam muito rápido hoje em dia! Vivemos uma era na internet em que a informação fica velha em dois dias, então não dá para lançar um álbum num ano e sair em turnê apenas no ano seguinte, porque no ano seguinte o disco estará velho. Todo mundo já o escutou e o deixou para trás.

Entre as mudanças, teve a sua decisão de assumir os vocais, o que não me surpreendeu depois do seu desempenho em *Hecatombe Genocida*, do Revolta...

Prika: É verdade! Muito bem lembrado, e foi algo que eu não esperava. Quando rolou a primeira troca de formação da Nervosa, não pensei em ser vocalista porque acredito que, para isso, eu precisava treinar e estudar por muito tempo para realmente estar preparada, então busquei meninas para essa posição. Não me sentia preparada naquele momento, e isso não me passou pela cabeça, realmente, porque não me via como vocalista. Sou guitarrista da Nervosa há 13 anos. Eu fui vocalista num projeto em 2005, um grupo de punk rock/hardcore no qual toquei por um ano e dividia os vocais com outra menina. Ela fazia os vocais mais gritados, e eu, os mais graves e guturais, só que era uma coisa que eu fazia sem a mínima noção. À época, não tinha YouTube para eu estudar técnicas, não havia muita informação, conhecimento de quem era professor de gutural, algo bem mais acessível hoje em dia, e fiz aquilo por diversão. Era uma banda de amigos meus, a única que me deu a oportunidade de tocar fora da cidade, e eu gostava do que fazíamos, mas paramos logo depois, e não segui como vocalista porque o meu negócio era tocar guitarra, mesmo. Sempre fiz backing vocals na Nervosa, cantei em partes de algumas músicas, mas nunca uma inteira, e gravei vocais em projetos de amigos aqui e ali, e a *Hecatombe Genocida* aconteceu no meio da pandemia, durante o processo de gravação do *Perpetual Chaos*. Foi uma experiência muito massa, mas fiz somente por diversão! Quando a Diva falou que ia sair, pensei: 'Não quero mais trocar de vocalista', porque é muito complicado toda vez que isso acontece, aí comecei a pensar mais sério, tipo 'talvez seja a hora de encarar algo que é necessário'. Afinal, se quero continuar com a banda, preciso ter a segurança de que a vocalista não vai sair, e ficou muito difícil confiar que outra pessoa fosse ficar. Eu não posso obrigar ninguém a continuar, e qualquer uma pode sair por mil motivos, então pensei: 'Bom, vou tentar'. Tínhamos uma turnê para fazer pela América Latina, a que passou pelo Brasil no ano passado, e resolvi passar por um teste ao voltar aos backing vocals que havia parado de fazer. Também pensei: 'Vou cantar uma música inteira. De repente, fazemos um lance especial no meio show para eu cantar uma música inteira', e me surpreendi, porque para mim era muito natural tocar e cantar ao mesmo tempo. Correu tudo muito bem, e logo ao fim da turnê, em novembro, fiz quatro aulas com a Mayara Puertas, do Torture Squad. Ela me ensinou como fazer os agudos, os médios, como aproveitar a minha própria voz, e tivemos muitas conversas sobre aquecimento, cuidados com a voz. Trocamos muitas experiências, o que foi fundamental para que eu continuasse segura com essa decisão. Quando entramos em estúdio, em janeiro deste ano, eu já estava mais bem preparada, já que vinha treinando há dois meses, mas descobri um monte de coisas durante o processo de gravação do disco. Cada música que eu cantava era de um jeito diferente, porque não lembrava como havia cantado antes, e isso contribuiu para o resultado final ter ficado bem diversificado.

> **"EU TENHO UM CONTRATO COMIGO MESMA, VAMOS DIZER ASSIM, DE QUE TODOS OS SACRIFÍCIOS QUE FIZ DURANTE TODOS ESSES ANOS NÃO SERÃO EM VÃO."**

> **"(...) SEMPRE TIVE IDEIAS DE DUAS GUITARRAS QUE TENTAVA TRANSPOR PARA UMA GUITARRA SÓ, ENTÃO AGORA EU ME SENTI LIVRE!"**

E incluir novamente uma segunda guitarra foi uma decisão tomada antes ou depois de você decidir que assumiria os vocais?

Prika: Tínhamos duas guitarras no início, é verdade, mas depois que a Karen Ramos saiu, porque ela não poderia mudar de Curitiba para São Paulo, e a Nervosa estava com atividades muito intensas, nós resolvemos ficar como um trio porque a logística era mais fácil. Éramos uma banda barata para mover: nos enfiávamos dentro de um carro, e cabia tudo, então ser um trio nos ajudou muito no começo. Quando teve a primeira troca de formação, eu quis colocar uma segunda guitarra, mas seria uma mudança grande demais passar de trio para quinteto. Eu não conseguiria sustentar, porque já tínhamos vários shows marcados, e a logística de

Clube de Revistas

colocar duas pessoas a mais seria muito complicada até mesmo financeiramente. Estávamos no meio da pandemia e não sabíamos até quando aquela situação iria, então seria pesado dividir a grana por cinco. Porém, quando juntei a formação do *Perpetual Chaos*, eu já tinha claro na cabeça que no próximo disco a Nervosa teria uma segunda guitarra. Quando aconteceu a nova troca de formação, falei: 'Bom, tenho a oportunidade de resolver duas questões: assumir o vocal e colocar mais uma guitarrista, continuando a Nervosa com quatro integrantes', e foi assim. Eu já havia entrado em contato com a Helena, isso depois do lançamento do *Perpetual Chaos*, e começamos a compor o *Jailbreak* em 2021.

Eu sempre gosto de acompanhar as letras, então gostaria de falar sobre a de *Ungrateful*. Minha percepção é de que não é direcionada a alguém específico, mas ao grupo do 'é difícil trabalhar com a Prika'. É isso mesmo?

Prika: (rindo) É sempre mais fácil culpar uma única pessoa, mas, se pararmos para pensar um pouco, todo mundo está na mesma situação que eu. A vida é assim. Se você montar uma banda, vai passar pelas mesmas coisas e pelo mesmo julgamento. Eu estou bem tranquila em relação a isso, porque tenho a consciência bem limpa. Sei que fui honesta com as meninas, e elas também foram, então não temos problemas. Dito isso, a música não é direcionada a nenhuma das ex-integrantes da Nervosa e aos 'haters'. Tínhamos uma música mais punk, e eu gosto de escrever letras com uma mensagem direta, sabe? Sou uma pessoa muito direta, não gosto de falar com curvas, e para mim o negócio é papo reto, mesmo. Na vida, sempre passamos pelo caminho de pessoas que são ingratas, e é mais fácil culpar alguém de alguma coisa do que entender a situação, entender o outro lado, porque todo mundo tem um bolo de sentimentos. Não é fácil se desligar de alguma coisa, e vamos usar o exemplo da Nervosa: não é fácil sair de um processo, e para as meninas foi muito difícil tomar essa decisão, sendo que para algumas delas não foi nem mesmo uma decisão, foi simplesmente porque não podiam mais continuar! A Eleni, por exemplo, tem um problema de saúde grave que não permite que ela faça muitas turnês. Como não pode fazer turnês tão intensamente, ela foi para uma banda que faz uma turnê por ano (N.R.: Ankor, grupo de metal alternativo baseado na Espanha), e com poucos shows, o que é completamente diferente da Nervosa, que faz 160 shows em três, quatro ou cinco turnês por ano! Foi algo muito bem condicionado para ela, então é importante entender o lado de todas as pessoas, e isso envolve sentimentos bons e ruins. É normal ficar confuso e não saber lidar com os sentimentos, principalmente se estamos falando de pessoas mais jovens, que não têm experiência, maturidade com as coisas. Temos de ser muito pacientes. Eu tive a inspiração de fazer a letra mais pela vibe que o som representava, de ser punk, de "eu quero enfiar o dedo na cara dos outros!", mas não tem relação com as coisas da Nervosa. Essa letra é bem punk. Acho que é muito importante manter o respeito entre as pessoas, porque cada uma tem seus próprios motivos. Por exemplo, eu posso vir aqui e trazer uma lista imensa de razões negativas de cada uma, mas essa não é a questão porque também tem uma lista enorme de razões super boas. O importante é sempre nos colocarmos no lugar do outro e tentar entender.

JAILBREAK
Napalm/Shinigami - Imp.

Musicalmente, *Jailbreak* me surpreendeu num aspecto: é o disco mais diversificado da Nervosa até agora...

Prika: E isso faz todo sentido! Criar um disco super diversificado, com vários tipos de metal, e ainda manter nossas raízes thrash e death metal foi a nossa maior preocupação. Não temos a intenção de mudar o que a Nervosa sempre foi, e sim evoluir dentro de um processo em que consigamos curtir o que estamos fazendo. Ao compor um disco, ao compor 13 músicas, chega uma hora em que você começa a pensar 'estou fazendo a mesma coisa', e eu não quero passar por isso, sabe? Para mim, é muito importante que haja fluidez para quem está ouvindo, que seja possível escutar o álbum inteiro e se apegar a todas as faixas, de cada canção lhe envolver de alguma maneira, então fizemos cada música pensando no envolvimento. E não só de nós mesmas curtindo ou mostrando as nossas habilidades, porque tem de ser algo que englobe todas as pessoas, que seja legal tanto para quem está escutando ou mesmo assistindo ao show quanto para quem está tocando. Fico muito feliz que você tenha essa percepção, porque isso significa que o nosso plano de fazer um disco ainda mais diversificado que o *Perpetual Chaos* deu certo! (risos)

Então dá para debatermos alguns porquês dessa minha percepção (risos). *Seed of Death* e *Sacrifice*, por exemplo, mostram influência do death metal melódico sueco...

Prika: E não foi intencional, honestamente. Quando estávamos compondo *Seed of Death*, por exemplo, não pensamos exatamente em Arch Enemy e outros nomes do gênero, e sim em colocar mais melodias, porque abre-se um portal enorme de possibilidades quando se tem duas guitarras. Então, fomos desenvolvendo essa música para ter um groove simples, com uma melodia que todos conseguissem entender, que os fizesse cantar. Algo não somente extremamente rápido, mas envolvente, também, e aí acabou saindo um lance Arch Enemy com Hypocrisy. É muito louco, porque *Seed of Death* é meio única no disco, né? O resto não tem a ver (risos).

E há muita influência de metal tradicional, também. É possível respirar Judas Priest, Motörhead e outros grandes nomes 'old school' em músicas como a faixa-título...

Prika: (empolgada) Cara, isso é maravilhoso! É exatamente isso! Quando Estávamos compondo o álbum, eu e a Helena falamos: 'Vamos fazer um som que é uma mistura de Judas Priest com Mötorhead', isso porque nós duas somos muito fãs de motos (risos), e daí fizemos a *Jailbreak*. Você não tem ideia do quanto gostei de ouvir o que você falou (risos).

Então eu tenho outras duas músicas para você (risos), a começar por *Kill or Die*, talvez a mais heavy metal já feita pela Nervosa, mas certamente a mais tradicional do novo disco.

Prika: Ela é meio que uma homenagem ao Metallica, e a Helena é grande fã de heavy metal tradicional. A banda favorita dela é o Scorpions, então ter duas guitarras abre portas para fazer duelos de guitarras, e o rei dos duelos de guitarras é o heavy metal (risos). Falamos 'meu, traz Iron Maiden! Traz tudo!', e aí veio a Michaela e colocou um ar meio moderno, o que deu groove! Sabe, nós nos divertimos muito no processo de composição desse disco!

E Iron Maiden mesmo tem na segunda música que gostaria de mencionar, *Nail the Coffin*, por causa da melodia dobrada de guitarra...

Prika: Foi muito diferente compor dessa maneira, porque eu estava habituada a compor com uma guitarra só há mais de dez anos, e isso também fez com que o processo fosse muito divertido. Foi muito legal porque sempre tive ideias de duas guitarras que tentava transpor para uma guitarra só, então agora eu me senti livre! (risos) Não precisava mais transpor nada, afinal, dava para fazer tudo! Fomos brincando com um monte de coisas, tendo ideias, e eu e a Helena combinamos muito em gostos e visão de música, então nos ajudávamos. Ela é uma menina muito talentosa, uma pessoa muito fácil de lidar, com uma alegria de viver que nos contagia e nos inspira. Nós nos divertimos tanto que não vemos a hora de compor o próximo disco!

Bom, como eu considero Gary Holt (Exodus) o maior guitarrista da história do thrash metal, preciso saber de você o que representou tê-lo em *When the Truth is a Lie*.

Prika: Cara, ele é uma das minhas maiores influências! Tenho o Gary no meu Top 5 de guitarristas favoritos. Acredito que uma das minhas características mais marcantes tocando guitarra é a minha mão direita. Sou muito boa com palhetadas e devo isso a ele e ao Metallica, e desde a primeira troca de formação da Nervosa, o Gary se tornou uma pessoa muito próxima da banda, mesmo que virtualmente, porque sempre mandava mensagens, estava sempre apoiando. Quando saímos na capa da Decibel Magazine, uma das maiores revistas dos Estados Unidos, ele fez um post com a neta dele falando 'fico muito feliz que as mulheres estejam conquistando o seu espaço. Espero que isso seja uma influência para a minha neta', e foi emocionante para mim. Tirei um print disso e estou pensando em imprimir e colocar na sala da minha casa! (risos) Quando estávamos procurando participação especial para o disco novo, é óbvio que ele estava no topo da lista. Tínhamos uma porta aberta por estarmos sempre falando com ele, e eu o encontrei pessoalmente em São Paulo em 2022, quando o Exodus tocou lá, e trocamos uma ideia rápida. Gary é uma pessoa muito simples, bem acessível e ficou verdadeiramente feliz quando pedimos para ele participar, tanto que deu um jeito de fazer acontecer. Ele estava entre duas turnês e tinha pouco tempo, mas se virou nos 30 e fez! (risos) Até agora, não acreditamos que aconteceu. Foi muito foda!

"CRIAR UM DISCO SUPER DIVERSIFICADO, COM VÁRIOS TIPOS DE METAL, E AINDA MANTER NOSSAS RAÍZES THRASH E DEATH METAL FOI A NOSSA MAIOR PREOCUPAÇÃO."

Para terminar, o que vem pela frente para a Nervosa em 2024 e adiante?

Prika: Desde que trocamos a formação, tento fazer com que a primeira turnê, seja de disco novo, seja de apresentação da nova banda, role sempre no Brasil. É a minha casa, e nunca vou esquecer disso, mas nem sempre é possível por vários motivos. Porém, temos planos especiais e novidades para o Brasil, e acredito que conseguiremos anunciá-los em breve. Estávamos esperando a troca de álbum, porque não faria sentido anunciar nada com o antigo. Não vejo a hora, porque estou morrendo de saudades do país. Temos turnês marcadas pela Europa e Estados Unidos, onde faremos o 7000 Tons of Metal pela segunda vez, e planos para a Ásia, também! Há vídeos novos para lançar, ideias para o nosso canal no YouTube, porque fica mais fácil produzir conteúdo agora que moramos perto umas das outras. Enfim, muitas coisas... Está bem difícil organizar tudo, mas aguardem!

Michaela Naydenova, Hel Pyre, Prika Amaral e Helena Kotina: a Nervosa com formação e sonoridade repaginados

Thomir Rusanov

Clube de Revistas

Archon Angel

PRESENTE E FUTURO EM FAMÍLIA

Zak Stevens fala sobre o novo álbum de sua banda numa conversa norteada pela organização que abrange Savatage e Trans-Siberian Orchestra

Por Daniel Dutra

O Archon Angel está com novo trabalho na praça, e Zak Stevens explicou o processo, tumultuado por causa da pandemia, que o levou junto a Aldo Lonobile (guitarra), Nik Mazzucconi (baixo) e Marco Lazzarini (bateria) – com a participação de Alessandro Del Vecchio (teclados), onipresente quando a Frontiers Records está envolvida - ao ótimo *II* (confira a resenha na ed. #274 da ROADIE CREW). E também... "Seremos duas bandas novamente!", disse o vocalista, referindo-se a Savatage e Trans-Siberian Orchestra, num dos muitos momentos em que o primeiro foi o assunto principal. Dias antes de Jon Oliva anunciar o aguardado retorno da banda de Tampa ao estúdio e aos palcos, ele deu várias deixas de que tudo já estava acertado. Agora, você confere um compacto do que foi mais uma ótima e longa conversa com o sempre simpático Stevens.

O primeiro álbum foi lançado um mês antes de a pandemia fechar o mundo. Apesar de a turnê não ter acontecido, é possível dizer que apresentou o Archon Angel, a nova banda de Zak Stevens, aos fãs?

Zak Stevens: Conseguimos tocar no 7000 Tons of Metal (N.R.: em 2021), em bons horários, e nos demos bem, mas foram apenas dois shows. A banda é majoritariamente italiana, e eu moro nos Estados Unidos, então é um pouco complicado juntar tudo e todos, e estamos tentando fazer o que podemos, porque quanto mais tocamos, melhor ficamos. O mundo parou três semanas depois que estivemos no cruzeiro, mas foi interessante, sim, lançar um disco naquela época, afinal, tivemos que ficar quietos em casa. Mesmo a Trans-Siberian Orchestra, meu trabalho regular, não pôde sair em turnê naquele ano. Assim, precisávamos ser criativos, criar diferentes trabalhos, e eu aproveitei para dar aulas de canto pelo restante de 2021 e metade do ano seguinte. Hoje, não leciono tanto, mas precisei anunciar que faria isso, afinal, eu tinha tempo livre e, se alguém quisesse estudar, ficaria feliz de ensinar tudo que sei. Consegui cerca de 20 alunos, o que me manteve bastante ocupado e foi uma bênção, porque gerou renda para me ajudar a passar por aquela coisa toda, já que não entraria dinheiro algum da indústria musical. Ja-

II
Frontiers - Imp.

mais poderíamos pensar que veríamos algo semelhante, só que lembrei de algo que Paul O'Neill me disse meses antes de falecer, durante a turnê de inverno da TSO em 2016: 'Zak, se um dia algo muito louco acontecer, só poderemos tirar um ano de folga. Mais do que isso, estaremos acabados!'. Na época, não entendi de onde ele tinha tirado aquilo, mas tudo bem, agradeci o conselho porque Paul era um gênio, e hoje entendo como um tipo de premonição, está sempre ressoando na minha mente. Paul morreu em abril de 2017, e estávamos lutando para seguir o que ele nos deixou, sempre pensávamos 'o que Paul faria?', e quando tivemos uma boa ideia do que ele faria, aconteceu a pandemia.

E a Trans-Siberian Orchestra é um grande organismo vivo, digamos assim.

Zak: Sim! O Archon Angel ao menos conseguiu gravar um bom disco, a as pessoas puderam conhecer a músicas. No entanto, sabendo que a TSO teria de ficar um ano parada, eu comecei a falar para outros integrantes o que Paul me disse, para que fosse passado para toda a organização. Nós temos 16 integrantes em cada banda, porque são duas: uma para a Costa Leste, outra para a Costa Oeste. E mais empresários e equipe, então virou uma espécie de aviso de que teríamos de sair em turnê de qualquer jeito em 2021, só que nada estava muito claro quando decidimos por isso. Mas aí começou a melhorar, e fizemos uma turnê de inverno (N.R.: fim do ano nos EUA) sabendo que poderia ser um completo desastre ou, se fôssemos cautelosos ao extremo, poderia dar muito certo. Milhões de dólares estavam sendo investidos naquilo, e não sabíamos se tudo voltaria a fechar ou não em duas semanas. Foi assustador e insano, mas fizemos algo milagroso: completamos a turnê. Acredito que isso deu a todos um pouco mais de confiança para pensar que 'temos de explorar o desconhecido, às vezes', e 2021 foi o ano do desconhecido. Eu sabia, por causa do Paul, que realmente não poderíamos ficar dois anos parados. Seria o fim de algo que está acontecendo há mais de 20 anos, então expandimos aquele pensamento para qualquer coisa. Eu penso assim para tudo em que trabalho agora, e assim o mais importante para o Archon Angel é que nós não paramos.

E agora é hora de recuperar o tempo perdido, certo?

Zak: E nós vamos tocar sempre onde for possível, só que tudo ficou bizarramente mais caro depois da pandemia. Para bandas novas, como o Archon Angel, é difícil fazer as coisas sem ter milhares de dólares para bancar, mas estou certo de que encontraremos oportunidades. Estamos felizes por lançar o segundo disco, que é uma boa progressão: o processo todo melhorou! Todos nós, como músicos e compositores, estamos mais confortáveis uns com os outros, e isso se nota nas novas músicas. Algumas pessoas me dizem que conseguem perceber elementos do que eu fazia no Circle II Circle ou no Savatage em *II*, só que a música era mais Savatage no *Fallen*, então nós conseguimos passar de ano (risos). O novo álbum vai para fora desse aspecto e para algo mais particular do Archon Angel, mesmo. Claro, sempre haverá comparações, até porque o Aldo, que também é nosso produtor, é um grande fã de Savatage. Ou seja, teremos esse fator sempre que ele compuser alguma música, mas é quase como ver se eu cantaria algo sem soar como no Savatage, porque é impossível! (risos) Mas o Aldo fez um bom trabalho ao sair da caixinha.

Nik Mazzucconi, Alessandro Del Vecchio, Zak Stevens, Aldo Lonobile e Marco Lazzarini: menos Savatage, mais Savatage

Divulgação

Este ano marca o 30º aniversário de *Edge of Thorns*, seu primeiro álbum com o Savatage. Quais são as suas lembranças da época e da gravação dessa obra-prima?

Zak: São muitas! Minha entrada na banda foi um processo que durou três meses, depois que a esposa do Criss Oliva (N.R.. Dawn) encontrou uma fita demo que eu tinha mandado. Eu morava em Los Angeles e já era fã do Savatage, havia assistido a shows na turnê do *Gutter Ballet* (1989) e do *Streets: A Rock Opera* (1991), e foi naquela época, fim dos anos 1980 e começo dos anos 1990, que comecei a ouvir os discos anteriores, como *Power of the Night* (1985), *The Dungeons Are Calling* (1985) e *Sirens* (1983). Como eu cantava em algumas bandas em LA, estudava canto para melhorar, porque sempre fui baterista. Assim que decidi que queria ser vocalista, fiz um curso de canto por seis meses no VIT (N.R.: Vocal Institute of Technology). À época, o curso durava apenas seis meses, mas agora 12 meses são o mínimo. Entrei no ano de estreia do curso, na primeira turma, em 1989, e seis meses eram suficientes diante do nível de conhecimento que eu tinha. Eu não precisava começar totalmente do zero, porque já sabia cantar desde os 9 anos, então necessitava apenas lapidar umas coisas, aprender controle e algumas técnicas. Logo depois, comecei a ouvir rumores de que o Savatage estava pensando em deixar o Jon somente na composição e produção, porque as turnês estavam começando a afetá-lo, e foi então que mandei uma demo com a banda que eu tinha quando me mudei para Boston, o Wicked Witch, em que tocava também o Jeff Plate. Assim como várias outras pessoas, mandei a fita, que ficou lá até o dia em que a Dawn ouviu e ficou repetindo para a banda: 'Essa aqui é a que eu mais gosto!', então foi ela quem me ajudou, porque recebi um telefonema do Criss, que disse: 'Olha, o que eu gostei é que você é o único cara que não quer soar como o Jon. Nós não queremos alguém como Jon, e sim um vocalista diferente'. Para a minha sorte, foi o lugar certo na hora certa. Eles me mandaram para encontrar o Paul, e foram quatro horas de viagem de Boston até Nova York, onde fiquei no apartamento dele o ouvindo tocar músicas do Beatles. Em um momento, Paul me disse: 'Vamos tocar coisas mais simples', e fiz a audição sentado no sofá! Quando acabou, Paul apenas disse: 'Está muito bom. Quando você pode se mudar para Tampa para morar com o Criss, trabalhar no disco e ensaiar?', e o estúdio em Tampa era um galpão gigansteco, escolhido porque nele cabia aquela bateria imensa do Steve Wacholz. Lembro-me do momento em que as notas de piano de *Edge of Thorns* surgiram: Jon estava sentado, tocando de bobeira, e Criss disse: 'Cara, isso parece "O Exorcista"!', e parece mesmo, por isso é tão legal! (risos) (N.R.: o tema do filme é um trecho de *Tubular Bells*, de Mike Oldfield) Começamos a passar as outras músicas, como *Skraggy's Tomb*, e trabalhamos em várias que não entraram no disco. Cara, há muitas músicas daquela época, e trabalhamos nelas até hoje!

E a música *Edge of Thorns* finalmente levou o Savatage ao 'mainstream'...

Zak: Sim, foi um genuíno rolo compressor nas rádios! Em qualquer lugar em 1993 que tivesse uma rádio de rock rolando, você ouviria essa música quatro vezes por dia! Cara, 50 das estações de rádio mais fortes dos Estados Unidos tocaram *Edge of Thorns* 500 vezes durante o seu ciclo de vida, e até hoje ela é top single de heavy metal no país. Não temos mais as rádios especializadas em metal, e hoje só se toca classic rock, porque o metal não é tão forte como era nos fim dos anos 1980 e início dos 1990. Mesmo quando o grunge chegou, o metal ainda tinha uma presença muito forte nas rádios, só que isso mudou no curso dos últimos 30 anos.

E então a música perdeu um de seus grandes, Criss Oliva. Como foi se reerguer depois daquela tragédia, gravar o *Handful of Rain* (1994) com Alex Skolnick e sair em turnê novamente?

Zak: Hoje em dia eu consigo ouvir *Alone You Breathe*, mas durante muito tempo eu chorava até secar ouvindo essa música. É uma das minhas músicas favoritas, então consegui superar a dor

Clube de Revistas

e apreciá-la como ela é, porque não queria deixar de ouvi-la. Não seria justo. Quando recebemos o telefonema com a notícia da morte do Criss, ficamos todos em choque. Pensei 'é isso, acabou', porque ninguém sequer conseguia falar sobre a banda! Ele era fundador do Savatage, ainda estava na formação e compunha toneladas de canções com o Jon. Parecia impossível continuar, mas ao longo do tempo voltamos a conversar, porque Jon e Paul queriam fazer algo para homenageá-lo. Juntos, esses dois eram uma força maior quando o assunto era música, em especial a do Savatage. Eventualmente, reunimos todo mundo, e estávamos trabalhando realmente duro para deixar o Criss orgulhoso. Todos sabiam, eu inclusive, que se tivéssemos perguntado 'devemos continuar?' ao Criss, ele responderia: 'É claro que sim! Que raio de pergunta idiota é essa? E por que a demora?', então nos demos conta disso em algum momento. Wacholz estava lá no início, mas Jon gravou a bateria, e eu mesmo ajudei um pouco com partes adicionais e 'overdubs' aqui e ali. Os vocais foram gravados no grande estúdio A, exatamente como fizemos em *Edge of Thorns*, e tínhamos músicas como *Chance* sendo trabalhadas, algo monumentalmente épico, mas com groove, vocais de contraponto e boas histórias. Estávamos muito agradecidos por podermos continuar trabalhando e pagando nossas contas. É claro que se tivéssemos que aprender a ganhar a vida de outra forma, assim teríamos feito, mas seria uma merda (risos), então fico feliz por termos decidido continuar, e *Handful of Rain* foi o resultado de um grande e dedicado esforço coletivo para que tivéssemos, depois da tragédia, um álbum poderoso e bem feito. E seguimos em frente depois disso, com outros discos, e tudo ficou bem. Atingimos um ponto de transição com a Trans-Siberian Orchestra, em 1996, e continuamos fazendo álbuns com o Savatage até que a TSO tocou ao vivo pela primeira vez, em 1999. O sucesso da TSO ultrapassou tudo o que fazíamos como Savatage, e foi para onde os recursos começaram a ir. Às vezes, o sucesso empurra você de maneiras imprevistas, mas agora é hora de empurrá-lo de volta para o Savatage.

Você deixou o Savatage em 2000, e a banda lançou mais um disco, *Poets and Madman* (2001), antes de dar uma pausa nas atividades no ano seguinte. Em retrospecto, você tem algum arrependimento?

Zak: Algumas turnês teriam sido legais de fazer, mas naquela época eu tinha uma criança em casa, a pequena Cassidy, que agora está com 25 anos, então eu sentia uma necessidade imensa de estar ao lado dela para vivenciar seus primeiros anos. A Zoe, minha segunda filha, nasceu seis anos depois, em 2003, mas a Cassie nasceu em 1997, então aqueles três primeiros anos já foram importantes. Como a transição do Savatage para a TSO já estava rolando, achei que, para mim, seria melhor ficar em casa. Sempre haverá algum nível de arrependimento, e lamento não ter voltado ao Brasil para mais uma turnê com o Savatage, mas vejo aquela época como uma licença. Não tenho arrependimento no sentido profissional, da minha carreira, porque tudo deu certo, e sou mais feliz por ter escolhido ficar em casa para viver aqueles anos de formação das crianças.

Brian Zhou Media

"Às vezes, o sucesso empurra você de maneiras imprevistas, mas agora é hora de empurrá-lo de volta para o Savatage."

Clube de Revistas

RED DEVIL VORTEX

OUÇA O NOVO ALBUM

Clube de Revistas

COLLECTION

Por Daniel Dutra

Os anos 1980 marcaram o surgimento, a ascensão e a explosão mundial do hard rock 'made in USA', e a segunda metade daquela década foi responsável pela formação de supergrupos. Recém-saídos da banda de Alice Cooper, Kip Winger (baixo e vocal) e Paul Taylor (teclados e guitarra) recrutaram o experiente batera Rod Morgenstein (Dixie Dregs) e o jovem guitarrista Reb Beach, que acompanhava a cantora Fiona quando conheceu Kip. Era 1987, ano em que o gênero deu ao mundo os multiplatinados *Whitesnake* (o famoso "1987", do grupo de David Coverdale), *Hysteria* (Def Leppard), *Appetite for Destruction* (Guns N'Roses) e *Girls, Girls, Girls* (Mötley Crüe), e o novo quarteto, que começou sob a alcunha de Sahara e em seguida adotou o sobrenome do líder, não demoraria a acompanhar seus pares. Os dois primeiros álbuns, *Winger* (1988) e *In the Heart of the Young* (1990), foram um enorme sucesso e renderam hits que venceram a barreira do tempo, mas aí vieram os anos 1990. O fracasso comercial de *Pull* (1993), já sem Taylor, e algumas polêmicas fizeram o Winger encerrar as atividades no ano seguinte ao lançamento do terceiro disco. O primeiro retorno aconteceu em 2001, e hoje, com a formação original mais a adição do guitarrista John Roth, o Winger envelhece como vinho.

Divulgação

Rod Morgenstein, Reb Beach, Kip Winger, Paul Taylor e John Roth: o Winger em sua versão 2023

IMPERDÍVEIS

IN THE HEART OF THE YOUNG (1990)

Mais de um milhão de cópias vendidas somente nos Estados Unidos e o 15º lugar no Top 200 da Billboard, numa época de briga de cachorro grande – vendia-se muitos CDs e (ainda) vinis, realmente, e figurar no mais importante ranking americano era, de fato, significativo. O segundo disco do Winger veio no rastro do sucesso do álbum de estreia, só que foi muito além. A produção de Beau Hill soa menos pasteurizada, o que favorece a excelência das composições, porque Kip Winger, Reb Beach, Paul Taylor e Rod Morgenstein estavam abençoados pelos deuses da música. A começar por uma daquelas canções que marcam uma geração e um estilo: *Miles Away*, composição de Taylor cuja primeira versão demo tinha Eric Martin (Mr. Big) nos vocais. E não bastasse ser um hit gigantesco, trouxe como lado B a genial *Rainbow in the Rose*, um exemplo do instrumental extremamente sofisticado – e incomparável – do Winger. Algo impensável para um nome jogado no contestado rótulo 'hair metal', a faixa mostrava uma banda que, com toques de jazz fusion, abria uma nova frente: prog hard rock. Para completar, ainda há uma sequência de clássicos – *Can't Get Enuff*, *Loosen Up*, *Easy Come Easy Go* e *You Are the Saint, I Am the Sinner* – ao lado de canções igualmente maravilhosas – *In the Day We'll Never See*, *Under One Condition*, *Baptized By Fire* e até o bônus *All I Ever Wanted*.

PULL (1993)

O terceiro álbum do Winger apresentou aos fãs uma banda repaginada, sem Paul Taylor e com uma sonoridade mais pesada, ressaltada pela produção mais orgânica de Mike Shipley com Kip Winger. Mas não, o Winger não seguiu os passos de Dokken, Warrant e tantos outros que tentaram se adaptar ao tempestuoso momento, uma vez que, somada à saturação do estilo, a onda grunge já começava a varrer o que via pela frente. *Spell I'm Under*, *The Lucky One* e *Who's the One* são provas de que a identidade estava muito bem preservada, e *Blind Revolution Mad*, *Junkyard Dog (Tears on Stone)*, *No Man's Land* e *In for the Kill* (com uma letra que, 30 anos depois, segue absoluta e infelizmente atual) colocavam à frente um trio com sangue nos olhos. A nova roupagem destaca até o groove, marcantes em *Down Incognito* e *Like a Ritual*, e reforça em *In My Veins* algo que passara despercebido até então: Kip canta uma barbaridade. Porém, mesmo brilhante, *Pull* nasceu soterrado por fatores externos: na série Beavis and Butt-Head, da MTV, o personagem nerd Stewart usava sempre uma camisa do Winger; e no clipe de *Nothing Else Matter*, do Metallica, Lars Ulrich aparece jogando dardos num pôster de Kip Winger – o que fez James Hetfield, duas décadas depois, ligar pedindo desculpas no lugar de Lars, que, diga-se, não tem metade do talento da unha do dedo mindinho do pé esquerdo de Kip.

Clube de Revistas

EXCELENTES

KARMA (2009)

Segundo trabalho depois do retorno à ativa, *Karma* é o equilíbrio do Winger do fim dos anos 1980 com o do início dos anos 1990, especialmente o lado mais objetivo do homônimo primeiro álbum com o peso de *Pull*. Assim, você tanto tem canções arrasadoramente pesadas quanto momentos mais, digamos assim, melódicos, e uma música pode ser apontada como a interseção perfeita entre os dois mundos: *Pull Me Under*, afinal, imagine-a com a aquela produção típica do início da banda... Sim, ela poderia muito bem estar em qualquer um dos dois primeiros discos. Além dela, há outras canções que resgatam o Winger do passado trazendo-o, porém, totalmente para o presente, casos de *Witness*, *Always Within Me* e a divina *After All This Time*, que acrescenta uma veia blues à sua beleza e traz uma performance impecável de Kip Winger. E não é só isso, claro, porque *Supernova* surpreende positivamente ao destoar do restante do material,

e os riffs, solos e refrãos de *Deal With the Devil*, *Stone Cold Killer*, *Big World Away* e *Feeding Frenzy*, que rasgam no peso, são o complemento da receita que faz do quinto disco do Winger um dos melhores trabalhos do hard rock nos anos 2000.

BETTER DAYS COMIN' (2014)

Continuação natural de *Karma*, mas com vida própria, uma vez que o lado mais melódico e característico é mais forte do que o peso apresentado anteriormente pelo quarteto – que vez ou outra virava quinteto à época, graças a aparições esporádicas de Paul Taylor. A fase pode até ser resumida em *Better Days Comin'*, a música, mais cadenciada e com um refrão que faz da faixa-título uma ode à esperança, mesmo. Outro dos fatores mais do que interessantes é a espontaneidade levada do palco para o estúdio, e *Queen Babylon* ratifica esse ponto ao se transformar, no fim, numa jam para que Reb Beach e John Roth troquem ótimos solos – a dupla, aliás, atinge aqui um alto nível de entrosamento, o que a rápida *Rat Race* comprova. O instrumental elegante e sofisticado, destacado anteriormente, está em todos os lugares, mas se livra das amarras do hard rock em *Tin Soldier*, com uma seção à la Dixie Dregs em que obviamente brilha o enorme talento de Rod Morgenstein. E

entre tantos destaques, como *Midnight Driver of a Love Machine*, *So Long China* e *Out of This World* (Beach brilhando!) há *Ever Wonder*, uma das baladas mais bonitas que você vai escutar nesta e em outras vidas.

SEVEN (2023)

A discografia não é extensa, realmente, e é ainda menor se considerarmos que o Winger começou em 1987. Mas você reparou que no quesito "Excelentes" estão os três últimos trabalhos da banda? E *Seven*, na verdade, poderia muito bem estar na página ao lado, porque o talento e a relevância da banda, ao andarem de mãos dadas, deram vida ao melhor álbum de 2023. Está na resenha publicada na ed. #275 da ROADIE CREW que o sétimo disco do quinteto – sim, porque Paul Taylor está oficialmente de volta – serve de verbete para definir o que é perfeição, e o mais interessante: de lá para cá, a análise segue intocável, no sentido de que não dá para mudar uma vírgula sequer. Depois de nove anos, *Proud Desperado* e *It All Comes Back Around*, os dois primeiros singles, mostraram tanto uma volta ao peso de *Pull* e *Karma* quanto a genialidade de Kip Winger, respectivamente. *Seven*, no entanto, é o resultado de talentos individuais extraordinários

em prol do coletivo, não importa quem seja o autor de cada canção. Por isso, *Heaven's Falling*, *Resurrect Me*, *Do or Die*, a belíssima *Broken Glass* e a magistral *Tears of Blood* também estão entre as melhores músicas do ano.

BONS

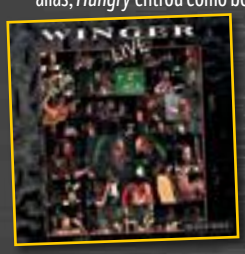
WINGER (1988)

Chega a ser injusto classificar o autointitulado álbum de estreia do Winger apenas como "bom", mas são as regras do jogo. De qualquer maneira, *Winger* tem mesmo o único momento desnecessário de toda a discografia da banda: o cover de *Purple Haze*, de Jimi Hendrix. Ao modernizar o clássico do maior guitarrista de todos os tempos – e modernizar àquela época, que fique bem claro –, Kip Winger, Reb Beach, Paul Taylor e Rod Morgenstein, que ainda contaram com a participação de Dweezil Zappa, erraram feio na mão – no ano seguinte, curiosamente, Ozzy Osbourne e Zakk Wylde fizeram igual com a mesma canção. Mas a pisada na bola é muito bem compensada com as outras nove faixas, sejam aquelas de menor apelo popular, como *State of Emergency*, *Time to Surrender*, *Poison Angel* e *Without the Night*, e esta é uma das melhores músicas do Winger; sejam as que se tornaram clássicas: *Madalaine*, *Hungry*, *Seventeen* (cuja letra

envelheceu mal, realmente, e recentemente ganhou um mea-culpa de Kip) e *Headed for a Heartbreak*, na qual Beach larga palheta e dedos num dos solos mais fodas de toda aquela geração de guitarristas.

WINGER LIVE (2007)

Primeiro e até agora, infelizmente, único álbum ao vivo da banda, *Winger Live* é mais do que bom. E por três razões, a começar pela simplicidade de ser, veja só você, apenas e tão somente banda e plateia, sem estardalhaços visuais. Ou seja, a música foi a única protagonista da apresentação no Galaxy Concert Theater, em Santa Ana, na Califórnia. Depois, o setlist, que não se esqueceu do então novo álbum, com três amostras de *IV*, ao mesmo tempo em que resgatou clássicos e grandes canções. Por último, a performance do quarteto, e aqui é necessário falar de *Rainbow in the Rose*, uma vez que é desumano o que esses caras fazem ao vivo numa música que em estúdio já é um grande quebra-cabeça – e que banda de hard rock dos anos 1980 tinha/tem um batera como Rod Morgenstein? Sério, é de tirar o fôlego, e ainda bem que também tem o DVD – aliás, *Hungry* entrou como bônus do vídeo, enquanto *Blue*

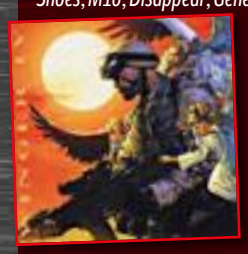


Suede Shoes (não, não é a que ficou consagrada na voz de Elvis Presley) aparece somente no CD. Para completar, em *Seventeen* a banda não perde a piada ao alterar um dos refrãos por 'she's only 35'.

CUIDADO

IV (2006)

Regras do jogo: da mesma maneira que *Winger Live* é mais do que bom, *IV* não merece um sinal de alerta, mas é preciso separar o material. E contextualizar. Não há dúvida de que o álbum que marcou o retorno do Winger é o menos querido da discografia, e talvez você possa classificá-lo como o "menos melhor" do quinteto – Kip Winger, Reb Beach, John Roth e Rod Morgenstein tinham aqui a companhia de Cenk Eroglu (teclados e guitarra). Por quê? Talvez por ser um álbum mais progressivo, guardadas as devidas proporções. Talvez pelo contexto lírico, uma vez que Kip abordou conceitualmente o lado dos soldados americanos, e num momento em que a invasão ao Iraque pela coalização liderada pelos EUA não saía das manchetes, culminando com a captura, o julgamento e a execução de Saddam Hussein. Na prática, canções como *Blue Suede Shoes*, *M16*, *Disappear*, *Generica*, *Livin' Just to Die* e



Can't Take it Back dão esse clima ao disco, enquanto *Right Up Ahead*, *Four Leaf Clover*, *Your Great Escape* e a espetacular *On a Day Like Today* equilibram a balança, que, no fim das contas, fica a favor do subestimado *IV*.

OUTROS: Todos sete discos de estúdio e o único álbum ao vivo do Winger puderam ser destrinchados neste Collection, mas há mais de onde eles saíram. Lançada em 2001, ano em que a banda ensaiou seu primeiro retorno, *The Very Best of Winger* socializou *Hell to Pay*, bônus da versão japonesa de Pull, e trouxe uma inédita, *On the Inside*, finalizada exclusivamente para a coletânea. Outro lançamento deveras interessante é o duplo *Demo Anthology* (2007), que, como o nome já diz, traz versões demo de canções que vão até o *Pull*, mas com toques curiosos, como as versões originais de *In My Veins* (chamada de *Hour of Need*), *Baptized By Fire* (*Star Tripper*) e *Hell To Pay* (*Give Me More*), além das inéditas *Written in the Wind*, *Until There Was You*, *Without Warning* e *Just Another Face*. Em tempos de YouTube, valem mais dos que os 'home videos' lançados em VHS entre 1989 e 1991.

Jorge Cueto

RAY ALDER

PROGRESSIVO, OBSCURO E QUESTIONADOR

Ray Alder explica o motivo do título *II* e também a opção por um som mais próximo ao do Fates Warning

Por Gustavo Maiato

Se no primeiro disco solo (*What the Water Wants*) Ray Alder decidiu provar para si mesmo que é capaz de compor fora do som progressivo e pesado que o consagrou no Fates Warning, agora em *II* o bom filho retornou à casa. Os temas permanecem obscuros e reflexivos e o disco parece conversar com o fã – sempre questionando e instigando a pensar. Confira a seguir tudo sobre esse retorno de Ray ao universo sonoro que o fez famoso mundialmente.

Seu novo álbum é conceitual ou as músicas estão conectadas de alguma forma? Existe um tema central?

Ray Alder: Não, a razão pela qual eu o chamei de *II* é porque nenhuma das músicas tem relação uma com a outra. São apenas histórias diferentes, ideias diferentes. E quando chegou a hora de dar um nome ao álbum, a gravadora me perguntou como eu iria chamá-lo, e eu disse que seria apenas *II*. Eles disseram que não, que eu precisava dar um nome a ele. Mas eu pensei: 'Por que precisa ter um nome?' Eu contei a história de que nenhuma das músicas tem relação uma com a outra, então simplesmente não fazia sentido para mim.

Você pode compartilhar algumas dessas ideias diferentes que você teve ao criar o álbum?

Ray: Bem, sempre que ouço uma música, deixo ela me guiar em relação ao que acho que ela deveria ser, sobre o que as letras deveriam ser. Então, por exemplo, *This Hollow Shell* pareceu uma música sombria, talvez sobre alguém que foi prejudicado e que deseja vingança contra alguém. Isso fez sentido para mim. E *My Oblivion*, parecia muito... não sei, me lembrou um filme de ação, sabe? Como um filme de ação ou sobre um anti-herói, que são alguns dos meus tipos de filmes favoritos. Eu amo filmes de vingança, como John Wick e coisas assim. Então, basicamente, é uma homenagem aos heróis de ação, aos anti-heróis. E tem uma música chamada *Silence the Enemy*, que é na verdade sobre... esqueci o nome dela, Paula... algo assim. Ela é uma evangelista cristã nos Estados Unidos, sabe? Essas pessoas que pegam o dinheiro das pessoas idosas e se tornam milionárias. E elas dizem: 'Se você me der seu dinheiro, Deus vai te recompensar', esse tipo de coisa. Eu simplesmente não suporto essa pessoa como ser humano. Ela é horrível. Não acho que alguém que realmente acredita em Deus pegaria o dinheiro das pessoas apenas para ficar rico. Não faz sentido. E ela era a conselheira pessoal de Deus de Trump, o que é ridículo. Então, é uma música para criticar os evangelistas, eu acho.

A ideia do seu primeiro álbum solo, *What the Water Wants* (2019), foi se afastar do estilo do Face Warning. Com esse novo disco, ainda sente essa necessidade de se distanciar?

Ray: Você está certo. Acho que no primeiro álbum, eu queria me distanciar e provar, talvez mais para mim mesmo, que podia fazer algo diferente, além do metal pesado ou progressivo ou qualquer coisa assim. Então, sim, aquele disco foi feito intencionalmente para ficar longe desse estilo. Mas neste novo, pensei: 'Por que não voltar às minhas raízes?' É o que tenho feito há mais de trinta anos e sempre amei o heavy metal. É o que eu cresci ouvindo e ainda ouço até hoje. Então, decidi não tentar esconder minhas raízes, que estão no Fates Warning, porque amo fazer esse tipo de música. Então, desta vez, pensei: 'Não tenho nada a esconder.' Vamos apenas fazer o melhor que pudermos, mantendo pesado e sombrio. E gosto da ideia de músicas mais longas, o que acho que fizemos dessa vez. Infelizmente, só há nove músicas no álbum porque ficamos sem tempo. Então, espero que da próxima vez... não sei, será interessante ver o que acontece no próximo trabalho.

Ouvi dizer que você prefere escrever músicas com certa tristeza, mesmo se considerando uma pessoa feliz. Já experimentou compor algo mais animador?

Ray: Não sei, na verdade. Quer dizer, escrevi algumas músicas em que as letras parecem negativas, mas no final são realmente positivas, sabe? Acho que vejo letras sombrias mais interessantes para mim. Por exemplo, Robert Smith, do The Cure, é um dos meus letristas favoritos de todos os tempos e algumas de suas músicas são bem estranhas, mas muitas delas, como em *Disintegration*, são realmente sombrias, cara, e eu amo isso. Acho que isso nos leva a outro lugar, sabe? Acho que todos nós temos emoções diferentes. Por algum motivo, acho as emoções sombrias mais interessantes. Então, basicamente, é sobre isso que escrevo.

Uma das músicas de que gostei muito foi *Hands of Time*. Você pode compartilhar um pouco sobre a inspiração ao compor esse tema?

Ray: Ah, essa deveria estar no meu primeiro álbum solo, *What the Water Wants*. Quando eu estava terminando a composição e a gravação daquele álbum, tinha programado para continuarmos com o novo álbum do Fates Warning, *Long Day Good Night*. Literalmente, fiquei sem tempo para terminar a música. Ela estava cerca de 70% pronta quando tive que parar. Então, voltamos para ela, e ainda era apenas uma demo, nem tínhamos gravado ainda, mas a composição estava cerca de 70% concluída. Quando chegou a hora de escrever este álbum, eu perguntei a Tony Hernando: 'Você ainda tem aquela demo de *Hands of Time*, certo?' E ele disse: 'Não, eu não tenho.' Fiquei tipo: 'Você está brincando comigo? Que merda!' Então, eu já tinha comprado meu novo equipamento de estúdio, um computador diferente, tudo diferente. Tive que desenterrar meu antigo Apple, que tem uns quinze anos ou algo assim, e conectar tudo de novo e começar a procurar e cavar no antigo Pro Tools para encontrar as demos. E finalmente encontrei. Isso foi bom porque eu não conseguia me lembrar da melodia, então foi bom que encontramos. Reescrevemos a música e a terminamos. Acho que teria se encaixado em *What the Water Wants*, mas penso que se encaixa ainda melhor neste álbum. Foi uma feliz coincidência, eu diria.

II
InsideOut Music - Imp.

Algum álbum do Fates Warning recebeu menos atenção do que deveria?

Ray: Sim, eu sinto que há um álbum que recebeu menos atenção do que deveria: *FWX* (2004). Ele teve uma boa resposta, mas nunca fizemos uma turnê para promovê-lo. É engraçado, às vezes as pessoas me perguntam qual é o meu favorito e sempre digo *A Pleasant Shade of Gray* (1997). Acho que é o meu álbum favorito dentre os que fizemos, simplesmente porque é tão diferente de todos os outros. Algumas pessoas dizem: 'Ah, *Inside Out* (1994) é o meu favorito.' Sério? Isso é estranho. E tem gente que diz que é *Disconnected* (2000). É engraçado, sabe? Acho que não temos discos melhores ou piores, mas é interessante como cada pessoa tem uma opinião diferente.

Você mencionou *Disconnected* e notei que a música *One* desse álbum é a mais reproduzida no Spotify do Fates Warning, com mais de 1,5 milhão de streams. Por que acha que ela é a favorita dos fãs?

Ray: É engraçado, eu não sei. Eu sempre pensei que seria algo de *Parallels* (1991) ou algo assim. Eu nunca olhei isso, não tenho Spotify, então é engraçado, né? Mas sempre que tocamos ao vivo, o público adora cantar essa música. Eu tenho que falar com Jim Matheos sobre isso. Na verdade, eu estava conversando com ele hoje mesmo. Provavelmente ele sabe, ele sabe tudo, ele sabe mais do que eu, mas é isso.

Quais álbuns de rock ou metal progressivo que tiveram um grande impacto em você e o que os torna influentes aos seus olhos?

Ray: Eu não escuto muito prog, para ser honesto. Mas eu me lembro quando tinha por volta de 11 ou 12 anos, mais ou menos. Nós crescemos em uma cidade muito pequena no Texas, com talvez umas oitocentas pessoas ou algo assim. Não era uma vila, era uma cidade, não acho que tenhamos vilas nos EUA, então era uma cidade muito pequena. Estávamos na casa de um amigo, suponho que fosse um amigo do meu primo, não sei exatamente. Estávamos lá, nadando na piscina, e alguém colocou o *2112*, do Rush. E a partir daquele momento, eu fiquei tipo: 'Que diabos?'. Fiquei maravilhado, tudo me impressionou. Foi o meu primeiro contato real com o prog rock quando eu era criança. A partir daquele momento, fiquei viciado em Rush. Além disso, eu realmente não ouvia muito prog quando estava crescendo. Ouvia as coisas normais, como Judas Priest, Scorpions, Black Sabbath, coisas assim. Eu gostava de Journey quando era criança, e ainda gosto. A voz do Steve Perry era algo que eu nunca tinha ouvido antes. Mas, sei lá, eu gostava de vozes altas, como as de Geddy Lee, Rob Halford e Steve Perry. E eu também amei a voz do John Arch quando ouvi *Awaken the Guardian* pela primeira vez. Eu fiquei tipo: 'Caramba, essa banda é incrível, eles são tão pesados e sombrios.' Eu nunca fui muito fã de letras fantasiosas, mas isso não me incomodava muito no caso do Fates Warning.

Deixe uma mensagem final para os nossos fãs brasileiros.

Ray: Agradeço pelo apoio ao longo de todos esses anos. Espero que vocês gostem do meu novo álbum solo. E se o Fates Warning não lançar mais músicas novas, então isso é tudo que vocês têm para aguardar. Tchau, pessoal! Mais uma vez, obrigado.

Clube de Revistas

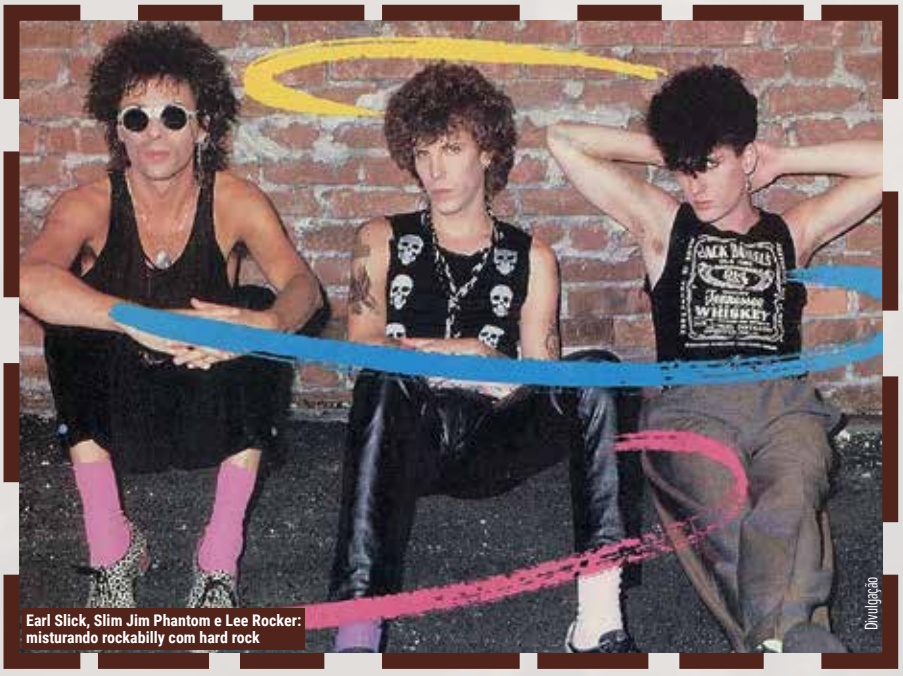
HIDDEN TRACKS

PHANTOM, ROCKER & SLICK

Por Antonio Carlos Monteiro

"Não existia mais aquele sentimento legal. Foram cinco anos ótimos, mas no fim eu estava de saco cheio de tudo aquilo." Foi assim que o guitarrista e vocalista Brian Setzer resumiu o encerramento das atividades do Stray Cats em 1985, após três discos lançados e sucesso mundial. Ato contínuo, entrou em carreira solo e chegou até a tocar com Robert Plant.

Já o resto da banda, o batera Slim Jim Phantom e o baixista Lee Rocker, continuou junto, e contando com um auxílio preciosíssimo: completando a banda estava Earl Slick, guitarrista que tinha no currículo gravações e tours com David Bowie, além de ter gravado *Double Fantasy*, último disco de John Lennon. Com Rocker assumindo os vocais, estava formado o Phantom, Rocker & Slick, banda que juntava o rockabilly e o blues da cozinha com o hard rock e (por que não?) o glam rock do guitarrista.

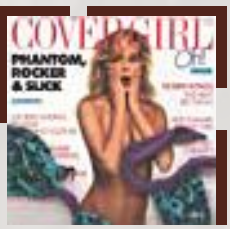


Earl Slick, Slim Jim Phantom e Lee Rocker: misturando rockabilly com hard rock

Falando à revista Internacional Musician & Recording World em 1986, Slick disse que "essa banda está fazendo com que cada um de nós dê um passo adiante em termos de carreira." De fato, Rocker deixou de lado o baixo acústico e passou para o elétrico, além de incorporar também a função de vocalista. Lee passou a tocar sentado e atrás de um kit maior do que o reduzido instrumento que usava no Stray Cats. Já para o guitarrista, era a oportunidade de mostrar que era muito mais do que um músico de estúdio.

O primeiro álbum, que levava simplesmente o nome do trio, foi lançado em 1985. Ele vinha com dois convidados de peso: Keith Richards na faixa *My Mistake* e o pianista Nicky Hopkins (que tocou com Rolling Stones, The Kinks, The Who, Beatles, Steve Miller Band, The Hollies e mais uma infinidade de bandas) em *No Regrets*. No entanto, a faixa que estourou foi *Men Without Shame*, que tem tudo que se imagina de um rock: riff ganchudo, refrão grudento e um solo de mísero um minuto em que Earl Slick passa a limpo aquilo que um guitarrista pode fazer: é uma sucessão de licks, harmônicos, alavancadas e frases forjadas a cola-tudo. Isso e mais um clipe que teve alta rotação na MTV fizeram dela a música de maior sucesso do álbum, atingindo o 7º posto da Top Rock Tracks – já o álbum em si conquistou um honroso 62º lugar na Billboard 200. O trio também contabilizou aparições na TV, como no à época conhecidíssimo programa "American Bandstand", comandado por Dick Clark, e também passou boa parte de 1986 em turnê.

Phantom, Rocker & Slick (1985)



Cover Girl (1986)

O bom resultado do trabalho de estreia fez o sucessor surgir logo em seguida: *Cover Girl* saiu em 1986. Porém, ele acabou não tendo praticamente nenhuma repercussão, já que o Stray Cats resolveu voltar à ativa e a divulgação do álbum acabou sendo interrompida. Com isso, o disco sequer chegou ao Billboard 200 e em duas semanas caiu no esquecimento geral. Por uma daquelas coisas que só o maravilhoso mundo do rock pode proporcionar a você, o disco de retorno do Stray Cats, *Rock Therapy*, que também saiu em 1986, traz uma versão de *I Wanna Rock*, composta por Phantom e Rocker e que o baixista garante que foi gravada por Earl Slick – Setzer simplesmente não teria participado da gravação.

Após 26 anos, o Phantom, Rocker & Slick voltou a se reunir para uma única apresentação no Summerfest de 2012. Na época, em entrevista ao Milwaukee Journal Sentinel, Slim Jim Phantom deu sua definição à banda: "Era o típico projeto paralelo. Em algum momento, teria que acabar."

Já em 2016, falando ao site Stray Cats Collector's, Lee Rocker abriu o coração: "Eu tenho muito orgulho daqueles dois discos, especialmente do primeiro. É um álbum muito consistente e até hoje me sinto muito feliz por tê-lo gravado." Sobre uma possível reunião, ele foi direto: "Eu adoro Earl Slick! A gente conversa até hoje, já tocamos algumas vezes juntos (N.R.: há vídeos deles no YouTube tocando músicas do trio, especialmente *Men Without Shame*). Eu nunca digo nunca, mas meu foco é e sempre foi olhar para frente. Não vejo muito sentido ficar revivendo o Phantom, Rocker & Slick ou o Stray Cats."

ORIGEM:
EUA

ÉPOCA:
1983 a 1986

ESTILO:
Rock'n'roll, hard rock

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Slim Jim Phantom (bateria),
Lee Rocker (vocal e baixo) e
Earl Slick (guitarra)

DISCOGRAFIA:
Phantom, Rocker & Slick (1985) e
Cover Girl (1986)

Clube de Revistas

GESTOS

BLASPHEMOUS WORDS - NOVO ÁLBUM DO GESTOS

10 MÚSICAS DO MAIS PURO DEATH METAL!
ENCARTE EM FORMATO DIGIPACK COM TODAS AS LETRAS
ARTE POR ALCIDES BURN (NERVOSA, VOIVOD, KRISIUN, TOXIK...)

LAB 666 SANGUE FRIO PRODUÇÕES

GESTOSGROSSEIROS

Clube de Revistas

Divulgação

Fruto do trabalho de um ídolo ao lado de um de seus fãs, o projeto musical de Tom S. Englund e Vikram Shankar já chega ao seu terceiro álbum completo

silent_skie_s

dos céus, apenas o silêncio

Terceira obra vem melancólica e calma, mas expande o universo sonoro da dupla Tom S. Englund e Vikram Shankar

Por Valtemir Amler

Ao lado do Evergrey, o guitarrista e vocalista sueco Tom S. Englund alcançou fama mundial e um domínio de técnica e emoção que muitos músicos jamais alcançarão. Embora saiba disso, ele nunca tomou como certo o sucesso, tampouco menosprezou um bom desafio, especialmente se esse de alguma maneira for elevar o nível do jogo de que ele participa há cerca de três décadas. Assim, não era de se estranhar que ele acabaria aparecendo meio que do nada com um novo projeto ao lado de um músico excelente, mas que ainda não tinha um nome estabelecido no cenário metal. Esse até pode ser um bom prefácio para a história do Silent Skies, mas de forma alguma diminuiremos o papel desenvolvido pelo tecladista, pianista e compositor Vikram Shankar, que você talvez conheça pelos trabalhos com a vocalista holandesa Anneke van Giersbergen, com o Redemption ou o Lux Terminus. Formado em 2019, o Silent Skies desafia o ouvinte não com uma sonoridade absolutamente técnica e refinada, mas por uma música guiada pelas emoções, que a todo momento parecem guiar os caminhos estéticos, líricos e musicais da banda, que provavelmente jamais conseguirá ser enquadrada dentro de um único gênero. Essencialmente lúgubre e bela, a música apresentada em seus três álbuns de estúdio – *Satellites* (2020), *Nectar* (2022) e o recente *Dormant* – têm tudo para agradar tanto fãs de post punk quanto de rock progressivo, trazendo a tradicional melancolia nórdica para sob os holofotes. Confira nossa conversa com a dupla de criadores.

São três trabalhos em pouco tempo, mas vamos começar essa conversa com o básico: desde quando vocês dois se conhecem?

Vikram Shankar: Eu conheço Tom desde 2017, que foi quando ele entrou em contato comigo e começamos a ter conversas sobre o que viria a ser o Silent Skies. De uma maneira estranha, parece que eu já o conhecia há muito tempo antes, pois sempre tive um contato tão profundo com a música do Evergrey, e acredito que durante o processo de aprendizado sobre como tocar apropriadamente aquelas músicas, com a emoção e a técnica corretas, apreciei tanto ouvir aquelas músicas por tantas e tantas vezes que acho que desenvolvi uma familiaridade tão grande com os temas e letras que ele sempre fez a ponto de termos desenvolvido certo parentesco, um entendimento emocional e musical que precede o tempo que nos conhecemos pessoalmente. E isso foi interessante, pois desde o primeiro dia em que trabalhamos juntos já tínhamos tanto em comum naquilo que se refere à concepção da música e do sentimento envolvido nela que cada vez mais buscamos trabalhar juntos, tanto nos dois álbuns do Silent Skies quanto em outros empreendimentos musicais.

Tom Englund: É verdade. Eu conheci Vikram através de vídeos dele que vi na internet, ele tinha e tem um monte de vídeos tocando heavy metal no piano, e algumas dessas músicas que ele fazia eram do Evergrey. Foi até engraçado, pois quando vi os primeiros vídeos, ele estava tocando músicas de outras bandas, e eu já gostei tanto que continuei acompa-

nhando o canal. Um dia, para a minha surpresa, ele colocou no ar um vídeo tocando *Missing You* (N.R.: música do álbum *Hymns for the Broken,* lançado em 2014 pelo Evergrey), e eu senti que de alguma maneira ele tinha me entendido, senti que a maneira como ele abordava aquela música era a mesma que a minha, como se ele estivesse continuando a pintura que eu havia começado, o que faz sentido hoje que sei que ele cresceu enquanto aprendia a tocar nossas canções e se afeiçoando à maneira como componho. Então, aquele foi um primeiro passo muito promissor para que algo acontecesse, pois é ótimo compor com alguém que fala a mesma linguagem musical que você, que entende o que te leva a escrever. Isso me levou a enviar um e-mail para ele, dizendo que deveríamos compor um álbum juntos e que eu gostaria que ele soasse como a trilha sonora de um filme, só que com vocais. Foi interessante, e hoje estamos aqui, já temos dois álbuns do Silent Skies, trabalhamos juntos no Redemption e também já criamos músicas para jogos de computador. Quer dizer, muitas coisas aconteceram a partir daquele e-mail, então, a lição é essa: não tenham medo de começar algo quando seus instintos disserem que você está fazendo a coisa certa.

Você tinha esses vídeos no YouTube?

Vikram: Não, eu gostava de postar no Facebook, na verdade. Sei que isso soa estranho quando todo mundo usa o YouTube e o Twitch (risos), mas eu gostava disso, e é engraçado pensar nisso. Hoje a internet virou uma plataforma para algumas pessoas espalharem o ódio, algumas pessoas literalmente usam o Facebook para tentar estragar o dia de outros, mas não acredito que um dia Tom teria me visto tocando se não fosse essa ferramenta, provavelmente nunca nos conheceríamos.

Poderia nos falar um pouco sobre como foi seu caminho na música antes daqueles vídeos?

Vikram: Claro, é um prazer. Eu comecei bastante cedo, toco piano desde os 5 anos de idade. Eu tinha uma afinidade natural com o instrumento e suponho que sempre senti que era muito mais fácil me comunicar através da música do que pela linguagem convencional, já que era naturalmente tímido e retraído. Estudei piano no nível formal, primeiro clássico e depois jazz, ao longo de quinze anos, culminando numa educação musical de conservatório em trilha sonora/composição para filmes e piano jazz. Simultaneamente, vinha mergulhado de cabeça no mundo do rock progressivo, metal e muitos outros tipos de música, e o Evergrey era uma das minhas bandas favoritas por conta da profundidade daquelas músicas e das possibilidades que elas traziam. Nunca voltei atrás ou sequer pensei em outra coisa, o que queria era ser músico.

Certo. Agora, Tom, você já tinha uma carreira solidificada com o Evergrey, então, o que o motivou a começar um novo projeto do zero?

Tom: Primeiramente foi o vídeo dele para *Missing You*, senti que existia algo especial ali. Depois, foi a própria atitude dele. Quer dizer, eu enviei um e-mail e claro que esperava uma resposta positiva dele, algo talvez formal e polido, mas a resposta que recebi foi de alguém muito empolgado, que já foi logo me falando das várias e várias ideias que tinha guardadas no computador.

DORMANT
Napalm - Imp.

Vikram: É, eu fiz isso mesmo (risos).

Tom: Sim, e aquilo foi o sinal que faltava para que eu não tivesse mais dúvida alguma de que estávamos seguindo a ideia certa! Lembro que bem no início trabalhamos muito para encontrar a voz comum do Silent Skies, a sonoridade ideal que estávamos buscando para a banda, até que certo dia ele me mostrou uma melodia que havia criado, eu cantei uns quatro versos sobre aquela melodia e tudo simplesmente encaixou, soava certo, perfeito. Esse foi aquele momento em que nos olhamos e dissemos: 'É isso aí, esse é o caminho que vamos seguir, é isso que queremos alcançar.' Ao menos, é assim que lembro.

Vikram: Foi isso mesmo. Lembro que tínhamos uma ideia muito vaga daquilo que queríamos fazer e como queríamos soar, é como você disse, 'trilha sonora para filmes, mas com vocais'. O quão vago isso pode soar? (risos gerais) Além disso, havíamos falado sobre nossas referências musicais em comum, e estávamos basicamente tateando no escuro, tentando achar um caminho. Foi um processo duro no começo, mas de repente aconteceu, simplesmente aconteceu.

Como ouvinte, chama a atenção o Silent Skies não ter seguido o caminho óbvio, buscando por uma música diferente daquela esperada quando ouvimos o nome dos envolvidos. Quer dizer, acho que seria muito fácil para Tom seguir o caminho do progressivo e você algo voltado ao clássico, mas não é isso que temos aqui.

Tom: Desde o começo eu sabia que não queria criar outra banda nos moldes do Evergrey ou do Redemption, simplesmente não faria sentido para mim. Todas as ideias que tenho nesses caminhos já têm um destino, então era outra parcela da minha alma que eu precisava resgatar e colocar em música. Sinceramente, amo o que estamos fazendo no Silent Skies, mas não conseguiria dizer que tipo de música tocamos. O que você diria, Vikram?

Vikram: É bem difícil de dizer, já que nunca pensamos em nenhum tipo de limite ou barreira enquanto compúnhamos esses discos, o processo de ambos foi totalmente aberto para todas as ideias que surgissem. Eu diria que somos uma banda atmosférica, que apresenta a melancolia escandinava de uma forma dinâmica, ambiente, calma e reflexiva, mas com a taciturna energia sombria do heavy metal, transmutada para um formato mais relaxante.

Porra, essa é uma ótima descrição!

Tom: Não é? E ele falou que não sabia o que dizer... (risos gerais) Acredite em mim, Vikram sempre tem uma resposta, provavelmente essa é outra das milhares de ideias que ele tinha guardado no computador (risos gerais).

Bem, já são três álbuns completos de estúdio em pouco tempo. Parece que não existem planos de parar por aí.

Tom: Posso lhe garantir que não (risos).

Vikram: Não mesmo. Veja, quando *Satellites* foi lançado, eu e Tom já estávamos pensando em como faríamos para *Nectar* ser um álbum ainda mais emotivo, forte e completo que o anterior. E isso não mudou agora. Lançamos *Nectar*, *Dormant* e estamos desenvolvendo ideias para aquilo que faremos no futuro. É certo que seguiremos adiante, pois ainda temos muitas ideias que precisam ser trabalhadas.

Clube de Revistas

ANGRA

CYCLES OF PAIN
VOICE MUSIC - NAC.

9,5

No momento em que você lê estas linhas, a disputa *ØMNI* (2018) x *Cycles of Pain* ainda deve ser um dos debates entre os fãs. De qual disco cada um gosta mais é, claro, uma questão subjetiva, mas Fabio Lione, Rafael Bittencourt, Felipe Andreoli, Marcelo Barbosa e Bruno Valverde são objetivos num ponto crucial: ao contrário das eras anteriores, este Angra 3.0, com Lione nos vocais, está em franca ascensão. Em vez de 'o que está acontecendo com essa banda?', o momento é de 'mal posso esperar para ouvir o que vem a seguir.' O cordão umbilical do power metal melódico não foi cortado, como mostram *Ride Into the Storm* e *Generarion Warriors*, só que os clichês de um estilo já tão genérico são entrecortados por seções instrumentais intrincadas e mais pesadas do que o habitual, especialmente nas transições para os solos, o que aproxima a banda cada vez mais do prog metal. É o que acontece, também, com *Dead Man on Display*, que troca a ameaça do mais do mesmo por detalhes e complexidade incomuns a bandas que maltratam o ouvinte com o uso excessivo dos dois bumbos – e Valverde, com uma performance impressionante, sabe muito dar diferentes cores às músicas com seus arranjos de bateria. E daí para frente é só festa, mesmo. *Gods of the World* traz de presente um ótimo riff bem heavy metal e solos espetaculares de Bittencourt e Barbosa, talvez os melhores da dupla em todo o álbum, enquanto a belíssima faixa-título destaca o piano e coloca baixo e guitarras em condição de igualdade. A divisão em *Part I* e *Part II* não separa *Tide of Changes*, que deve mesmo ser escutada como um todo, da absurda introdução tocada por Andreoli até a formação de uma das melhores músicas do CD, com uma menção bem oportuna e criativa de *Carolina IV*. A brasilidade marca presença nas excelentes *Faithless Sanctuary*, que une sonoridade tribal/indígena com ritmo nordestino, e *Vida Seca*, cujo único pecado é a participação do brilhante Lenine não ser mais longa; e a presença feminina torna especiais outras duas joias: *Here in the Now*, com Vanessa Moreno, um dos grandes nomes da MPB na atualidade, e *Tears of Blood*, prog metal com toques góticos que traz Juliana D'Agostini no piano e a sempre ótima Amanda Somerville num baita dueto com Lione, que atua como tenor para coroar uma performance vocal de tirar o chapéu.

Daniel Dutra

HEAVEN'S GUARDIAN

CHRONOS
SLEASZY RIDER - IMP.

8,5

Desde 2015, com *Signs*, os goianos das Heaven's Guardian estavam em silêncio dentro da cena na qual ocupam um status relevante quando o assunto é metal melódico/sinfônico no Brasil. Mas, convenhamos, ao que tudo indica esse tempo de molho recuperou a bateria da banda, que voltou com tudo, em um projeto ousado, peculiar, grandioso, com nuances cinematográficas e significância singular. Isso mesmo, *Chronos*, o quarto álbum da discografia, vai muito além da música. Ele escreve um capítulo especial na existência dos caras ao avançar o senso comum trazendo convidados como a Orquestra Sinfônica Jovem de Goiás e o Coro Sinfônico Jovem de Goiás em um disco conceitual, executado com muito talento por músicos de alto gabarito e com fome de arte. E para colocar tudo no lugar, a produção ficou a cargo dos renomados Roy Z (Bruce Dickinson, Rob Halford) e Addasi Addasi (NervoChaos, Black Oil). Como um assíduo fã desse "detalhe", a arte da capa, assinada por Carlos Fildes, funciona como um forte convite à degustação. Difícil destacar uma música em si, pois acredito que o prato deve ser consumido de uma vez, em paz, para que seja captado cada passo, mas arrisco dizer que as minhas preferidas são *Artificial Times* e *Wall of Shame*. Nelas, destaque para as linhas vocais da dupla Carlos Zema e Natalia Tsarikova. Estou curioso em relação aos próximos passos, pois aqui chegaram ao seu melhor momento. Que tenham força e garra para manter esse nível tão alto.

Matheus Vieira

FACES OF DEATH

EVIL
VÁRIOS - NAC.

9,0

Uma das bandas mais talentosas do fértil cenário de metal extremo no Brasil, o Faces of Death chega ao terceiro álbum de estúdio apresentando novidades não apenas na formação, com Laurence Miranda (vocal e guitarra) e Sylvio Miranda (baixo) dando boas-vindas a Luiz Amadeus (guitarra) e Niko Teixeira (bateria). Em *Evil*, lançado pela parceria entre os selos Impaled, Master, Gerunda Produções e Gate of Doom, o quarteto paulista abraça mais o thrash do que o death metal num bem-sucedido resgate dos anos 1980 e 1990. A primeira referência salta aos ouvidos logo de cara, na faixa-título: Sepultura. Apesar do começo espancador e de um quê de Slayer na parte mais cadenciada (com um dos muitos riffs de guitarra que se destacam ao longo da audição), a fase *Beneath the Remains* é o que norteia uma música que tem todos os elementos do estilo bem trabalhados e com ótimas transições. E se *Stronger Than You* também não esconde o respeito e a admiração pela maior banda da história do metal nacional, há muito mais em *Evil*: a veia punk dá as caras em *Bloody Cross*, *When Calls Death* inclui doom metal na receita, e a mistura fica ainda melhor na arrastada *Hanging Out With the Devil*, que traz uma parte acústica, ressaltando até a linha de baixo, que ficou impecável. E você consegue imaginar o Motörhead fazendo thrash metal raiz? O Faces of Death traduziu essa ideia em *Lemmy Said One Day...*, que apresenta outro destaque do CD: as letras, em sua maioria tratando de temas concretos trazidos ao debate, como política e religião. E tem *It's Calling Me Out... Suicide*, que aborda a doença do século, a depressão; *A Monster in the Park*, sobre o assassino serial Francisco de Assis Pereira, conhecido como Maníaco do Parque; e *Kiss of Death*, uma porrada sonora com um riff mágico para tratar do incêndio que matou 242 pessoas na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), em 2012. Tudo, do conceito gráfico à produção, embalado por músicas em alto nível.

Daniel Dutra

DORO

CONQUERESS - FOREVER STRONG AND PROUD
NUCLEAR BLAST - IMP.

8,5

Conqueress – Forever Strong And Proud é um dos melhores trabalhos da carreira solo que Doro Pesch iniciou há 39 anos. Ela, Johnny Dee (bateria), o brasileiro Bill Hudson e Bas Maas (guitarras) e Stefan Herkenhoff (baixo) foram além dos álbuns mais recentes. Muito por causa das rápidas e pesadas *I Will Prevail*, *Fire In The Sky* e *All For You*. Mas há ainda as típicas faixas cadenciadas que Doro cria maravilhosamente: *Lean Mean Rock Machine*, *Drive Me Wild* e *Horns Up High*. A tradição de uma canção romântica? Ouça *Best In Me*. Se não fosse suficiente, ela gravou dois duetos com Rob Halford: uma boa versão para *Living After Midnight* (precisa dizer que é do Judas Priest?) e outra para *Total Eclise of the Heart*, a balada pop que, em 1983, fez Bonnie Tyler ser mais famosa do que era. Até aí eu já estava mais do que satisfeito, mas tem também um convincente cover para *The Four Horsemen*, do Metallica. Tudo guiado pela voz impecável da Rainha do Metal que, aos 59 anos, soa com a mesma força e qualidade que tinha em 1982, quando despontou no Warlock.

Alessandro Bonassoli

BLACK STONE CHERRY

SCREAMIN' AT THE SKY
MASCOT - IMP.

9,0

Sim, é possível encontrar uma fórmula, se manter fiel a ela e ainda assim lançar discos que não cheirem a déjà vu. É o que provam Chris Robertson (vocal e guitarra), Ben Wells (guitarra), Steve Jewell Jr. (baixo)

e John-Fred Young (bateria) em *Screamin' at the Sky*, oitavo disco do Black Stone Cherry. Isso porque o quarteto de Kentucky segue fazendo, como poucos, que o peso de uma música, qualquer uma de suas músicas, seja absolutamente palatável para qualquer público. E é assim logo de cara, porque a faixa-título entrega um daqueles refrãos melódicos que o quarteto tão bem faz para dar uma quebra no clima, assim como *Nervous*, *R.O.A.R* e *Who Are You* ressaltam o lado mais pop que a banda carrega desde 2001, quando seus integrantes ainda tinham espinhas no rosto. Aliás, há, sim, uma novidade: no grupo desde 2020, Jewell Jr. elevou o nível das quatro cordas do BLS na sua estreia em estúdio, encorpando o som com um timbre deliciosamente gorduroso, fora suas ótimas linhas de baixo. E entre mais faixas muito acima da média, destacando também *Here's to the Hopeless*, e *You Can Have it All*, *When the Pain Comes* e *The Mess You Made* (esta com um trabalho de guitarras gêmeas à la Iron Maiden), o groove coloca duas delas no pódio: *Show Me What it Feels Like*, com um irresistível refrão dançante, e *Smile, Word*, com suas melodias vocais funkeadas e instrumental suingado.

Daniel Dutra

ICON OF SIN

LEGENDS

FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,5

Para situar o leitor que eventualmente ainda não saiba, o Icon of Sin é a banda que tem Raphael Mendes nos vocais - sim, aquele mesmo dos vídeos no YouTube -, mas é uma força coletiva que conta também com Marcelo Gelbcke e Sol Perez (guitarras), Caio Vidal (baixo) e Markos Franzmann (bateria). De fato, os holofotes são bem divididos entre o quinteto paranaense, e se você acha que o som remete ao Iron Maiden... Acertou, mesmo que em parte. Claro, a voz de Mendes é inacreditavelmente parecida com a de Bruce Dickinson, e confunde demais quando ele manda os trejeitos e maneirismos do veterano cantor, mas *Legends* tem mais do que isso e os trechos que são puro suco de Donzela de Ferro. Ouça *Bare Knuckle*, principalmente o desfecho, e a melodia de guitarra de *Black Sails and Dark Waters* antes dos versos cantados em coro na segunda metade da música. O segundo disco da banda não escapa do power metal mais heavy metal do que metal melódico, felizmente, em canções como *Cimmerian*, *Heart of the Wolf* e *Wheels of Vengeance*, esta com absoluto destaque para as guitarras e, ainda mais, para Vidal, que ganha um momento solo para premiar o ótimo trabalho nas quatro cordas. Agora, você pode ir direto em *The Scarlet Gospels* e *Clouds Over Gotham, Pt. 2 - Arkham Knight*, destaques ao lado do maior acerto do álbum, *Terror Games*, que cumpre o que *Night Force* havia ameaçado: uma descambada para o hard rock com toques de AOR.

Daniel Dutra

TUATHA DE DANANN

THE NAMELESS CRY

HEAVY METAL ROCK - NAC.

10

Surpreender positivamente é uma arte. Senão, vejamos: conhecida do público antes mesmo do lançamento de *The Nameless Cry*, oitavo álbum do Tuatha de Danann, *The Nameless* mostrou que as melodias celtas seguem intactas, mas o acréscimo de peso, ilustrado num ótimo riff heavy metal, foi um colírio para os ouvidos. E com letra e refrão de tirar o chapéu, o Tuatha ainda resgatou o vocal gutural que marcou presença nos primeiros. Segunda faixa aberta aos fãs, *United* mostrou que o caminho seguido pela banda de Varginha (MG) - Bruno Maia (vocal, guitarra, flauta e mais um monte de instrumentos), Giovanni Gomes (baixo e vocais), Edgard Brito (teclado), Raphael Wagner (guitarra) e Rafael Delfino (bateria e vocais) - não era um simples desvio de rota: mantém a dose maior de peso e coloca o quinteto na vanguarda do que já podemos chamar de prog folk metal, graças a um instrumental rico em detalhes, solos singulares e um refrão com uma melodia vocal, enriquecida por um coral, simplesmente épico. O encerramento orquestrado de *Revenge*, uma canção folk (menos) metal (mais) com a participação de Julie F. Gonçalves, faz jus à excelência do disco, mas há outros tesouros entre as duas primeiras músicas e a última. *The Rabble's Cry* destaca muito bem o Hammond numa canção que remete até mesmo ao Queensrÿche em alguns momentos, e os teclados voltam a se destacar em *The Virgin's Tower*, com letra de Martin Walkyler (ex-Skyclad) e dedicada a todas as mulheres torturadas e estupradas durante a ditadura militar - com vocais guturais e a sempre bem-vinda participação de Daísa Munhoz, é a música mais heavy metal do Tuatha em seus 30 anos de história. Liricamente, aliás, o grupo felizmente não mudou sua trajetória, e a rápida *Clown*, com frases como "religion, guns, misogyny, all put together", deixa bem claro quem é o palhaço Pennywise do título. E estas palavras levam a *A Fragile Whisper to a Raging Roar*, que tem a participação do ex-Shaman Hugo Mariutti. Trechos acústicos, os teclados, incluindo o solo, dando um tom progressivo, os solos de guitarra, as melodias vocais... Todo o conjunto forma uma canção linda, até mesmo emocionante, e maravilhosa! Em um ano de destaque para os lançamentos nacionais, o Tuatha de Danann conquistou a pole.

Daniel Dutra

NO VOID SHELTER

UNLOCK

INDEPENDENTE - NAC.

9,0

A pandemia de Covid-19 foi uma desgraça em diversos sentidos e revelou a "desumanidade" da humanidade: falta de empatia com o outro, dinheiro acima de tudo, negação da ciência e outras porcarias. É nesse cenário, o trio Gustavo Lacerda (vocal e guitarra), Thiago Canasci (baixo) e Telo Veras (bateria) buscaram inspiração para criação do primeiro álbum do No Void Shelter, *Unlock*. A sonoridade é metal com tendências ao progressivo e, com esse prog metal, o trio apresenta faixas bem cativantes. Começando com a abertura, *Open Mindedness*, com uma melodia vocal bem inspiradora e teclados bem colocados – ela me remeteu ao maravilhoso e inesquecível Queensrÿche! E essa não é a única música de impacto, pois temos também *Drop by Drop* com o ritmo bem grooveado e tecladinhos bem sacados. Em *Unlock*, pela introdução sintetizada, a gente imagina um Depeche Mode chegando, mas a vibe é mais pesada e densa, fazendo jus a ser a faixa-título e de representar o conceito do álbum. Outra que marca é *Swallowed*, introspectiva, sentimental e com um tom de despedida da vida. Essa é uma banda que precisa de investimento para uma produção além do básico e mostrar as belas composições para quem gosta e sente, letra e música em sintonia.

Ivanei Salgado

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

ERIK MÅRTENSSON
(ECLIPSE)

AC/DC - *Powerage*
Deep Purple - *Burn*
W.A.S.P. - *W.A.S.P.*
Europe - *Wings of Tomorrow*
Slayer - *South of Heaven*

Fotos: Divulgação

ROB ROCK

Foreigner - *Foreigner*
Deep Purple - *Machine Head*
Boston - *Boston*
Judas Priest - *British Steel*
Queen - *Greatest Hits*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

Clube de Revistas

RAFAEL MORAES

ADRENALINE RUSH
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Eis que o multi-instrumentista Rafael Moraes apresenta o seu debut, *Adrenaline Rush*, em que, além de cantar, toca todos os instrumentos. Temos aqui um álbum de hard'n'heavy bem tocado, com boas levadas de bateria e um baixo 'feijão com arroz'. Ou seja, possui uma cozinha perfeita para dar suporte ao que há de mais interessante no álbum: os solos de guitarra. Quando Rafael se interessou pela música, o violão e a guitarra foram as suas primeiras experiências e, isso, aos quinze anos de idade. Portanto, é natural que este material esteja repleto deles, e como a sua música faz sala a um dos mais exigentes nichos do rock e metal, a posição em que cada solo ocupa é cuidadosamente encaixada. Escute as instrumentais *Rhapsody Madness* e *The Last Turn to Victory* para compreender um pouco desse protagonismo. Aliás, esta última, que sugere tema de vitória, nos remete à clássica instrumental que todos os brasileiros ouviam quando o herói Ayrton Senna vencia suas corridas na Fórmula 1.

Leonardo M. Brauna

RIVAL SONS

LIGHTBRINGER
WIKIMETAL - NAC.

9,0

Passados mais de quatro anos desde *Feral Roots* (2019), o Rival Sons mostra novamente que estava com a criatividade represada e à flor da pele. São dois discos num período de quatro meses em que o nível do material é de alto nível de *Mirrors*, primeira faixa de *Darkfighter*, a *Mosaic*, que encerra este *Lightbringer*. Jay Buchanan (vocal e guitarra), Scott Holiday (guitarra), Dave Beste (baixo) e Mike Miley (bateria), com os teclados de Todd Ögren, reservaram para o seu oitavo álbum de estúdio seis canções em que o lado acústico é mais proeminente. Isso é perceptível logo nos nove minutos de *Darkfighter* (sim, o nome do disco anterior), com incrível riqueza musical, dando às várias diferentes passagens, umas mais calmas, outras mais rock, uma conexão natural. E é talvez pela abordagem mais leve, digamos assim, que Buchanan rouba a cena desde o início. Ele até divide as atenções com Holiday em *Mercy*, que tem um riff sujo à la Led Zeppelin, ou com Beste em *Before the Fire*, que joga luz sobre as linhas de baixo, mas o vocalista tem os holofotes todos para ele em *Redemption*, uma lindíssima balada "bluesy", e, principalmente, em *Mosaic*, merecedora dos melhores predicados musicais que você conhece. Mas e o lado mais visceral do bom e velho rock'n'roll? Se você conseguir ficar indiferente a *Sweet Life*, ele não foi feito para você.

Daniel Dutra

DRAGONHEART

THE DRAGONHEART'S TALE
HELLION - NAC.

7,5

Quem é amante de power metal melódico e viveu o apogeu do estilo nos anos 2000, já leu alguma resenha ou entrevista com a banda paranaense Dragonheart. Sem lançar um material completo desde *The Battle Sanctuary* (2015), os guerreiros medievais resolveram celebrar seus 25 anos de vida em grande estilo, lançando *The Dragonheart's Tale*, o quinto registro da carreira. Logo de cara, uma novidade: o retorno do guitarrista e vocalista Eduardo Marques, voz do grupo em seus melhores momentos. Prepare-se por aquela viagem pelo power metal com seus típicos elementos em uma história que mescla, batalhas, fogo, mágica e piratas e é dividida em três atos. A mixagem e a masterização ganham destaque, não por menos são assinadas por Fredrik Nordström (Dream Evil, Hammerfall, Opeth e outros). Entre introduções e interlúdios, *The Dragonheart's Tale* merece ser ouvido na íntegra a fim de esclarecer todos os seus conceitos. Mas, como sempre, em casos como esse, é importante pontuar: se você não é dessa praia, nem precisa entrar na água senão vai reclamar. A faixa de abertura, que batiza o CD, já externa isso. Com participação de Henning Basse (ex-Metalium) e da cantora Vanessa Rafaelly, o play tem sua bonita capa assinada por Andreas Marschall (Blind Guardian, Grave Digger e Running Wild), que já havia trabalhado com o grupo. Confira!

Matheus Vieira

BEARTOOTH

THE SURFACE
RED BULL - IMP.

8,5

O Beartooth sempre teve uma característica sombria em sua música e em suas letras. E foi justamente esse aspecto que, junto com a performance do vocalista Caleb Shomo, os tornou uma das bandas mais relevantes do metalcore. O vocalista nunca escondeu dos fãs seus problemas cotidianos e isso transparece mais uma vez em suas músicas, mas desta vez pendendo mais para as experiências humanas. Em *The Surface*, as músicas estão mais impactantes e com melhores refrãos. É uma mudança sonora que combina bem com eles. Vide a faixa-título, que abre o trabalho com um vocal agressivo que cai muito bem com os riffs superpesados, além de trazer um refrão impactante. *Riptide* tem mais melodia e um dos melhores refrãos que a banda já compôs. Já *The Better Me* contou com a participação do compositor de música country Hardy. Vocalmente, ela tem um sotaque country, mas musicalmente é um hard rock direto. A combinação funciona bem, embora o vocal perca em potência. *Shineshine!* deve agradar aos fãs que preferem um Beartooth mais pesado, já que começa com uma passagem estridente e gritante de Shomo antes de entrar em instrumentais nervosos. Demais destaques: *Might Love Myself* e a faixa de encerramento, *I Was Alive*, ambas com uma qualidade de rock hino do final dos anos 1990, novamente oferecendo algo novo. Tudo isso forma o repertório mais consistente que o Beartooth já lançou.

Claudio Vicentin

GUERRA NUCLEAR

FIM DE TODAS AS FORMAS
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Estamos diante de um nome que nasceu com temas que transitam pela política, conflitos, desespero e religião na sua negação mais explícita. A banda Guerra Nuclear apareceu em 2022 e agora apresenta o primeiro álbum, *Fim de Todas as Formas*. Em suas nove faixas, Fernanda Mattiello (vocal), Rômulo Ballestê (guitarras), Marco Anvito (baixo) e Igor Noronha (bateria) não fazem cerimônia quando o assunto é meter velocidade nos riffs e espancar a cozinha. O termo thrash speed cai aqui como uma luva, com exceção da introdução, *Ogiva*, que é do tipo que engana o ouvinte desavisado. Porém, com um nome deste e o do título do disco, associados a uma capa lindamente sugestiva, poderia vir na introdução uma parte do concerto de Vivaldi que o caos sonoro ainda seria aguardado. Para entender melhor, músicas como *Reator IV* e *A Hora do Brasil*, com performance mais furiosa de Fernanda, exemplificam bem esta reflexão.

Leonardo M. Brauna

LAC

LIMBO
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Fruto de uma campanha de crowdfunding, o quarto disco do Lacerated and Carbonized (ou apenas LAC, como agora) é, também, um renascimento para o quarteto carioca de death metal. *Limbo* vem depois de uma debandada geral deixar o vocalista Jonathan Cruz com a

missão de seguir em frente com o material que já tinha em mãos - todas 11 músicas são de autoria da formação anterior. Com o álbum financiado, Jonathan recrutou o guitarrista Leandro Pinheiro e o baixista Arthur Chebec, contou com a ajuda de Victor nas baquetas, e o resultado foi um dos melhores discos de metal extremo de 2023. A começar pela produção impecável, deixando a bateria com som de bateria e, não usual num trabalho do estilo, ressaltando o baixo. Cartão de visitas, *The Scum of Society* é um massacre sonoro de dois minutos, sem perdão algum, mas partes rápidas e blast beats, em meio a um trabalho de guitarra ímpar, não são a única tônica do álbum. Há, claro, trechos mais cadenciados, como na ótima *Hateocracy*, que liricamente é uma das exceções nesta nova fase do LAC, que trocou a abordagem de elementos da cultura brasileira e de questões sociopolíticas por um lado mais negativo, pessimista até, ao abraçar temas como ansiedade, depressão e confinamento - qualquer relação com o que se viveu durante a pandemia não deve ser mera coincidência. Palavras do passado ainda se fazem presentes em *Endless Void* ("É a porra do Brasil / Ninguém sabe, ninguém viu / The hate we breed is what we become"), uma das melhores do CD ao lado de *Dead and Forgotten* (com uma aura de Slayer, para quem curte referências), *The Stench of Death*, *Unsparing Onslaught*, *Burn to Dust* e *The Faceless*.

Daniel Dutra

LIGHTSTRIKE

LIGHTSTRIKE EP
INDEPENDENTE - NAC.

6,0

"A arte é a expressão do homem, da sua alegria no trabalho". Assim disse, certa vez, o designer e ativista inglês William Morris. E uso tal citação porque quero contextualizar o sentimento transmitido na audição do debut da banda paulistana Lightstrike, autointitulado: um completo balaio de expressões pessoais de seus integrantes. Apostando em um power metal tradicional com toques de progressivo, a banda também faz da sua arte uma ferramenta para transmitir conceitos religiosos com letras que apostam em temáticas bíblicas a partir de pontos de vista espirituais e históricos, bem como experiências pessoais com a fé cristã. "O nome Lightstrike vem da junção das palavras "light" (luz) e "strike" (golpe), baseando-se na história de Paulo, que após ter tido uma visão de Cristo, se tornou um dos mais importantes apóstolos da história", explica a banda. Logo de cara, com o single *Hole in Heart*, já fica clara a proposta musical e a qualidade técnica dos músicos, com destaque para os riffs do guitarrista Felipe Feitosa, que se encaixam com maestria na voz marcante de Luanda Rolim. Sem muitas novidades em seu som, mas focados em uma direção, a Lightstrike segue seu caminho e sua mensagem, independentemente de avançar (ou não) um nicho de fãs. Ah, além de Luanda e Felipe, tocam na banda Diego Souza (teclado), Robson Alves (baixo) e André Castro (bateria).

Matheus Vieira

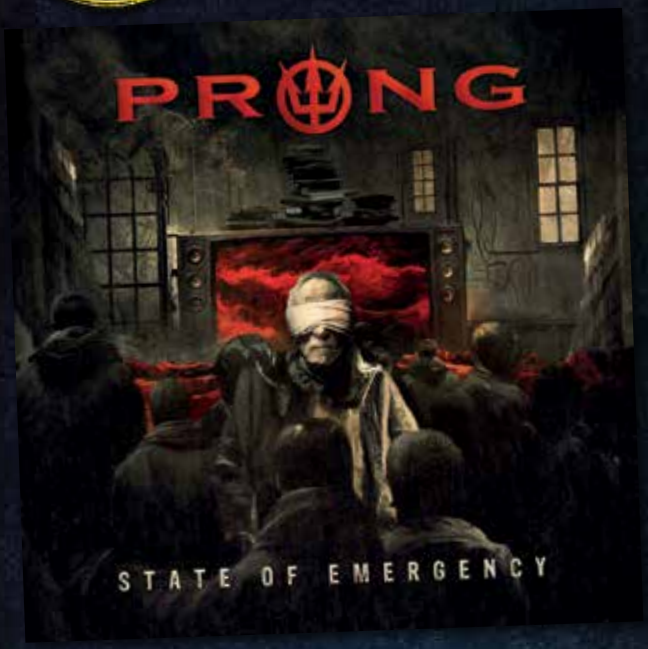
NOCTURNAL FORCE

THE KINGDOM OF HATRED
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Este álbum da curitibana Nocturnal Force possui estrutura 'raw', principalmente nos três primeiros temas. É importante frisar que a introdução e as duas faixas seguintes, *Encantamentos Mórbidos* e *Forças de Satã (Guerras Profanas)*, além de proferidas em português, possuem sonoridades distintas às demais do repertório. Para melhor dizer, *Necromancy* e *Eternal Rites of Hell* são um pouco mais trabalhadas, assim como as instrumentais *Cryptic Invocatio* e *Blackened Thrash Metal*. Esta última entrega o estilo da banda, contudo, a Nocturnal Force também investe em arranjos sinfônicos, apesar do clima primitivo. Não estamos diante de uma banda que tenta soar mais veloz, pesada ou caótica do que outras do mesmo gênero, mas de uma galera que respeita os próprios limites. Os riffs, andamentos e solos obedecem a um plano de harmonia, e esse entrelaçamento favorece a audição. O tempo de cada música, onde a maioria está na casa dos três minutos, também impede qualquer cansaço mental. Nesse caso, pode conferir sem receio.

Leonardo M. Brauna



PRONG
STATE OF EMERGENCY

De vez em quando, abro uma exceção para falar de artes de capa que foram feitas por mim, contando histórias e abordando o conceito delas através do meu ponto de vista. Como consta no pôster desta edição, trata-se de *State of Emergency*, do Prong, que foi importante para mim, pois é uma banda que foi muito presente em minha adolescência e para quem nunca imaginei um dia poder trabalhar. *Cleansing*, que tem uma energia incrível, foi o álbum que mais me marcou, mas, voltando ao presente, há cerca de um ano meu amigo Monte Conner, ex-Roadrunner e Nuclear Blast, e um dos responsáveis pela explosão do Sepultura mundialmente, me escreveu perguntando se poderia criar uma arte de capa para o Prong. Então, me apresentou Tommy Victor e eu, obviamente, aceitei o desafio.

Tommy é um sujeito muito legal e me deixou livre para criar com base no título do álbum, *State of Emergency*, também me inspirando nas letras e em todo o conceito por trás delas. O tema é basicamente sobre como o futuro da tecnologia pode ser prejudicial às pessoas se elas não souberem lidar bem com isso. Resolvi então trabalhar numa abordagem pós-apocalíptica, mostrando pessoas cegas e viciadas em tecnologia, principalmente vidradas nas telas, as seguindo como se fossem "zumbis", ou mesmo prisioneiros das vontades delas mesmas, o que hoje em dia parece ser uma realidade cada vez mais presente.

No meio disso, com destaque central, ilustrei um homem mais idoso, rústico e mais experiente, de olhos vendados, indo em outra direção, como se estivesse nadando contra a maré, em busca de sua liberdade. A resistência! A ambientação foi criada dentro desse tema distópico, um tipo de fábrica escura e abandonada, onde as pessoas estão praticamente hipnotizadas pela tela da TV, sempre transmitindo caos e destruição. Em cima da TV também coloquei uma pilha de celulares, de forma mais discreta – ideia do próprio Tommy.

Adorei o resultado final, até porque dificilmente bandas fora do eixo do metal extremo me procuram para trabalhos. Então, quando surge um conceito mais fora da caixa do que crânios, demônios e fogo, acabo achando muito legal. Embora me tirem do lugar comum, ainda trazem a obscuridade que tenho no meu estilo de arte, que era exatamente o que Tommy buscava para a capa.

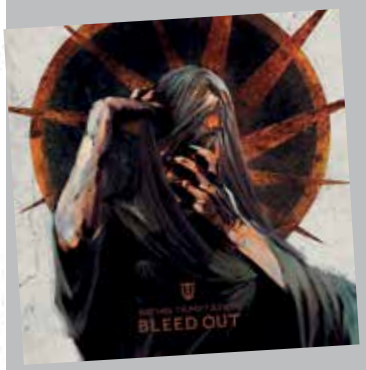
(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Clube de Revistas

WITHIN TEMPTATION

BLEED OUT
FORCE MUSIC - IMP.

9,5



Desde que modernos breakdowns, guitarras com riffs mais arrastados e teclados que remetem à música eletrônica tomaram de assalto a atmosfera folk quase hippie do início da carreira, o Within Temptation passou a flertar com sons mais modernos – e alguns fãs ainda estavam desconfiados dessa nova proposta. Em *Bleed Out*, os holandeses não apenas acertam o tom de sua nova era, mas também dissipam qualquer desconfiança que pairasse no ar. O trabalho é reflexo das ambições da banda, que mergulha em temas sombrios, como a Guerra da Ucrânia e os direitos das mulheres, para transmitir mensagens impactantes. Sob a liderança de Sharon den Adel, a vocalista carismática, a banda se adaptou perfeitamente a esta roupagem musical mais madura e fincada em assuntos da realidade. Sua voz evolui, tornando-se um elemento poderoso na narrativa musical. Mas sem deixar de lado o apreço por boas melodias que podem ser cantadas facilmente nos shows. O álbum começa com faixas como *We Go to War* e a envolvente faixa-título, que imediatamente revelam essa nova direção. Dá até para notar um quê de progressivo ou djent no arranjo pesado das guitarras. É notável também a mescla de elementos eletrônicos, guitarras com riffs mais arrastados e uma percussão cheia de groove. *Worth Dying For*, entretanto, é a melhor do tracklist, unindo boa melodia e intensidade típica de artistas que estão no auge da reinvenção. No fim das contas, *Bleed Out* é mais do que um simples álbum; é uma jornada musical que nos leva a explorar temas profundos e instiga reflexões sobre o mundo ao nosso redor, mas sem soar militante e muito menos professoral.

Gustavo Maiato

STEVEN WILSON

THE HARMONY CODEX
SPINEFARM - IMP.

9,0

A abertura com *Inclination* escancara o que os fãs esperam de Steven Wilson, afinal, a criatividade e inquietude do multi-instrumentista inglês é o que resulta em discos que são obras-primas ou chegam perto do rótulo. E tanto quanto não são fáceis, necessitando de seguidas audições para que sejam bem absorvidos. As ambiências, os elementos tribais e eletrônicos e boa parte das melodias vocais, cantadas de modo introspectivo e hipnótico, da primeira faixa dão nova dimensão ao progressivo. *Time is Running Out*, por sua vez, consegue ser palatável, em suas melodias, e ao mesmo tempo de difícil digestão, graças aos detalhes que permeiam toda a canção. Mas o mundo criado por Wilson em *The Harmony Codex*, seu sétimo disco, é ainda mais vasto - lembrando que a carreira solo permite ao músico se expandir muito mais do que no Porcupine Tree. Você encontra algo como *What Life Brings*, predominantemente acústica (exceto pelo belo solo à la David Gilmour) e com traços de Beatles, e também a introspectiva *Economies of Scale*, de pegada mais alternativa e post-rock progressivo; a dramática e até mesmo assustadora *Beautiful Scarecrow*, que passeia pela 'ambient music'; a crítica *Actual Brutal Facts*, um tapa na cara da futilidade que joga hip hop, groove, percussão e loops no liquidificador; e a semi-instrumental faixa-título, uma viagem quase lisérgica de quase dez minutos cuja cereja do bolo é um discreto solo de teclado meio jazz. E como se não fosse suficiente, há três grandes destaques: *Rock Bottom*, com a impecável voz da israelense Ninet Tayeb, e as épicas *Staircase* e *Impossible Tightrope*, especialmente está última, que vai do Vangelis da trilha sonora de "Blade Runner" ao jazz, ao fusion... Uma música genial.

Daniel Dutra

INSIDIOUS NATURE

A PRELUDE TO THE ENDLESS
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Chuck Schuldiner, saudoso mentor do Death, descobriu a possibilidade de alinhar o seu estilo à virtuose musical. Fez um bom "ensaio" em *Spiritual Healing* (1990) e, a partir de *Human* (1991), carimbou de vez o que se convencionou chamar technical death metal. Adiante, vários nomes ao redor do mundo abraçaram a ideia e bandas até mais brutais que o próprio Death, como Suffocation e Nile, conquistaram posições privilegiadas neste novo subgênero. Mais recentemente, em 2020, surgiu em São Luís (MA) o Insidious Nature, que absorve muito desse legado e estreia com *A Prelude To The Endless*, com seis faixas e pouco mais de 34 minutos de duração. A primeira, *Beware*, é um belo cartão de visitas com muito peso em evidência. A velocidade da bateria em frases mais longas exige do baixo uma marcação cerrada, e ele consegue – às vezes, roubando até a cena –, como em *Diseased*. Para você não pensar que Insidious Nature é uma banda de death metal burocrático, já adianto que vale muito à pena uma conferida.

Leonardo M. Brauna

HARPPIA

CAIXA DE PANDORA
DIES IRAE - NAC.

8,5

Com quarenta anos de uma história marcante no heavy metal nacional, o Harppia continua na ativa e acaba de lançar seu quinto disco de estúdio. Formada por Allan Peres (vocal), Aya Maki (guitarra), Rafael Dantas (baixo) e pelo único remanescente da formação original Tiberio Luthier (bateria), o grupo paulistano mostra que não se afastou de sua essência: o que move *Caixa de Pandora* são os temas movidos a guitarra, todos com uma essência oitentista mas com uma cara mais moderna, e as letras em português. O resultado é uma mescla de presente e passado que funciona muito bem. Logo de cara, *O Inferno foi Libertado* visita os anos 80 sem medo ao incluir uma citação do riff de *Salém (A Cidade das Bruxas)*, do EP de estreia *A Ferro e Fogo* (1985). Já *Prisioneiro do Tempo* vem a seguir e segue numa outra linha, mostrando um arranjo de guitarra bem mais moderno. E um dos pontos altos do disco não demora a surgir: *Lucifer*, música gravada nos anos 70 pela banda O Peso, ganhou um arranjo bem mais pesado e que caiu muito bem no tema original. *Caixa de Pandora* é recomendado tanto para quem curtiu o Harppia lá nos primórdios como para quem quer conhecer um nome histórico do metal nacional.

Antonio Carlos Monteiro

A QUADRILHA

CONFUSÃO
ORRA MEU DISCOS - NAC.

9,0

O negócio aqui é urgente: a banda surgiu em 2021, gravou o primeiro EP, *A Quadrilha*, em 2022 e acaba de lançar o primeiro álbum completo, *Confusão*. Fabiano Sá (vocal), Artur Lacerda (guitarra), Fábio "Brajola" Rodriguez (baixo) e Marcelo Ribeiro (bateria) não são novatos na cena e se dizem influenciados pelos anos 70 e 80 e por bandas como Patrulha do Espaço, O Terço e Golpe de Estado. E isso fica claro assim que se coloca o disco pra rolar. Não por acaso, escolheram o lugar e o produtor certo pra gravar: Marcello Schevano, um dos donos do estúdio Orra Meu e atual guitarrista do Golpe. A sonoridade, que o quarteto define como uma mistura de hard rock, blues e progressivo, funciona muito bem, graças também à produção primorosa de Schevano. Apesar de se tratar de um trabalho bem uniforme, é quando se aproxima do blues que A Quadrilha atinge seu auge. A bluesy *Ansiedade*, que abre o disco, e os blues rasgados *Fio*

da Navalha e a excelente *Recado para a Morte*, que fecha os trabalhos, são os grandes destaques do álbum, junto com as ótimas letras em português forjadas por Fabiano – como na autobiográfica *Praça da Paz*. Mais que uma promessa, A Quadrilha é uma realidade. Que venham os próximos crimes...

Antonio Carlos Monteiro

CULTURA TRES

CAMINO DE BRUJOS
OUTONO MUSIC - NAC.

9,0

Há quase duas décadas percorrendo o underground, o Cultura Tres traz no seu quarto disco de estúdio um direcionamento sonoro renovado e grande perspectiva de abertura de novos caminhos. Diversificado, o álbum de base sludge firmada pelos irmãos Alejandro Londoño Montoya (vocal e guitarra) e Juan de Ferrari Montoya (guitarra) ganhou traços thrash e punk trazidos pelos novos integrantes, Paulo Xisto Pinto Jr. (baixo, Sepultura) e Jerry Vergara Cevallos (bateria). Além da pegada instrumental, o trabalho se destaca pela produção de sonoridade mais crua e ardida, remetendo ao que se fazia na década de 1990 e desafiando o status quo das produções atuais no metal. O repertório traz uma boa sequência de momentos mais diretos e agressivos – como na abertura com *The World and Its Lies*, com outros que levam a uma excelente viagem atmosférica como a de *Signs*. Além dos predicados musicais, *Camino de Brujos* marca a cena sob o ponto de vista cultural ao juntar músicos da Venezuela, Brasil e Colômbia que levam essa sonoridade sul-americana de novas e antigas texturas musicais para o mundo.

Guilherme Spiazzi

TORMENTA

HOMO DEUS
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

A sonoridade típica da Tormenta, banda de Ribeirão Preto (SP), está de volta neste segundo EP, *Homo Deus*. Rogener Pavinski (guitarra e vocal), Flávio Santana (guitarra), Fernando Henriques (baixo) e Luis Fregonezi (bateria), que gravaram o full *Batismo da Dor* em 2019, se mantiveram fiéis ao peso com um direcionamento assertivo na melodia e doses de melancolia. O trabalho começa com uma introdução suave e, mais à frente, abre para distorção e boa performance de bateria. Esse prelúdio se chama *Niebla* e deságua no próximo ato, a bem estruturada faixa-título. A agressividade continua em *Capela de Ossos* que, além do trabalho musical, acompanha citações para reflexão sobre a vida e morte. Isso prova que a filosofia sobre a transcendência da matéria é tão relevante quanto a própria música na identidade da banda. Para endorsar esse contexto, o EP se encerra com *Réquiem*, uma soturna viagem ao som de teclados e ondas de mar. Uma banda com poucos rótulos e muita música!

Leonardo M. Brauna

KAMERATTA

TROMBA NA MASSA
INDEPENDENTE - NAC.

9,5

Cantar em português é bem comum no meio metal tradicional, mas numa linha mais power metal é raro. E o mineiro Kameratta faz isso muito bem, além de um instrumental monstruoso de consistente! A qualidade dessa banda, que podemos dizer que ainda é "desconhecida" da massa - talvez por ter ficado 10 anos parada -, é comprovada pelas oito faixas do álbum, resultado dos mais de 15 anos experiência de Gui Terra (vocal), Jeff Marques (guitarra), Reginaldo Lourenço (baixo) e Tércio Barbosa (bateria). Não tem como botar um defeito nas composições e na performance dos músicos. E, 'bixo', Guilherme canta muito! Técnico, dosado e potente, ele realmente manda muito – e cantando em nossa língua ainda, que a gente sabe que não é fácil. Não por acaso, foi convidado para uma participação no show 'Temple of Shadows' de Edu Falaschi. "E a música, Ivanei?". A resposta simples: pra quem gosta de power e metal mais melódico deve conhecer o Kameratta com urgência, ainda mais que esse álbum já fez aniversário! As faixas *Sorte*, *Dizer Amém*, *Moleque* (com uma letra foda!), *Sinais*, a metálica *Voltas que o Mundo Dá* e a "doce" e otimista *O Sol Depois da Chuva* proporcionam audições deliciosas e do jeito que a gente gosta: peso, melodia e personalidade.

Ivanei Salgado

AS THE PALACES BURN

DROWNING INTO SHADOWS
ROCKSHOTS - IMP.

9,0

As várias indicações para os "Melhores do Ano" da ROADIE CREW em 2019 e 2020 mostraram que o As The Palaces Burn estava em plena ascensão. *Drowning Into Shadows*, successor da ótima estreia com *End´Evour* (2019), mostra que a banda catarinense é mais do que uma realidade. E a parceria com o selo Italiano Rockshots Records, que distribuirá o novo álbum no Hemisfério Norte, solidifica essa certeza. A instigante mistura de thrash, prog e NWOBHM com forte pegada moderna, está ainda mais impactante. Alyson Garcia (vocal), Diego Bittencourt (guitarra e vocal), André Schneider (baixo) e Gilson Naspolini (bateria) criaram um divisor de águas para sua carreira. Com *Lord Underrated* e *The Hive* eles já colocam um nível altíssimo e você imagina se Naspolini tem só dois braços mesmo. *Into Emotions*, a instrumental que leva o nome do grupo e a pedrada *Obbey* sentenciam que Bittencourt é um compositor diferenciado na cena nacional. E com *Some of Them Died* vem uma homenagem a vários músicos que partiram. O medley de Van Halen, Dio, Rush, Slayer, Death, Nevermore, Pantera, Children Of Bodom e Depeche Mode, que mesmo não sendo metal encerrou brilhantemente os nove minutos da faixa, é excelente.

Alessandro Bonassoli

TORTURE SQUAD

DEVILISH
SOUND CITY/VALHALL MUSIC - NAC.

9,5

No mesmo ano em que o Torture Squad celebra duas décadas do clássico *Pandemonium* (2003), o grupo paulista solta mais um disco absurdo, o primeiro de inéditas desde que o mundo passou pelo "pandemônio" da Covid-19. Primeiro full-length de estúdio depois de *Far Beyond Existence* (2017) e segundo contando com o timaço composto por Mayara "Undead" Puertas (vocais), Rene Simionato (guitarra), Castor (baixo) e Amilcar Christófaro (bateria), *Devilish* reúne qualidade, feeling e versatilidade em suas 12 faixas. Músicas como *Buried Alive* (com Andreas Kisser, do Sepultura) e *Mabus* farão a festa de fãs de death/thrash da banda. Mas o Torture prova a cada lançamento que não há limites para explorar seu som extremo ou agregar outros elementos, como constatado em *Hell is Coming* – tem death, prog e black –, na heavy/hard *Warrior* – homenagem à lenda do jiu-jitsu Rickson Gracie –, em *Uatumã* – sobre causas indígenas e que conta com Suzane Hecate (Miasthenia), Vitor Rodrigues (Tribal Scream, ex-Torture Squad) e João Luiz (Golpe de Estado, ex-King Bird) e o discurso do líder indígena caiapó Raoni Metuktire – e na belíssima e sentimental *Find my Way*. E ainda tem Mayara brilhando no piano em *The Last Journey*.

Thiago Prata

Clube de Revistas

ROLLING STONES

HACKNEY DIAMONDS
UNIVERSAL - NAC.

9,5

Muita gente imaginou que a pandemia e a morte de Charlie Watts colocariam um ponto final na carreira dos Stones. Ledo engano. O fascínio que a música exerce sobre os sobreviventes Mick Jagger (80 anos), Keith Richards (completa 80 em dezembro) e Ron Wood (o caçulinha, com 76) jamais deixaria esses caras afastados do negócio. E o mais novo resultado disso é *Hackney Diamonds*, primeiro disco de inéditas em dezoito anos e que para muitos é o que eles fizeram de melhor em mais de quatro décadas. Muito disso se deve à mão de Andrew Watt, produtor de apenas 32 anos que conseguiu a proeza de manter a sonoridade original da banda mas colocando altas doses de modernidade. O resultado apareceu já no primeiro single, *Angry*, que mostra um daqueles riffs irresistíveis dos Stones e de quebra veio acompanhado de um clipe muito legal. No mais, há várias pérolas num disco que mantém o nível lá no alto: *Bite My Head Off*, rockão que poderia estar em *Sticky Fingers* (1971) e que tem ninguém menos que Paul McCartney no baixo; *Dreamy Skies e Depending on You* mostram a banda flertando com o country (algo que eles sempre fizeram, aliás); *Mess it Up* (repleta de groove) e *Live By the Sword* trazem o saudoso Charlie Watts na batera, sendo que Bill Wyman assumiu o baixo nessa última; e Elton John coloca seu piano poderoso em *Live By the Sword* e na funkeada *Get Close*. Mas o ponto alto fica para o final: *Sweet Sounds of Heaven*, com Stevie Wonder nos teclados e no piano e a talentosíssima Lady Gaga nos vocais revisita temas como *You Can't Always Get what You Want* e traz Jagger e Gaga num dueto (duelo?) de arrepiar. Fecha o disco uma versão com voz, gaita e violão de *Rollin' Stone*, tema popularizado por Muddy Waters e que serviu de inspiração para batizar a banda. Alguns viram isso como um sinal de que um ciclo se fecha e que *Hackney Diamonds* seria o último trabalho dos Rolling Stones. Caso seja mesmo (apesar de que eu duvido), não podiam sair de cena em melhor forma.

Antonio Carlos monteiro

ETERNAL SACRIFICE

INCLINAVIT SE ANTE ALTARE DIABOLVS EST SCRIPTOR...
BLASPHEMY/BLACK HEARTS - NAC.

9,0

Com trinta anos de estrada e vários lançamentos no currículo, a 'horda' de Salvador/BA, Eternal Sacrifice, está acostumada a surpreender com seus 'artefatos' munidos de ousadia. O mais recente, por exemplo, é um luxuoso álbum duplo com muitas horas de blasfêmia e uma produção de ponta para realçar os seus quatorze capítulos. *Inclinavit Se Ante Altare Diabolus Est Scriptor... Regere Sinister* demorou dois anos para tomar forma, e o trabalho da magnitude proposta aqui não poderia sair com um adjetivo menor que excelente. Magister Templi Lhorde Haadaas Anton Naberius (vocal), Charles Lucxor Persponne (guitarras), Sado Baron Szandor Kastiphas (teclados), Frater Nigrvm Ayangá Ilasha (baixo) e Frater Deo Sóror Comite Ferro (bateria) puseram dedicação desde as primeiras composições, passando pela arte singular da capa, até as gravações. Se aprecia a raiz mais épica, sombria e filosófica do black metal, aqui está um material completo à sua espera.

Leonardo M. Brauna

STATUES ON FIRE

IV
REPETENTE/ROOKIE/SNUBBED - NAC.

8,5

Hardcore melódico redondinho, certeiras inserções de peso, vocais que rasgam o ar com discursos antifascistas e uma produção que deixa tudo cristalino tornam o quarto álbum do Statues on Fire uma obra que merece ser apreciada não apenas por fãs da banda ou do estilo, mas também por quem curte outras vertentes do rock e do metal. Isso porque este disco, intitulado simplesmente de *IV*, tem muito a dizer – e você tem muito o que ouvir. Gravado e mixado por Nobru Bueno, no Rising Power Estudios, em Santo André (SP), terra-natal da banda, o trabalho emplaca logo de início três ótimas músicas de hardcore melódico – *No Control*, a cirúrgica *Refuse to Die* e *Only You Stand* –, seguidas pela visceral *I Hate Your God* e a emocional *Strambio*, com referência ao saudoso guitarrista Alex Strambio "Bucho" (ROT, Cruel Face, Warhate). O roteiro prossegue com a inspirada *Left All Behind*, cheia de bons riffs e melodias, até culminar em *Strong*, 11ª faixa e que encerra o álbum em alto nível. O grupo tem também em sua discografia *Phoenix* (2014), *No Tomorrow* (2016) e *Living in Darkness* (2019), mas se você ainda não conhece a banda, pode começar por *IV*.

Thiago Prata

LAND OF SOULS

VIOLENCE
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

O Land of Souls iniciou suas atividades em 1997, mas, por estar vivendo uma fase bem distinta em relação às décadas passadas, pode-se dizer quase se tratar de uma "banda nova". A explicação desse novo ciclo tem conexão direta com a morte do fundador do grupo paranaense, Elton Machado, e mudanças na formação, além de uma revitalização em sua sonoridade. Fatos que influenciaram diretamente no EP *Violence*. Com quatro faixas e pouco mais de 15 minutos de duração, o Land of Souls tem a mistura de death com thrash o norte de sua musicalidade. E é nítido o quanto o grupo consegue aliar atos brutais com técnica apurada, como em *Guilt Pours Out*, com momentos mais cadenciados, riffs imponentes, solo cativante e até um lance que beira o jazz/prog pouco antes da metade da música e também mais para o final. Só que *Scolded*, *Dark Spirit* (que riff inicial!) e *Mariposa* (com pouco mais de dois minutos) também possuem suas surpresas. Atualmente composta por John Elvis Ribas (guitarra e vocais), Leandro Gasparello (guitarra), Jonathan Zarpelon (baixo) e Leopoldo Gardinal (bateria e vocais), a banda tem tudo para alcançar grandes feitos nesta nova fase.

Thiago Prata

PYRAMAZE

BLOODLINES
AFM - IMP.

7,0

Parece que foi ontem, mas já se foram 15 anos desde que Matt Barlow, após ter deixado o Iced Earth em 2003, anunciou sua volta à cena como frontman do então pouco conhecido Pyramaze, no álbum *Immortal* (2008). No mesmo ano, banda e vocalista seguiram rumos diferentes. Enquanto Barlow iniciou uma segunda era no grupo norte-americano, os noruegueses buscaram seu lugar na disputada cena do power metal europeu. Morten Gade Sørensen (bateria), único da formação original, e Jonah Weingarten (teclado) não entraram na Série A da música pesada, mas, desde 2015 com Jacob Hansen (guitarra e baixo) e Terje Haroy (vocal), se estabeleceram. O som ganhou mais consistência com pitadas de prog e conduziu o grupo ao sétimo álbum, *Bloodlines*, que me remete à *Epitaph* (lançado em 2020). Neste novo trabalho, os destaques são *The Mystery*, que contou com as participações dos guitarristas Andrew Kingsley (Unleash The Archers) e Olof mörk (Amaranthe); *The Midnigth Sun*, com solo gravado por Tim Hansen (Induction); a bela balada *Alliance*, na qual Haroy faz um dueto com Melissa Bonny (Ad Infinitum); *Stop The Bleeding*; e *Even If You're Gone*.

Alessandro Bonassoli

GUEPPARDO

POWER LINES
CLASSIC METAL - NAC.

8,0

Quarto trabalho do Gueppardo, *Power Lines* mostra a experiente banda gaúcha cada vez mais focada no heavy metal tradicional e distante do bom hard rock de *Fronteira Final* (2015) e *Execução Final* (2019). A transição começou em *I Am The Law* (2021), quando o grupo passou a investir em faixas cantadas em inglês e em um padrão sonoro com base na NWOBHM. E assim que a ótima *Dare To Live* abre o álbum fica claro que eles acertaram em cheio. Thiago Gutierrez (vocal, teclado e baixo) aprimorou sua técnica, alcançando tons mais altos (eu dispensaria tantos agudos, mas não é nada que atrapalhe). Pery Rodriguez (guitarra, teclado) também deu um salto de qualidade melhorando seus solos e Diego Pereira dá a segurança na bateria. Ao longo das demais músicas ficam cristalinas as influências do metal britânico. *In The Shadows of the Night* me fez lembrar Diamond Head. Mas, a cada nova audição, nomes como os argentinos do Rata Blanca e Michael Schenker parecem soar ao fundo, guiando muito bem belezas como *Another Rebel Down*, *Farewell*, *Under The Curtain* e *Blind Faith*.

Alessandro Bonassoli

SACRIFIX

KILLING MACHINE
VÁRIOS - NAC.

9,0

É lindo ver o thrash metal se espalhado mundo a fora, pois a lição deixada por bandas como Metallica, Exodus, Sodom etc. alicerçou uma cena mundial crescente. Como fruto disso, nomes como Sacrifix vêm dando sustentação ao estilo criado nos anos 80. O som bem timbrado dos instrumentos evidencia uma produção bacana que permite uma agradável audição. Já na primeira faixa, que é a própria *Killing Machine*, se percebe a limpidez que a sequência de riffs mostra dentro de um ótimo trabalho de mixagem e masterização do experiente Marco Nunes (Tori Studios), que chegou a tocar no Goatlove com o guitarrista Frank Gasparotto, mentor do Sacrifix. Outra coisa que caiu bem aqui é a forma como o solo entra em cada música. Há sempre um momento propício a recebê-lo, mesmo em *Guided By God*, que inicia com a guitarra voando baixo. Em *Raped Democracy*, que também tem Maurício Amaral (Anthares) nas guitarras, os vocais de Murillo Leite (Genocídio) trazem um pouco de densidade. Está aqui um disco para se apreciar suas nove músicas com muito gosto!

Leonardo M. Brauna

GESTOS GROSSEIROS

BLASPHEMOUS WORDS
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Os veteranos paulistas do Gestos Grosseiros seguem com seu death metal old school, aqui numa produção que prioriza o peso da cozinha, principalmente nos graves de baixo e bumbo, deixando o som sempre cheio, gordo. Com mais uma bela capa de Alcides Burn, *Blasphemous Words* traz oito faixas de puro caos e mais dois singles que ganharam vida em 2022. *Blasphemous Words* é o trabalho mais maduro e coeso da banda, vide faixas como *Chaos Domination*, que destacam os bumbos duplos do baterista e vocalista Andy Souza, assim como o poderio das palhetadas do guitarrista, baixista e tecladista Kleber Hora, que ainda nos brinda com um ótimo solo que chega gritante, de forma intencional. Se é o mix de velocidade e cadencia que busca, a abertura, com *Anticipating The Moment of Death*, é perfeita e ainda tem um belo riff aos moldes suecos do estilo. Por sinal, a faixa-título faria Peter Tagtgrën (Hypocrisy) dos anos 1990 morrer de inveja, com sua passagem cadenciada e melodiosa. Vale salientar a caótica *The Fire Wil Consome Your Bodies* e *Splattered Blood*. É death metal potente, clássico e o melhor de tudo: brasileiro.

Heverton Souza

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

SAVATAGE

EDGE OF THORNS

A saída de Jon Oliva depois da turnê de *Streets: A Rock Opera* (1991) foi um choque, mas foi sem a voz de seu cofundador que o Savatage parecia caminhar para o sucesso comercial. Zak Stevens assumiu o microfone ao lado de Criss Oliva (guitarra), Johnny Lee Middleton (baixo) e Steve "Doc" Wacholz (bateria) – Jon continuou como compositor junto ao irmão e ao produtor Paul O'Neill (1956-2017), além de gravar piano e teclados –, e a banda fez um disco que chegou ao 23º lugar do Billboard Heatseekers Albums e em pouco emplacou a faixa-título, com alta rotatividade na MTV e a 26ª posição no Mainstream Rock Tracks. Nem mesmo a saída de Wacholz, substituído na turnê por Andy James, abalou as estruturas. Até o dia 17 de outubro daquele ano...

Ao ter seu carro atingido por um caminhão que, guiado por um motorista bêbado, entrou na contramão, Criss faleceu aos 30 anos. Assim, *Edge of Thorns* acabou sendo um legado definitivo. Stevens provara ser um vocalista fora de série, mas hoje, 30 anos depois, ainda é de arrepiar ouvir a genialidade de Criss em *He Carves His Stone*, na instrumental *Labyrinths*, na bela *Follow Me* e nas emocionantes *All That I Bleed* e *Sleep*. E ainda tem *Degrees of Sanity*, *Conversation Piece*, *Damien*, *He Carves His Stone*, *Lights Out*...

Alessandro Bonassoli (colaborador): **9,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **9,0**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (redator): **10**
Écio Souza Diniz (colaborador): **10**
Guilherme Spiazzi (redator): **9,0**
Heverton Souza (colaborador): **10**
Ivanei Salgado (colaborador): **9,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **9,0**
Leandro Nogueira Coppi (redator): **8,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **8,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,5**
Luiz Tosi (editor online): **9,5**
Maicon Leite (colaborador): **9,0**
Matheus Vieira (colaborador): **8,5**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,5**
Thiago Prata (redator): **10**
Valtemir Amler (redator): **8,0**

MÉDIA FINAL:

9,0

Clube de Revistas

ASKE

VOL. II

ETERNAL HATRED - NAC.

8,0

Como o título indica, *Vol. II* é o segundo álbum do duo de black/death metal Aske. Filipe Salvini (baixo e vocal) e Lucas Duarte (guitarras) tiveram companhias em outras formações na banda, originária de São Carlos (SP), mas o fato de hoje o formato ser em duo não interfere em momento algum na criatividade e no resultado final. No sucessor de *Once...* (2014), que foi uma ótima estreia, e do EP *Broken Vow* (2017), as dez faixas trazem muito peso e belos encaixes, pois nota-se que a dupla se importa mais com conexões harmoniosas do que com a velocidade em si. Um propósito perfeito para quem espera que a música atravesse os ouvidos e repouse na alma. É assim que você se sente quando é tomado pelos riffs e ataques de bateria de *Royalist*, por exemplo. Contudo, se prefere empolgação, *Represente Satanás* é uma ótima pedida, enquanto *Eva (Tears From Sodom)* traz uma vocalização mais forte. Se curte esta linha confira, pois *Vol. II* é um álbum versátil e verdadeiramente atrativo.

Leonardo M. Brauna

BEHAVIOUR

REX IMBECILIC

VOICE MUSIC - NAC.

9,0

"A raça humana está em completa decadência, e nós somos a trilha sonora". O comentário do vocalista Eduardo Jarry cai como uma luva para definir o conceito sonoro e lírico do Behaviour, banda paraibana formada em 1989 e que, após um período de inatividade, lança seu debute, *Rex Imbecilic*, neste ano. Jarry, Thyago Trajano (guitarra), Eduardo Amorim (baixo) e George Medeiros (bateria) esbanjam solidez, fúria e malícia por meio da linguagem do death metal, alternando momentos de cadência e velocidade, sem precisar se render aos blast beats. A trinca *Irate*, *Death Chair* e *F.Y.V.M.* abre o álbum de maneira impactante, sucedida por *Black the Day*, com participação da vocalista e baixista Fernanda Lira (Crypta). *Human Targets* e a faixa-título mantêm o nível lá em cima, assim como *Let Them Fall*, com o baixista e vocalista Alex Kafer (The Troops of Doom), e a décima e última música do play, *Trust no One*, com Kam Lee (vocal, Massacre). É uma pedrada atrás a outra, produzidas, mixadas e masterizadas por Victor Hugo Targino (Soturnus, Necrohunter) e com o invólucro assinado pelo artista Andreas Marschall (Blind Guardian, Sodom, Obituary, HammerFall e outros).

Thiago Prata

TOSCO

AGORA É A SUA VEZ

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Depois de uma curta introdução, *Mais uma Vez* começa com viradas colossais do baterista Paulo Mariz (ex-Coração de Herói, Infector e Sacred Curse), seguidas por potentes riffs de Ricardo Lima (Scars, Tailgunners) e o baixo pulsante de Carlos Diaz (ex-Vulcano), antes de os vocais de Osvaldo Fernandez (ex-Repulsão Explícita) vociferarem uma ácida letra de cunho político. O que se sucede é uma constelação de outros ataques thrashcore que tornam o terceiro full do Tosco, *Agora É a Sua Vez*, um disco pra lá de pesado e subversivo. Entre outros destaques temos *Issaqui Não Tem Jeito*, *O Brasil É o Crime* e *A Verdade*, e além dos méritos do instrumental, você vai notar que os vocais de Fernandez vão de John Connelly (Nuclear Assault) a Marcello Pompeu (Korzus) de forma fluida e com um "ódio" patente em cada palavra pronunciada. O solo de David Austin (Nasty Savage) em *Hellvetia* e o de Silvio Golfetti no cover para *Guerreiros do Metal*, da ex-banda dele, o Korzus, incrementam outras duas faixas que são pontos altos do grupo de Santos (SP). É brutal. É sarcástico. É Tosco! E que bom que é assim!

Thiago Prata

PAURA

KARMIC PUNISHMENT

VÁRIOS - NAC.

8,5

Em 28 anos, a banda paulistana Paura se manteve fiel ao compromisso de erguer a bandeira do hardcore, mas nunca fechando sua mente para sonoridades do metal, e o crossover apresentado em *Karmic Punishment* é sua oitava evidência de estúdio. Um exemplo perfeito dessas bem-vindas mesclas é *We Won't Be Sold*, que desfila pelos terrenos do hardcore, sempre com um pezinho no thrash e no death, seja na parte mais acelerada ou na segunda metade mais cadenciada, com um show à parte do vocalista Fabio Prandini. A posterior, *Time Heals no Wounds*, parece uma continuação, com riffs certeiros de Rogério F.R. e Bira Pironi e uma cozinha consistente composta por Paulo Demutti (baixo) e João Limeira (bateria), com vocais adicionais de Felippe Max (True Force, Joker). O disco conta ainda com as participações de Jê Landini (vocais; Mee) em *Last Response*, um belo convite para bangear, e Anderson Nego (vocais, Undostais, Unshaken) na não menos pesada *Retaliate*. Hardcore, metal e discurso antifascista caminhando em harmonia.

Thiago Prata

BEYOND CHAOS

FANATICVS SANCTVS

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Após fracassadas investidas em bandas, o multi-instrumentista Thiago Alboneti, natural de Osasco (SP), chegou à conclusão de que seria por meio de um projeto próprio que conseguiria demonstrar as texturas e filosofias musicais calcadas no death metal que tanto rodeavam sua mente. Assim, em 2019, ele iniciou o Beyond Chaos, assumindo todos os vocais e instrumentos, e, desde então, já são cinco discos lançados (além da coletânea *Sins From the Past*, de 2023). No mais recente, *Fanaticvs Sanctvs*, chega ao seu ápice (até agora) em conteúdo lírico e obtém novamente resultados pra lá de positivos em termos musicais. Tendo o death metal como fio-condutor, Alboneti inicia o quinto álbum com uma forte crítica ao fanatismo religioso em sua faixa-título. Já *The Emperor* traz uma filosófica crônica sobre males provocados por um imperador hostil (ou ditador), enquanto *Legacy of Sin* traz um relato a respeito de problemas nas relações familiares, e *The Unseen Agony* denuncia abusos contra uma criança. Temas urgentes envoltos a um som potente que vai agradar a fãs de Deicide e Morbid Angel. Isso é death metal!

Thiago Prata

PARASITE EGO

FALLEN MESSIAH

INDEPENDENTE - NAC.

7,0

O power trio tocantinense Parasite Ego chega ao debut, *Fallen Messiah*, apresentando um heavy metal tradicional, volta e meia com um toque a mais de peso e agressividade de bandas de speed e thrash metal. Apesar da produção bastante crua e dos músicos ainda mostrarem certa inexperiência, o trio mostra seu potencial logo na abertura com *System Failure*, chegando a lembrar nomes como Sacred Reich e Flotsam and Jetsam. *Dead Vanity* já parte para um caminho de cadência, com um teclado sinistro de fundo que dá todo o clima. *Breath* tem aquele ar de semibalada oitentista, exigindo das interpretações da voz grave do baixista e vocalista Felipe Munhoz. Há diversas músicas 'midtime', deixando ele bem dinâmico, mas é nas faixas mais puxadas para a velocidade power metal que a banda se destaca, como *Cognitive Dissonance* e *Sweet Lies* (essa lembra muito o Megadeth antigo), com ótima palhetada do guitarrista Daniel Almeida. Nas mãos de um bom produtor, essa banda ainda tem muito a mostrar dentro de um formato carente de boas bandas novas em nosso país.

Heverton Souza

RED DEVIL VORTEX

RED DEVIL VORTEX
BLOODBLAST - IMP.

9,0

Numa daquelas muitas provas de que o mundo é um negócio pequeno mesmo, os brasileiros Gabriel Connor (vocal e baixo), Luis Kalil (guitarra) e Eduardo Baldo (bateria) foram se conhecer em Los Angeles (EUA) e lá mesmo montaram o Red Devil Vortex. A banda já soltou dois EPs, um disco ao vivo e vem se apresentando com frequência, tendo aberto uma turnê americana de Doyle (guitarrista do Misfits). Este full-length de estreia impressiona de cara pela produção, a cargo do também brasileiro Adair Daufembach, conhecido por seu trabalho com Kiko Loureiro, Project46 e Aquiles Priester, entre outros. A sonoridade se apresenta cristalina, pesada e com aquela "sujeira" indispensável em se tratando de uma banda de heavy metal. Aliás, rotular o trio é um negócio difícil. A base é o metal, mas, além de uma sonoridade tipicamente moderna, há muito de outros elementos no som do Red Devil Vortex, alternativo à frente. O fato é que a mistura (que inclui até uns detalhes de prog) acaba funcionando muito bem, como dá pra sacar em *More Luck than Brains*, que recebeu um belo clipe e mostra um excelente trabalho de guitarras, *Silence Kills*, com um show do vocal de Connor, e *Freak Show*, que encerra o disco e bota um pé no punk. Belíssima estreia.

Antonio Carlos Monteiro

COBRA SPELL

666
NAPALM - IMP.

8,5

Vai ter quem fale que é muito anos 1980, e é mesmo. Vai ter quem fale que é tudo o que o foi feito no hard rock nos anos 1980, e é verdade. Porém, a intenção é essa mesma, e se o Cobra Spell faz isso muito bem, que mal tem? E sabe o que é mais legal na banda liderada pela guitarrista Sonia Anubis (ex-Crypta e Burning Witches), agora acompanhada por um time 100% de mulheres – Kristina Vega (vocal), Roxy Herrera (baixo), Hale Naphtha (bateria) e a brasileira Noelle dos Anjos (guitarra)? Nenhuma delas viveu aquela época, o que torna *666* ainda mais prazeroso de ouvir. *S.E.X.* tem mesmo todos os clichês do gênero, enquanto *The Devil Inside of Me*, a balada *Fly Away* e, com sintetizadores, solo de saxofone e uma letra mais do que necessária, *Love = Love* parecem ter saído diretamente da trilha de sonora de um daqueles blockbusters de ação de 40 anos atrás. Bom demais, não? E além de poder embalar festas com *Bad Girl Crew* e *High on Love*, o Cobra Spell ainda dá um alô ao Ratt, do qual Sonia Anubis é muito fã, com *You're a Cheater*, e especialmente, ao KISS, porque as referências a *Watchin' You* e *War Machine* em *Satan is a Woman* e *Warrior from Hell*, respectivamente, não são mera coincidência. Ouça e se divirta bastante.

Daniel Dutra

FLAVIO BRANDÃO STRATOSPHERE PROJECT

DIMENSIONAL CONVERGENCE
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

O ambicioso projeto do multi-instrumentista Flavio Brandão – batizado de Stratosphere Project – é uma celebração ao power metal e suas várias nuances, que passaram a crescer bastante a partir do meio dos anos 1990. Reunindo um grupo de dezenas de instrumentistas talentosos e comprometidos com a proposta, *Dimensional Convergence*, quinto disco da empreitada, tem músicas que encontram eco tanto no power mais raiz (*Entangled Mind* e seus teclados e solos rápidos) quanto composições mais voltadas para a vanguarda do estilo, incorporando registros mais graves e rasgados (*Tesseract Dreams* e *Waves of Creation*). O registro peca, entretanto, na mixagem final que não soa grandiosa, com as guitarras sem tanto brilho e a bateria sem muito destaque no arranjo. O ponto alto fica com *The Observer's Gaze*, com um refrão de melodia certeira tirado dos melhores dias de Helloween ou Stratovarius. Outros achados ao longo das oito faixas são *Uncertainty Path*, numa pegada meio Arjen Lucassen, e *Quantum Flux*, com guitarras abafadas no melhor estilo Avantasia antigo. Talvez achar uma forma melhor de organizar os vários vocalistas e caprichar mais no acabamento sejam uma boa pedida para o próximo álbum.

Gustavo Maiato

SIEGRID INGRID

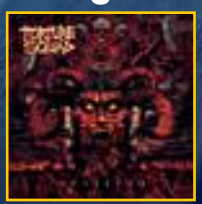
BACK FROM HELL
VÁRIOS - NAC.

9,0

Depois que o Siegrid Ingrid lançou *The Corpse Falls*, em 1999, ficou ativa por mais três anos, retornando só em 2015. Embora a sua bagagem sempre fosse cheia de ideias, apenas em 2020 celebraram o retorno às gravações. Este bom sinal agradou a uma galera que acompanhava a banda desde o primeiro EP e outras que passaram a conhecer melhor o trabalho de M. Punk (vocal), André Gubber e L. Morales "Borô" (guitarras), Luiz Berenguer (baixo) e Herbert Loureiro (bateria). Só para lembrar, a maior parte desta formação lançou o último full-length, mas agora com Herbet na cozinha o Siegrid Ingrid lança o seu mais brutal álbum de metal extremo. Sim, porque *Back From Hell* dispensa rótulos, já que os riffs em uma única música podem transitar pelo thrash, hardcore e death metal. Sobre essa versatilidade, que é uma característica da banda desde sempre, destaca-se uma técnica vocal mais robusta, que até então M. Punk só veio mostrar no single de 2020. Se os caras retornaram do inferno para continuar uma missão, de cara reconquistaram o lugar que ocuparam na cena, com músicas como *In Search of Light*, *Never Again* e *Templo dos Vermes* ecoando como hinos. Da mesma forma, as outras sete não escondem peso, técnica e energia. Está tudo forjado a ferro e fogo para você curtir.

Leonardo M. Brauna

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
ANGRA	H.E.A.T	TORTURE SQUAD	KK'S PRIEST	RIVAL SONS
CYCLES OF PAIN	EXTRA FORCE	DEVILISH	THE SINNER RIDES AGAIN	LIGHTBRINGER

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Clube de Revistas

Fabiana Brum

FACES OF DEATH

O BEM ENTRE NÓS

Laurence Miranda explica o resgate sonoro e de conceito de fases de ouro do thrash metal, os anos 1980 e 1990, em *Evil*, novo álbum da banda paulista

Por Daniel Dutra

Nem mesmo a pandemia impediu o Faces of Death de continuar acelerando, afinal, se não deu para promover *Usurper of Souls* (2020) na estrada, veio *A Drink With the Death (Rehearsal Live)* (2021) para manter o motor ligado. E, claro, um novo álbum. Terceiro de estúdio do quarteto, que hoje conta com Luiz Amadeus (guitarra), Niko Teixeira (bateria), Sylvio Miranda (baixo) e Laurence Miranda (vocal e guitarra) - **foto** - *Evil* deixa o death metal um pouquinho só de lado para mergulhar no thrash metal de formação, na música e na imagem. Além disso, traz uma abordagem lírica de temas concretos, como o serial killer Maníaco do Parque (*A Monster in the Park*), depressão (*It's Calling Me Out*) e o incêndio da boate Kiss (*Kiss of Death*). Quer saber mais? Laurence explica.

Recentemente, o Faces of Death lidou com as saídas de Felipe Rodrigues e Sidney Ramos para as entradas de Luiz Amadeus e Niko Teixeira, respectivamente. No que as mudanças influenciaram o material para o novo álbum?

Laurence Miranda: São músicos profissionais e, também, produtores e proprietários do Audiolab Extreme Studio, estúdio onde ensaiamos já faz um bom tempo. Conheço o Luiz, que sempre foi dedicado ao metal, desde os anos 1990, e há menos tempo o Niko, que foi o produtor do *A Drink With the Death (Rehearsal Live)*. Conversamos muito sobre gravação, mixagem e tal, então criamos uma sinergia. Quando apareceu a vaga de guitarrista, o Niko mesmo falou com o Luiz, trocamos algumas ideias, e ele entrou na banda. Continuamos amigos do Sidney, que é um cara sensacional, mas ele tinha outras prioridades e decidiu sair, então convidei o Niko, que topou na hora. Foi uma entrada natural, e o *Evil* foi composto na pegada dos anos 1980 e 1990. Eu mostrava os riffs no ensaio, todos nós acertávamos os tempos e lapidávamos a música, e aí o Luiz fazia a pré-produção, além de contribuir com arranjos e melodias que ficaram incríveis. Hoje, eu penso num riff tendo certeza de como o Luiz fará os arranjos, e o Niko, por ser um baterista com muita influência do metal daquelas duas décadas, já sabe o que escrever quando mostro os riffs a ele. Isso é incrível, porque a banda está com a sintonia que sempre busquei. Sabemos o que cada um pensa e quer.

E apesar de a banda seguir no caminho mais extremo, *Evil* mostra o Faces of Death mais thrash metal do que necessariamente death. Faz sentido?

Laurence: Sim, faz todo sentido. Quando comecei a compor os riffs para o *Evil*, eu já queria fazer um álbum mais thrash do que death. Conversei muito com o Niko e com o Luiz, tipo 'vamos fazer um álbum para resgatar nossa essência?', e nossa essência é o metal dos anos 1980 e 1990, então ficamos bastante empolgados na criação do disco. Não foi por causa das mudanças dos músicos, e sim pela vontade de todos de fazer esse resgate. Por outro lado, eu estava escutando muito alguns álbuns clássicos, como *Beneath the Remains* e *Arise*, do Sepultura; *Coma of Souls*, do Kreator; *Seasons in the Abyss* e *South of Heaven*, do Slayer; *Grind Bastard*, do Benediction; *To the Gory End*, do Cancer; *...And Justice for All*, do Metallica; e outros, mas pensei em gravar uma introdução que soasse bem daquela época, e assim surgiu o início de *Evil*, que lembra *Bestial Devastation*, do Sepultura, e *Nightmare Theatre*, do Exorcist. Só que o álbum também tem umas pitadas de death metal, porque crescemos escutando Death, Disincarnate, Venom, Celtic Frost, Krisiun, Deicide, Morbid Angel, Sinister, etc.

Clube de Revistas

E *Stronger Than You* é o principal exemplo da influência do Sepultura daquela época. O nome já é sugestivo, porque remete a *Stronger Than Hate*, e tem a frase 'I live my life for myself', que pode ter sido extraída de *Inner Self*... Não foi uma coincidência, certo?

Laurence: Isso mesmo! Você entendeu perfeitamente (risos). Não foi coincidência, e foi a maneira que encontrei de fazer uma pequena homenagem ao Sepultura, uma grande influência para mim. Não queria gravar um cover da banda, então pensei em compor uma música própria e colocar na letra algo que lembrasse o Sepultura. Quando o *Beneath the Remains* foi lançado, não parecia ser disco de uma banda do Brasil. Fiquei impressionado com a qualidade das composições, das letras e da gravação. E a referência nacional dos anos 1980 e 1990 para fazer esse resgate é o Sepultura com *Beneath the Remais* e *Arise*.

Outro aspecto bem interessante de *Evil* são as letras, uma vez que somente a de *Hanging Out With the Devil* é abstrata. *Bloody Cross*, por exemplo, toca na ferida da questão dos abusos sexuais cometidos por padres em crianças, e a letra é tão intensa que parece ser biográfica.

Laurence: Todos sabem que isso vem acontecendo desde que surgiu o cristianismo, desde que existe o celibato e por aí vai. Porém, parecia tabu falar disso, mas hoje em dia, com a informação cada vez mais disponível para todos, as coisas mudaram. Cresci numa família católica e sempre escutei que o padre era uma pessoa santa, então é inacreditável que um padre abuse sexualmente de alguém, ainda mais de uma criança. Só que a letra não é apenas sobre padres, é sobre pastores ou qualquer líder religioso. Tento usar minhas letras para abrir os olhos das pessoas, para protestar. É como se fosse uma arma contra todas essas atrocidades.

E tem a letra de *Lemmy Said One Day*..., que considero a mais controversa de todas. Antes de contextualizar, gostaria, de uma maneira mais explícita, do seu ponto de vista sobre a posição do saudoso Lemmy.

Laurence: 'O rock é a única religião que nunca lhe decepciona', e essa era a posição dele. Nada de política e políticos.

Ser apolítico é, obviamente, um direito de qualquer um, mas não é essa generalização que também abre caminho para 'outsiders' como o ex-presidente Jair Bolsonaro fazerem o estrago que fez?

Laurence: *Fear* é álbum de resgate do metal dos anos 1980 e 1990, e naquela época éramos todos contra políticos e política. Lembro-me de quando comecei a votar e a cédula era de papel, porque eu escrevia os nomes do Sid Vicious, do Max Cavalera, do Johnny Rotten... (risos) Você lembra dessa época? O que realmente importava era o som. Levantávamos a bandeira de sermos contra todos os políticos e, principalmente, contra fascistas, racistas e nazistas. Não sou a favor do Bolsonaro e nunca serei, mas para mim é: que se fodam todos os políticos, e o que importa é a música.

Com *Evil*, o Faces of Death criou seu disco mais impressionante, das composições à produção. Como transmitir essa realidade ao público brasileiro de metal?

Laurence: Obrigado pelo comentário. Sempre digo que a divulgação de uma banda ou de um disco se dá nos shows, porque são os shows que formam a banda e fazem o headbanger ter aquele brilho nos olhos, tipo 'puta que pariu! Que show foda!'. Também temos a tecnologia a nosso favor para divulgar o *Fear*, mas o fã de metal gosta do físico, não do digital. Ele gosta de acompanhar as letras, ver a arte gráfica e tudo mais. Outro fator que ajuda muito são as parcerias com selos, e fizemos isso com Impaled Records, Master Records, Gerunda Produções e Gate of Doom, todos do underground e que estão mantendo a chama do metal acesa. As músicas estão animais ao vivo, o nosso setlist está animal, e o headbanger que for assistir ao Faces of Death vai sentir essa energia. *Evil* teve toda uma energia boa para ser feito, desde a concepção de como queríamos que soasse, com atenção a riffs, letras e produção. Todos se dedicaram para fazer um álbum de metal 'old school', e as pessoas que escutarem o disco vão perceber tudo isso. E também escolhemos as pessoas certas em cada ponto, como, por exemplo, para a capa e o layout, feitos pelo Marcelo Vasco. Ele já nos conhece e sabe que a Morte é como se fosse nossa mascote, tipo o Eddie, do Iron Maiden, e assim fez um trabalho impressionante. Para as fotos da banda no encarte, convidei o Leandro Cherutti para registrar os integrantes da banda num show que fizemos em São Paulo, pois eu queria que as fotos fossem de cada um tocando, e não aquela coisa promocional, porque nos anos 1980 várias bandas faziam assim, como o Slayer no *Show No Mercy*, lembra? O resgate não foi pensado apenas na composição, mas também na captação e no material gráfico.

EVIL
Impaled/GerundaProd./
Master/Gate of Doom - Nac.

Dentro dessa linha de raciocínio, o que falta para o país elevar mais bandas ao nível de Sepultura, Angra e Krisiun, aqui e lá fora? É o apoio ou a falta de apoio do público, também?

Laurence: Público tem, com absoluta certeza, e acredito que faltam oportunidades para as bandas underground se apresentarem com nomes, digamos, 'mainstream'. Se você reparar, são sempre os mesmos grupos escolhidas para abrir shows. Parece que vivemos numa panela de bandas e gravadoras, porque não escolhem a banda pelo profissionalismo, e sim pelo relacionamento. Por outro lado, bandas, organizadores e casas de shows precisam se organizar, com as bandas entregando sempre uma apresentação profissional, e não apenas da parte musical. Há a questão de equipamentos, e elas precisam ter um 'backline' para fazer a pessoa assistir ao show e sair falando que o som estava sensacional, que escutou tudo, as guitarras, a bateria, o baixo e o vocal. O fã de metal não pode ir a um show e encontrar um som todo zoado, porque assim ele não vai voltar. As casas precisam ter equipamento bom, também, para o som que sai do palco para o público, afinal, não adianta a banda ter um 'backline' legal e o som da casa ser péssimo. E tem os preços dos ingressos, das bebidas e de alimentação, que precisam ser justos nas casas de shows, porque fica parecendo que a cerveja é sempre mais cara para o público de metal. E o organizador precisa cobrar todos esses pontos. Sabemos que não é fácil produzir shows, mas é necessário que seja algo bem feito e profissional, porque é assim que o público vai prestigiar. Você sairia de casa para ir a um lugar onde não lhe respeitam? Se o som está péssimo, e ingresso, bebidas e comida têm valores absurdos, você só vai uma única vez.

Clube de Revistas

Takumi Nakajima

Philip Crusner, Victor Crusner, Magnus Henriksson e Erik Mårtensson: no pelotão de frente do hard rock escandinavo

ECLIPSE

LIBERDADE PARA EXPLORAR

Com o novo disco na praça e contando os meses para vir ao Brasil pela primeira vez, Erik Mårtensson fala sobre método de composição e formação musical

Por Daniel Dutra

Um dos principais nomes do hard rock europeu, especificamente do lado mais melódico oriundo da Escandinávia, o Eclipse está com seu nono álbum de estúdio recém-saído do forno, e *Megalomanium* é a entrada especial para o fã brasileiro antes do prato principal: a estreia da banda sueca em solo tupiniquim. Erik Mårtensson (vocal), Magnus Henriksson (guitarra), Victor Crusner (baixo) e Philip Crusner (bateria) desembarcam para o festival Summer Breeze em 2024, e conversamos com Mårtensson sobre isso e mais um pouco numa entrevista musicalmente bem pessoal.

Considerando o autointitulado primeiro disco do Nordic Union, você compôs, tocou, cantou, gravou e/ou produziu nove álbuns desde 2016. É um intenso processo criativo, e tento imaginar como equilibra essa prolificidade com o desafio de manter um alto nível de qualidade...

Erik Mårtensson: Eu pego pesado comigo mesmo, me cobro muito, vou ao limite para fazer o melhor em cada disco, independentemente se é W.E.T., Eclipse ou Nordic Union. Quando eu era mais novo, sempre ia a uma loja para comprar o disco de alguma banda depois de ter escutado o single no rádio ou na MTV. Quando havia apenas duas ou três boas músicas no CD, e o resto era um lixo, só conseguia pensar: 'Não quero ser um cara que compõe 'enchimentos''. Foi uma promessa que fiz a mim mesmo, então o processo criativo é algo que demanda muito trabalho. Passo muitas horas tentando criar alguma coisa, então às vezes consigo compor duas músicas num só dia, mas também posso levar três semanas para pensar em algo.

E como você escolhe o que é do W.E.T. e o que é do Eclipse, por exemplo?

Erik: Boa pergunta, porque sempre componho para um projeto de cada vez. É claro que, vez ou outra, acontece de escrever algo para o Eclipse, por exemplo, e pensar 'isso parece música do W.E.T.'. Eu fiz uma das nossas músicas favoritas da Eclipse, *The Downfall of Eden*, junto com o Magnus para o Nordic Union, só que nos demos conta de que soava como Eclipse quando terminamos. O mesmo aconteceu com *Runaways*, mas normalmente eu componho para cada banda de uma vez, porque dessa forma tenho a mentalidade correta para cada uma delas. Gosto de começar o processo do zero, então raramente recorro a ideias antigas. Para você ter uma ideia, tive um acidente com o meu celular recentemente, e ele foi totalmente destruído. Como eu havia esquecido de instalar o Voice Memos, perdi dois anos de ideias, mas não me lamentei e segui em frente (risos).

Em *Megalomanium*, as músicas *The Broken* e *One Step Closer to You* são palatáveis de uma forma diferente e positiva. É como se o Eclipse tivesse colocado um sabor extra depois de excursionar com bandas como My Chemical Romance, mas sem descaracterizar o próprio som. Você absorve novas influências dessa maneira?

Erik: Você quer dizer que elas são mais 'simpáticas' para as rádios, né? (R.C.: Sim.) Olha, para mim isso é um elogio, porque gosto dessas músicas pegajosas de três minutos. É o tipo de som que cresci ouvindo, ou seja, as bandas pop suecas, todas aquelas populares dos anos 1980, como W.A.S.P. e Mötley Crüe, que não demoram para chegar no refrão e o grudam na sua cabeça. E você está certo, porque tivemos muitas influências novas no novo disco, e My Chemical Romance com certeza é uma

Clube de Revistas

delas, porque há um skate punk ali. Tivemos um pouco de tudo, porque gostamos de mudar a cada álbum. O *Bleed & Scream* (2012), que tem dez anos e um lance mais Jake E. Lee e Whitesnake, é muito diferente do *Megalomanium*, mas você percebe que os dois são Eclipse. Mudanças são importantes para nós enquanto banda, e mesmo que um fã reclame que mudamos, duvido que ele queira dez discos idênticos ao *Bleed & Scream*. O melhor elogio que podemos receber é quando alguém ouve um disco nosso e diz que soa como Eclipse, independentemente da época. Amo bandas como Whitesnake, W.A.S.P., Dio e Deep Purple, mas não quero soar exatamente como elas. Quero ter pedacinhos de Deep Purple, pedacinhos de W.A.S.P. e pedacinhos de Bad Religion, afinal, quem quiser ouvir uma canção à la Whitesnake precisa ouvir Whitesnake! (risos) Espero que alguma futura banda diga o mesmo sobre nós, tipo 'se você quiser ouvir uma música tipo Eclipse, ouça um disco deles!', porque queremos encontrar nossa maneira de fazer as coisas. Esse é o nosso objetivo.

A banda está com a formação estabilizada desde 2019, mas você e Magnus Henriksson são o Eclipse e ainda trabalham juntos em outros projetos. É uma química rara de se ver...

Erik: Nós nos conhecemos em 1999 numa escola de música em Estocolmo, onde havia muitos instrumentistas de jazz e de música erudita. Eu sou do interior, então estava de calça jeans apertada, botas e uma Fender Stratocaster modelo Yngwie Malmsteen nas costas (risos), e perto do aparelho de som tinha um cara de cabelo comprido tocando Deep Purple. Perguntei se gostava de Deep Purple, e ele disse que sim. Perguntei se gostava de Yngwie, e ele disse que sim, e assim começou. Descobrimos que gostávamos das mesmas coisas, de AC/DC a músicas dos anos 1960, tipo Chuck Berry, porque nossos pais ouviam as mesmas coisas, também. Ou seja, éramos como irmãos de mães diferentes (risos), e não consigo me imaginar numa banda sem o Magnus.

O Eclipse vem ao Brasil em 2024, para a segunda edição do festival Summer Breeze. Como será a primeira vez da banda no país, quais são as expectativas?

Erik: Tocar na América do Sul tem sido nosso sonho, e no Brasil temos uma grande fã desde o primeiro dia, a Melissa Telles. Mantemos contato e sempre comentamos que adoraríamos tocar no país. Muitos fãs brasileiros e em outros países sul-americanos viajam aos Estados Unidos ou à Europa para nos ver tocar, e agora finalmente vamos até aí! Estamos realmente animados!

E tirando pela reação ao show do H.E.A.T neste ano, eu diria que a recepção ao Eclipse será muito boa.

Erik: Cara, nós ficamos sabendo do sucesso que foi o show deles aí, então fomos assistir a alguns vídeos e vimos como foi incrível. Aliás, somos amigos de todos no H.E.A.T, temos os mesmos técnicos de som e vamos sair em turnê juntos.

Além do H.E.A.T, o Reckless Love tocou recentemente aqui; o Crazy Lixx fará alguns shows no país ainda em 2023; o Eclipse vem ano que vem... Depois da pandemia, o Brasil finalmente está prestando mais atenção às bandas escandinavas de hard rock melódico, e me parece que grupos da Suécia, Finlândia e Noruega ficaram globalmente mais fortes nos últimos dez anos.

Erik: Sim, e você mencionou as maiores bandas. Se uma faz um grande disco,

MEGALOMANIUM
Frontiers - Imp.

nós trabalhamos para fazer um ainda melhor, só que a competição é saudável, porque somos todos amigos. Mal comparando, somos como Beatles e Beach Boys competindo para ver quem faz o melhor álbum! (risos) É fantástico que a nossa cena esteja crescendo tanto, e acredito que só está fazendo esse sucesso porque todos trabalhamos pesado para oferecer música de qualidade.

Especificamente sobre a Suécia, o país que deu ao mundo Abba, Roxette, Europe e Yngwie Malmsteen consegue ser bem diverso, indo do pop ao death metal. O que há de tão especial?

Erik: Acredito que uma das razões é a longa tradição de folk music no país. Além disso, a educação musical aqui é tanto gratuita quanto tem a opção de um pagamento simbólico para as aulas. Outro motivo seria o fato de que metade do ano é muito frio e escuro, então não podemos ficar fora de casa e curtir. Ficamos em casa e tentamos não congelar, então o que mais há para fazer? (risos) As melhores músicas que compus foram durante o inverno, então pessoalmente creio que tem algo a ver com o clima, realmente. E tem uma coisa legal: boas bandas inspiram outras bandas. Por exemplo, Aerosmith e Van Halen eram bandas imensas para nós, mas muito distantes, como se estivessem na Lua ou em Marte, mas quando o ABBA fez sucesso mundial, seguido por Europe e Roxette, nós pensamos: 'Se eles conseguiram, nós também conseguiremos'. Eram pessoas comuns e da mesma cidade que nos inspiraram ainda mais por estarem próximos da nossa realidade.

(N.R.: Neste momento, com a entrevista chegando ao fim, pergunto a Mårtensson quais são seus cinco discos favoritos, e ele diz: 'Muitas pessoas não sabem, mas eu só ouvia thrash e death metal quando era adolescente'.) Com o death metal melódico tão popular na Suécia, por que você não seguiu por esse caminho?

Erik: Ah, naquela época não era tão popular, não havia internet, e eu ainda morava no interior (risos). Quer dizer, ainda moro, porque estou numa ilha no meio do lago em que vivem 500 pessoas! (risos) Eu vivia aqui, passei uma temporada em Estocolmo e, agora que tenho mulher e filhos, voltei para cá. Mas eu tive uma banda cover de Slayer que se chamava Expendable Youth, só que, com o tempo, fiquei cansado de tocar esse tipo de música. Acabei descobrindo nomes como W.A.S.P. e, como gosto de música antiga e estou sempre um pouco atrasado, comecei a tocar hard rock melódico nos anos 2000, provavelmente a pior época possível para isso (risos). As pessoas riam da nossa cara, tipo 'vocês querem tocar isso? Estão loucos?', e não conseguíamos um show sequer. Porém, devemos seguir o nosso coração também na música. Eu poderia ter seguido o caminho do pop, mas queria fazer hard rock, então não comecei na música por dinheiro. Comecei porque eu queria tocar guitarra!

Para terminar, então: cantar ou tocar guitarra?

Erik: (empolgado) Tocar guitarra, cara! Eu nunca quis ser vocalista! O único motivo para eu ter começado é que, no início da banda, todos se recusavam a cantar, aí sugerimos que cada um cantasse um pouco. Eu era ruim, mas os outros eram ainda piores (risos). Acabei pegando as músicas deles, também, e relutantemente aprendi a cantar. Provavelmente, foi depois de *Bleed & Scream* que eu desisti de vez e aceitei que seria mesmo o vocalista (risos).

BLIND EAR

Texto: Thiago Prata

Thiago Prata

Arquivo pessoal

ANDRÉ DAMIEN (PARADISE IN FLAMES)

KRISIUN
Blood of Lions
The Great Execution

"Já ouvi isso. É Krisiun! Se não conhecesse a maior banda de death metal do Brasil, fodeu (risos). Gosto de Krisiun pra caralho. Essa é clássica, *Blood of Lions*. O Krisiun está em um nível de humildade e profissionalismo... Não tenho nem palavras para descrever o quão foda que os caras são. Eles são muito bons no que fazem, são humildes, ajudam a cena. A gente tocou com eles em Fortaleza (CE) uma vez. O Paradise estava no meio de uma turnê, e o Krisiun, num final de turnê. Chegaram pra gente e falaram: 'Cara, amanhã não vamos tocar, é o fim da turnê, vamos fazer um churrasco'. Alugaram um sítio e convidaram algumas bandas que participaram do evento. A gente comeu, bebeu, se divertiu o dia inteiro, saímos de lá loucos."

METALLICA
Too Far Gone?
72 Seasons

"Porra! É thrash? (RC: Aí vai da sua concepção, porque para alguns essa música é; para outros, não). Estou esperando um vocal rasgadinho. (N.R.: A voz entra). Porra, pelo vocal é Metallica, mas nunca ouvi essa (risos). Me parece alguma coisa antiga. (RC: É do *72 Seasons*). Do último? A gravação parece coisa antiga. Só ouvi a primeira que lançaram como single (N.R.: *Lux Æterna*), a que parece com Megadeth. James foi esperto, todo mundo falando que Megadeth está melhor que Metallica, aí ele vai lá e lança uma música igual ao Megadeth (risos). Fui no show que o Metallica fez em BH (em 2022), nunca tinha ido a um show do Metallica antes. Saí de lá tão indignado de tão ruim que o Metallica é ao vivo que não quis mais saber da banda."

ARCH ENEMY
Ravenous
Wages of Sin

"Arch Enemy. É *Nemesis*? (RC: Não). As músicas deles são todas parecidas (risos). (RC: É *Ravenous*, do primeiro disco com a Angela Gossow, *Wages of Sin*). Sou daquelas pessoas que quando um cara sai de uma banda acabo virando órfão. Não chego a ser um órfão da Angela, mas apreciava a arte da banda com ela cantando. Depois, com a outra vocalista (Alissa White-Gluz), perdi a vontade de ouvir, não combinou com a pegada. Dessas bandas de death melódico, o Soilwork eu nunca tinha escutado até o dia que o Björn (Strid) participou de um disco do Eminence (*Dark Echoes*, de 2021), que foi gravado aqui (estúdio Maçonaria do Áudio). No death metal melódico, eu gostava de Children of Bodom, comprava disco e ia em show, mas na fase mais antiga."

SHAMAN
Here I Am
Ritual

"Isso eu gosto, é Shaman. Para mim, o único disco do Shaman (risos). Este e o ao vivo (*RituAlive*, de 2003). Até escutei o último deles (*Rescue*, de 2022), com o Alírio Netto, e é legal. Agora, na época que o Shaman lançou esse disco (N.R.: referindo-se novamente a *Ritual*, de 2002), eu estava numa fase mais heavy metal melódico. O disco rendeu um DVD depois, uma novidade. E tinha o Andre Matos, que era o cara mais foda dentre os cantores de heavy metal no Brasil. Eu só estou na dúvida de qual música é esta, se é *Distant Thunder*... (RC: *Here I Am*). Ah, *Here I Am*. Eu devia ter esperado até o refrão para chutar (risos)."

DIMMU BORGIR
Blessings Upon the Throne of Tyranny
Puritanical Euphoric Misanthropia

"Já sei que é Dimmu Borgir. Conheço mais as músicas de DVD deles, porque eu mais via do que escutava. Lembro que o batera era o Tio Chico (risos) (N.R.: referindo-se a Nick Barker). Guilherme (Alvarenga, tecladista e vocalista do Paradise in Flames e D.A.M) era fã do tecladista (N.R.: Mustis). Eu era mais fã do batera. Via Dimmu Borgir mais para ver o batera do que o restante da banda. A bateria dele é brutal e limpa ao mesmo tempo. Olha que coisa linda, escuta aí. Ah é, você não está escutando (risos) (N.R.: André está ouvindo todas as músicas com fone de ouvido). Nem parece um ser humano tocando. Hoje a galera consegue fazer isso, mas na época ninguém fazia assim."

PARADISE LOST
Isolate
Symbol of Life

"Vamos aguardar a voz. Moonspell? (RC: Não). Me dá uma dica? (RC: Parte do nome dessa banda está em parte do nome da sua). Fodeu! (risos) Respondi a uma entrevista em que sempre me perguntavam se minha banda era cover de Paradise Lost e In Flames. Não tem nada disso. O nome foi baseado em *Stench of Paradise Burning*, do Disincarnate, num trecho em que o vocal dá um gutural poderoso dizendo: 'Paradise in flames'. Não tem a ver com Paradise in Lost nem In Flames. Tanto que nunca ouvi essas bandas. Então, pelo que está falando deve ser uma delas (risos). (RC: É o Paradise Lost). Robert (Aender, baixista do Paradise in Flames) gosta muito de Paradise Lost, mas nunca tive paciência para ouvir, porque não gosto nada de doom."

POSSESSED
Seven Churches
Seven Churches

"Guitarras travadas. Oh! Isso é Venom? (RC: Não, mas o Venom influenciou as bandas da época). Já ouvi isso. (RC: Essa banda é considerada uma das precursoras do death metal). Death metal? Mas não tem nada a ver com death metal. Putz, se for a que estou pensando, a gente ia tocar com eles. Olha como sou ruim de nome, já ouvi isso, é *Seven Churches*, estou com a capa do disco (de mesmo nome, de 1985) na cabeça, mas como chama a banda? (RC: Possessed). Porra, os caras nos chamaram para tocar com eles, e eu não lembrando o nome da banda (risos). Mas pelo menos acertei o nome da música e do disco (risos). A gente ia tocar com eles na Europa. Só que cabiam só quatro bandas no ônibus, e cortaram a gente (risos)."

MEGADETH
Paranoid
Hidden Treasures

"Esta é fácil demais. Uai! Quem está cantando isso? (risos). Está parecendo Megadeth cantando Black Sabbath. Porra, os caras conseguiram uma mágica. Eu não gosto de Black Sabbath, acho muito ruim, então conseguiram o Dave (Mustaine), que não canta bem, cantando algo que eu também não gosto, que é *Paranoid*, do Black Sabbath. Então, ficou ruim ao dobro (risos). Prefiro Dave cantando coisas como *Symphony of Destruction*. Na verdade, me incomodo mais com o vocal do Dream Theater (James LaBrie) do que com o do Dave, por exemplo. Não sei por quê! Mas esta música aí não combinou com a voz do Dave."

MORBID ANGEL
World of Shit
(The Promised Land)
Covenant

"Afinação baixa. Parece um monte de coisa. Morbid Angel? (RC: Sim). A gente tocou com o I Am Morbid duas vezes. Achei surpreendente ao vivo. O Pete (Sandoval) chegava às 10h, eu olhava para ele e pensava: 'Esse cara não consegue nem andar'. O cara tropeçava, caía no chão. Nosso roadie, Lapinha, é muito fã de Morbid Angel e falava: 'O show vai ser matador'. Eu falava que o Pete não conseguia andar, como ia tocar bateria? A gente apostou três chopes. O Pete subiu para passar o som, toda hora a baqueta caía no chão, todo desengonçado, e eu falando que ia ganhar a aposta. Quando passou o som, tocou de qualquer jeito. Só que quando foi tocar no show, o cara se transformou, virou uma máquina. Perdi os chopes (risos)."

D.A.M
Faded Existence
Disciples of the Unknown

"Isso é D.A.M? (gargalhadas). A gente convive tanto tempo com o Guilherme, um dos compositores do D.A.M, que quando começou a primeira nota, a forma de compor já entrega. A gente tocou junto num festival. Numa reunião antes do evento, ele se sentou ao meu lado, uma mesa grande e falou que tocava teclado. Aí ele brincou que faria um teste no Paradise. Lançamos o clipe de *Nahemah's Possession*, e a Soninha, que fez o papel de atriz, é amiga dele. Aí ele viu o clipe por causa da amiga dele, ouviu a música, achou interessante e fez um post no Instagram tocando um trecho da música. Falei com ele que tinha achado bacana, e ele disse que tocaria com a gente. Aí chamei na hora para o ensaio daquele dia (risos)."

Clube de Revistas

ASKING ALEXANDRIA

DE ONDE VIEMOS... E PARA ONDE VAMOS?

Com a intenção de homenagear várias facetas da própria evolução sonora, *Where Do We Go from Here?* cativa fãs de diferentes eras

Por Gustavo Maiato

O Asking Alexandria sempre explorou diferentes sonoridades ao longo de seus álbuns. Toda essa diversidade musical está agora reunida no novo álbum, *Where Do We Go from Here?*, em que novos sucessos como *Bad Blood* e *Let Go* prometem conquistar um lugar especial no coração dos fãs que adoram os clássicos da banda, a exemplo de *Alone in a Room*. A ROADIE CREW teve uma conversa com o vocalista Danny Worsnop sobre as inspirações por trás deste novo registro, o oitavo da carreira dos britânicos.

Você disse que *Where Do We Go from Here?* é uma mistura de todos os álbuns anteriores da banda, mas qual o conceito por trás do novo álbum?

Danny Worsnop: A ideia principal era não tentar algo completamente novo. Não queríamos que o novo disco fosse uma tentativa de ultrapassar limites, uma exploração criativa ou um empreendimento artístico. Queríamos que fosse mais uma síntese de tudo o que fizemos até agora. Ao longo dos últimos quinze anos, tivemos diferentes grupos de fãs que apreciam aspectos diversos do que o Asking Alexandria é e foi. Então, eu queria criar algo que fosse como um momento no tempo, para apreciar e oferecer algo a cada um desses grupos, tudo em um só lugar, porque é difícil fazer essas coisas coexistirem, especialmente do nosso trabalho inicial para o mais recente, que não combinam sonoramente. Esse foi o nosso principal desafio e o conceito por trás do álbum: como fazer essas coisas coexistirem.

E você pode fornecer alguns exemplos de como, por exemplo, um aspecto particular do novo álbum vem de outro trabalho anterior?

Danny: Sinto que muitos desses aspectos são bem evidentes em músicas como *Dark Void* e *Bad Blood*. Mas na maioria das demais, há grandes seções com vocais intensos e gritos, que remetem aos nossos dois primeiros álbuns. Há também muitos elementos eletrônicos que fazem referência a esses discos. Além disso, há aquelas grandes músicas que funcionam bem em arenas e estádios, com refrãos cativantes e bem elaborados, que se relacionam mais com nosso trabalho mais recente. Há referências a músicas antigas como *Antisocialist*, que trazem um estilo meio cômico e irônico. Em *Psycho*, temos esse toque de humor e é apenas diversão. Também há momentos mais cinematográficos, semelhantes a *If You Can't Ride Two Horses at Once... You Should Get out of the Circus*. Não estamos realmente fazendo referência a álbuns ou músicas específicas, mas capturando o espírito e a energia desses momentos no tempo.

WHERE DO WE GO FROM HERE?
Better Noise - Imp.

Notei que muitos fãs estão comentando sobre o brilhante trabalho de bateria em *Bad Blood*. O que pode dizer sobre essa música e, em particular, sobre a performance de James Cassells?

Danny: Sabe, James Cassells é James Cassells! É difícil quantificar esse cara de qualquer outra forma. Ele é o que é, e ele é o único que é ele. Acho que ele aproveitou esse momento para brilhar e fazer algo diferente e inesperado. Na versão original, que eu cantei antes de ele gravar a bateria, tínhamos apenas uma demo de bateria MIDI como um marcador de posição na época. Não tinha nada do que ele acabou fazendo. Foi uma surpresa para mim quando ouvi pela primeira vez, e foi uma abordagem realmente interessante pegar o que seria esperado e subverter completamente. Ele realmente trouxe uma energia e uma personalidade totalmente novas para aquela música, que foi projetada para ser, digamos, uma música 'pesada'. Só que 'pesado' não é uma coisa real e ninguém sabe o que significa direito, então eu tenho dificuldade em usar essa palavra corretamente porque ela não é real. Mas sim, ele realmente deu uma nova vida à música.

***Let Go* tem uma voz aguda na introdução. Como surgiu a ideia dessa música?**

Danny: Acho que é mais como um grande hino, um rock de estádio, uma música que faz com que todos se apaixonem por ela. Essa música teve como referência nosso maior sucesso e provavelmente a melhor música do Asking Alexandria, *Alone in a Room*. Assim que ela foi lançada, tudo mudou

em nossa carreira, isso realmente nos impulsionou. Desde então, sempre houve uma tentativa de buscar algo semelhante, e *Let Go* foi uma homenagem a *Alone in a Room*. Portanto, é uma grande música épica para arenas e estádios.

Qual das novas você acha que foi a mais difícil de finalizar?

Danny: Honestamente, nenhuma delas foi difícil de terminar. Foi um processo muito fácil. Uma coisa linda é que, quando eu entro para cantar, tudo já está escrito. Além disso, tínhamos uma ideia do que o disco seria, não estávamos começando do zero. Tínhamos uma espécie de manual do que o álbum seria. Isso tirou a pressão, tornando tudo muito mais fácil. Como era um trabalho que celebra e reúne tudo o que fizemos nos últimos quinze anos, tínhamos uma lista do que precisávamos. Sabíamos que precisava ter essa música, tocar nesse assunto e tinha que ter essa sensação. Isso tornou o processo muito mais fácil, porque não estávamos começando do zero, estávamos seguindo um plano.

Todos os seus álbuns, incluindo este novo, têm faixas mais curtas, certo? Escrever assim é algo natural para você?

Danny: Isso depende do projeto, na verdade. Quero dizer, só posso realmente falar por mim. Eu escrevi tantas músicas diferentes em tantos gêneros diferentes e para tantos propósitos diferentes que é simplesmente uma questão do que é certo para o projeto e para a música. Se estou escrevendo para outras pessoas, é uma questão do que é certo para o artista. Se a ideia é que a música precisa ter menos de três minutos e vinte segundos, é fácil fazer com que ela tenha três minutos e vinte segundos. Você escreve a música completa e, em seguida, descobre o que pode ser retirado dela. É mais sobre eliminar coisas do que tentar preencher o tempo.

Na nova turnê, o Asking Alexandria está com apresentações acústicas VIP em todos os shows. Como surgiu essa ideia?

Danny: Eu não gosto muito dos meet and greets tradicionais, em que você fica na fila, aperta a mão de alguém e tira uma foto. Acho isso desconfortável e estranho para todos. Além disso, é um pouco impessoal e muito rápido. Algumas pessoas se sentem pressionadas, especialmente quando estão tendo um dia ruim, não estão com vontade de conversar ou têm algo acontecendo em casa ou com a família que as deixam preocupadas. Nesse caso, elas podem não estar no estado de espírito certo para sorrir e posar para fotos, e isso pode levar à decepção das pessoas. Eu queria evitar esse tipo de situação e proporcionar a todos uma experiência realmente boa. Além disso, quando conheço músicos, celebridades ou atores, estou em uma posição um pouco única, pois já estou na indústria. Mas quando sou um fã que quer conhecer um dos meus artistas favoritos, como Adele, preferiria muito mais entrar em uma sala, ouvi-la cantar com um piano por trinta minutos e fazer algumas perguntas do que apenas cumprimentá-la rapidamente e tirar uma foto. Acho que isso é bem mais interessante para mim. Também amo fazer apresentações acústicas, sempre fizemos em pequenos contextos de rádio, e essa é uma oportunidade para fazer mais disso. Os fãs sempre gostaram e nós adoramos.

Você recentemente fez um cover de *Simple Man*, do Lynyrd Skynyrd, no YouTube. Qual é a sua conexão pessoal com a música?

Danny: É uma música tão linda que ninguém pode negar. A casa em que tenho morado nos últimos cinco anos, na verdade, estou vendendo agora, mas enfim. Acabei de ter uma reunião com um corretor de imóveis. E essa casa fica em Green Cove Springs, localidade em que vivia o pessoal do Lynyrd Skynyrd.

James Cassells, Sam Bettley, Danny Worsnop, Ben Bruce e Cameron Liddell apostaram na liberdade criativa

Danny Worsnop

A torre de água em frente à qual gravei o vídeo é a mesma que eles usavam em sessões de fotos. Ela fica bem atrás da minha casa. Então, fazia sentido e eu amo a música. Na verdade, estava ensaiando-a para me certificar de que sabia cantá-la, porque ia fazer uma performance dela com Jelly Roll, que é incrível e uma pessoa adorável. Ele me pediu para cantar com ele em sua turnê. Então, eu estava me certificando de que sabia a música e estava tocando no piano, pensando que era boa demais para não gravar. Aí, entrei aqui no meu estúdio no dia seguinte e gravei. No dia seguinte, fiz o vídeo e o lançamos. Em 2020 lancei cerca de seis ou sete covers, acho. É apenas uma coisa divertida que gosto de fazer. Faço muito disso no Instagram, acho que tenho cerca de trinta ou quarenta lá. Adoro músicas, adoro cantar e adoro tocar piano, então posso combinar essas coisas e sou um homem feliz. É uma maneira de compartilhar algo para os fãs, com certeza, mas, para ser honesto, faço mais por mim mesmo, porque amo fazer isso e depois compartilho algo que amo com as pessoas.

Wombatfire

NÃO QUERÍAMOS QUE O NOVO DISCO FOSSE UMA TENTATIVA DE ULTRAPASSAR LIMITES, UMA EXPLORAÇÃO CRIATIVA OU UM EMPREENDIMENTO ARTÍSTICO.

Olhando para trás em toda a sua carreira e todos os seus projetos, qual foi o momento mais desafiador e como conseguiu superá-lo?

Danny: Oh, Deus, acho que eu mesmo fui a coisa mais desafiadora em minha carreira. Sair do próprio caminho é algo difícil, aprender lições difíceis sobre crescer e quem você é versus quem você quer ser. É preciso descobrir o que você quer e o que precisa fazer em um nível pessoal e produtivo para realmente alcançar seus objetivos e chegar lá. Isso tem sido a parte mais difícil, passar de ser um jovem bobo com um microfone para realmente ter alguma direção na vida e na carreira, e pensar: 'Isso é o que eu quero na vida, isso é o que eu quero na minha carreira. O que eu preciso fazer para chegar lá?'

Você também está envolvido no mundo da fotografia chamado 'The Dark Horse'. Como surgiu a ideia para esse projeto e de onde veio a inspiração?

Danny: Eu sempre fui envolvido principalmente no mundo da fotografia de moda e editorial. Esse projeto foi a documentação da banda gravando o novo álbum. Comecei fazendo fotografia de concertos porque estava muito envolvido com isso na época, mas perdi o interesse rapidamente. Não sentia muito prazer nisso. Então, entrei no mundo da fotografia de moda, editorial e retratos, o que é uma saída criativa muito legal para mim. Também faço muita fotografia documental, quase no estilo fotojornalismo, embora eu não seja um jornalista. Gosto dessa abordagem de capturar momentos para as pessoas. Antes de entrar no estúdio para gravar o álbum mais recente, tive a ideia de documentar todo o processo de uma maneira que outro fotógrafo fisicamente não conseguiria fazer. Quando alguém vê uma câmera, imediatamente começa a se preocupar em parecer bem e acertar os ângulos, evitando fazer coisas estranhas. Mas como já estive com essas pessoas por quinze anos com uma câmera na mão, eles nem percebem que estou tirando fotos, então consigo capturar momentos que mais ninguém conseguiria. As pessoas não sabem que estou tirando fotos e isso permite que eu capture momentos únicos.

Deixe uma mensagem final para seus fãs brasileiros e nos diga se podemos esperar vê-lo no Brasil em breve.

Danny: Eu gostaria de poder dar mais detalhes sobre quando estaremos aí, sei que já faz muito tempo e os fãs brasileiros estão ansiosos para nos ver. É uma piada interna da banda e até na indústria como um todo, sempre que você posta algo na internet, alguém do Brasil diz para você ir para o Brasil! Eu sei que isso acontece o tempo todo, e eu e o Zach Myers, do Shinedown, brincamos muito com isso. Mas é uma coisa incrível, nós adoramos isso. Espero que seja em breve. Infelizmente, não tenho detalhes no momento, mas é algo que está na nossa lista de assuntos para resolver. Espero que aconteça no próximo ano. Quanto à mensagem final, obrigado por serem pacientes, porque sei que já faz muito tempo desde a nossa última visita.

Clube de Revistas

WILD THING RECORDS

FUTURE STATIC
LIMINALITY

ÁLBUM DE ESTREIA EM 24 DE NOVEMBRO

OUÇA AGORA!

Clube de Revistas

ALICE COOPER

PÉ NA ESTRADA

Vincent Damon Furnier reúne histórias que viveu em mais de meio século de turnês em novo disco

Da Redação

E ele está de volta. Do alto de seus 75 anos, Alice Cooper acaba de lançar seu mais novo disco, *Road*, que, como o nome entrega, é baseado em episódios que viveu na estrada durante sua longa carreira. Para isso, não apenas chamou Bob Ezrin novamente para a produção, como envolveu toda sua banda no processo – os guitarristas Ryan Roxie, Nita Strauss e Tommy Henriksen, o baixista Chuck Garric e o baterista Glen Sobel. O resultado são treze faixas intensas, orgânicas, gravadas ao vivo no estúdio com o mínimo de overdubs. Além de sua banda, Alice continua fazendo shows com o Hollywood Vampires, superbanda que reúne Alice, Tommy Henriksen, Joe Perry e o ator e guitarrista Johnny Depp. Ou seja, assunto não falta para uma conversa com ele.

Seu novo disco se chama *Road* (estrada). O que inspirou esse título e para onde essa estrada leva?

Alice Cooper: Eu já tive muitas bandas e todas eram ótimas. Mas há algumas que são tão legais que você quer mostrar pra todo mundo. A última que foi assim tinha Eric (Dover, guitarra), Ryan (Roxie, guitarra), Chuck (Garric, baixo) e Eric Singer (bateria). Foi com esse time que fizemos *The Eyes of Alice Cooper* (2003). Mas a formação atual não só é muito boa como também somos os melhores amigos uns dos outros. Então, quando resolvi fazer um disco novo, queria que a banda escrevesse as músicas e que a gente mostrasse que éramos tão bons que poderíamos gravar ao vivo no estúdio, com um mínimo de overdubs. E basicamente foi isso que aconteceu. Fizemos uma pré-produção e quando fomos gravar era como se estivéssemos num palco, na estrada. E ele só poderia ser sobre a estrada, não tinha como ser sobre outro assunto. Isso é o que acontece quando você vive na estrada. Então, os personagens sobre os quais escrevemos são fictícios, mas todos têm a ver com a estrada.

Como definiria *Road* em termos musicais?

Alice: É um disco de hard rock. Afinal, nós somos uma banda de hard rock. Também tem um par de boas baladas nele. E muito humor, porque é isso que acontece na estrada. Uma das baladas fala de um momento delicado: *Baby Please Don't Go* trata daquele momento em que o cara está se despedindo da esposa ou da namorada pra ficar três meses na estrada. Ele está lá, calado, andando em direção à porta e a ouve falando: 'Por favor, não vá!' E isso mata o sujeito, arrebenta com seu coração. Todo mundo que já ficou tanto tempo na estrada sabe muito bem como é isso. E essa música fala desse momento. Já as outras têm muito humor envolvido. É por isso que alguns personagens são meio exagerados, eu tentei deixá-los divertidos. E é um disco muito movido pelas guitarras – afinal, nós temos três guitarristas na banda, três guitarristas monstruosos!

ROAD
EarMUSIC - Imp.

***Road* é o primeiro álbum de estúdio que você gravou com sua banda atual. O processo de composição e de gravação foi muito diferente dos demais discos?**

Alice: Basicamente, eu e (o produtor) Bob Ezrin escrevemos a maior parte do material, sempre com um ou outro músico participando. Então, eu e Bob demos a cara para o disco. Porque só nós dois sabemos o que Alice Cooper pode falar e o que não pode falar. A partir daí, eu procurei a banda: 'Queria que cada um de vocês escrevesse uma ou mais músicas sobre a estrada.' Eles trouxeram as músicas e nós trabalhamos cada uma delas. Na verdade, acho que eles ainda não ouviram o que fizemos com as músicas deles, imagino que vai ser divertido fazer uma festa para todos ouvirem o disco e se surpreenderem (N.T.: a entrevista aconteceu antes do lançamento do álbum).

Tom Morello e Kane Roberts são alguns dos músicos que participam como convidados do disco. Como você define essas participações?

Alice: Bob e eu procuramos aquelas que consideramos as pessoas certas para cada canção. Kane trouxe uma música (N.T.: *Dead Don't Dance*) na época em que estava na banda porque Nita estava tocando com Demi Lovato. Tom Morello trouxe outra (*White Line Frankenstein*). E nós acabamos considerando Tom como um membro da banda, assim como Kane na época era um membro da banda. Sabe, é mais ou menos como fazer uma comida legal. Você coloca um pouco disso, um pouco daquilo, vê que dá pra melhorar, bota outro ingrediente... E no fim fica

Clube de Revistas

muito bom! Esses caras que a gente convidou são aqueles que a gente sabia que iam acrescentar algo ao disco. A gente tinha que tê-los na nossa música.

Bob Ezrin novamente é o produtor de um disco seu. Vocês dois têm uma longa história juntos e já fizeram muitos álbuns. Por que trabalhar com é Bob tão especial? E nesse novo disco houve alguma diferença entre os outros trabalhos que vocês fizeram no passado, principalmente por ter toda a banda envolvida no processo?

Alice: Bob e eu basicamente criamos o conceito do que seria Alice Cooper lá atrás, em discos como *Love it to Death* (1971), *Killer* (1971), *School's Out* (1972) e *Billion Dollar Babies* (1972). Nós já fizemos dezessete discos juntos, é mais da metade de tudo que gravei até hoje. E, como eu já disse, nós dois somos os únicos que sabemos o que Alice Cooper deve ou não falar. Nós trabalhamos muito bem juntos, principalmente na hora de gravar os vocais. Mas ele é bem duro no estúdio. Só que ele faz isso para conseguir o que acha que o disco precisa. Eu sempre falo para os músicos: se você está trabalhando com Bob Ezrin, não leve nada para o lado pessoal. Ele é assim. Quando ele grita, não está gritando com você. Está gritando com aquela gravação que você está fazendo, com a performance. Ele esta gritando com o equipamento. E eu falo para os engenheiros de som não levarem tudo tão a sério, ele está basicamente transformando você num profissional melhor. E nós rimos um bocado no estúdio. No fim, todo mundo acaba rindo. E nós entregamos o produto! É como se você pegasse um pedaço de barro e tivesse uma ideia básica daquilo que deseja fazer com ele. E aí você começa a moldá-lo até ficar como você imagina. É o mesmo com a música. Como você deseja que ela soe? É assim que você trabalha aquele tema. Aí, uma semana depois você tem uma ideia genial para ela. OK, nós vamos lá e mudamos o que for preciso. Mas só se for mesmo uma ótima ideia!

Cada música trata de uma particularidade referente a uma turnê: desde a despedida aos momentos dentro do tour bus, passando pela glória de estar em cima do palco ovacionado pela multidão e pelos altos e baixos. Tudo que você conta no disco foi baseado em eventos que de fato aconteceram?

Alice: Sim, é tudo baseado em coisas que acontecem na estrada. É lá que as coisas mais engraçadas acontecem, simplesmente porque você não está esperando por elas. E são coisas que nunca aconteceram antes – e olha que eu estou há 55 anos fazendo turnês! É sobre isso que resolvemos escrever. É isso que faz a estrada tão interessante. Sim, a gente sabe que cada um vai ter que carregar sua mala, que vamos ter que parar para comer... Todo mundo conhece muito bem essa rotina. E um show de rock é basicamente uma questão de organização. É como um espetáculo da Broadway: cada coisa tem que estar no seu lugar para que tudo funcione como planejado. O que eu mais amo nisso tudo é que percebo que todos têm um grande orgulho de estar participando daquilo. Cada um que é responsável por uma parte daquilo realmente se importa com o que está fazendo, se esforça para que tudo funcione como previsto. É isso que nos torna um tipo de família. E nós contratamos apenas profissionais, pessoas que realmente sabem o que estão fazendo.

Dentre tudo que acontece na estrada, qual a parte que você mais gosta e qual aquela que mais detesta?

Alice: O pior é sempre se despedir da família e ficar três ou quatro meses sem vê-la. No meu caso, meus filhos já cresceram, eles têm seus próprios filhos, e Sheryl, minha esposa, começou a participar do meu show quando tinha 17 ou 18 anos e agora está de volta. Minha filha Calico trabalhou comigo nos shows

É UM DISCO MUITO MOVIDO PELAS GUITARRAS – AFINAL, NÓS TEMOS TRÊS GUITARRISTAS NA BANDA, TRÊS GUITARRISTAS MONSTRUOSOS!

Jenny Richter

Alice Cooper conta suas aventuras e desventuras na estrada em novo disco

por dez anos, ela adquiriu um monte de experiência nesse tempo. Hoje ela é atriz e faz shows de humor. Sheryl se tornou parte essencial dos meus shows – e também dos shows do Hollywood Vampires. Então, esse era o único tipo de problema que eu tinha, e hoje posso dizer que já superei isso. No mais, eu me divirto muito na estrada. E ela não me matou! Você sabe, eu costumava abusar. Quarenta anos atrás, eu bebia muito, usava drogas. Mas quando você fica sóbrio acaba se divertindo muito mais! E toda sua energia acaba indo para o show. Não importa o que você faça durante o dia, no final dele você tem que estar pronto pra subir no palco e dar 100% de você.

A edição especial do novo disco tem como bônus um vídeo com seu show no Hellfest 2022, na França. Estava extremamente quente naquele fim de semana e você se apresentou diante de um belo pôr-do-sol para um público ensandecido. Consegue descrever a sensação que é tocar para um público tão grande?

Alice: Olha, eu tenho estado diante de grandes públicos há cinquenta anos... Eu sempre digo que a gente faz o mesmo show, não importa se estejam cem ou cem mil pessoas na plateia. A energia tem que ser a mesma. A quantidade de público não muda o show, não muda sua atitude, não muda aquilo que você tem que fazer. Então, cem ou trezentas mil pessoas não fazem diferença pra mim, eu vou fazer sempre o mesmo show.

Quais as principais diferenças entre um show do Alice Cooper e um show do Hollywood Vampires, se é que há diferença entre eles...

Alice: São completamente diferentes! A intensidade é a mesma, mas num show de Alice Cooper eu interpreto um personagem, que é Alice Cooper. Esse personagem nunca fala com a plateia, ele é muito arrogante, é um vilão. Ele consegue ter senso de humor a respeito, mas é cheio de si, o que o transforma num personagem quase cômico. É como o Capitão Gancho (N.T.: personagem de "Peter Pan"). Já no Hollywood Vampires eu sou o vocalista. Eu falo com a plateia o tempo todo, até toco guitarra em algumas músicas.

Toda a banda se envolveu no processo de composição do disco

Jenny Risher

EU ME DIVIRTO MUITO NA ESTRADA. E ELA NÃO ME MATOU! VOCÊ SABE, EU COSTUMAVA ABUSAR. QUARENTA ANOS ATRÁS, EU BEBIA MUITO, USAVA DROGAS. MAS QUANDO VOCÊ FICA SÓBRIO ACABA SE DIVERTINDO MUITO MAIS!

Enfim, faço algumas coisas que Alice nunca faz. Então, tocar com o Hollywood Vampires é uma espécie de respiro, já que é bem menos intenso e eu não preciso me concentrar tanto em comparação aos shows de Alice Cooper.

Acredito que já aconteceram vários, mas qual seria o episódio mais louco que você vivenciou na estrada?

Alice: Ah, isso é impossível de responder. Já apareceram buracos na fuselagem do nosso avião, nosso tour bus atropelou um alce... Todo dia rola alguma coisa! Eu poderia escrever uns dez livros só sobre coisas que vivi na estrada. Então, não consigo pensar em um episódio em especial.

Seu disco anterior, *Detroit Stories* (2021), saiu durante a pandemia. Ele chegou ao primeiro posto da Billboard, também ao primeiro lugar na Alemanha e ao top 10 em vários outros mercados. Essa repercussão chegou a surpreender você, mesmo depois de todos esses anos na música?

Alice: Sim, confesso que me surpreendeu. A gente estava vivendo aquela grande depressão mundial, acho que foi a coisa mais assustadora que já aconteceu na Terra, com todos afetados por apenas uma coisa e que fez todo mundo se trancar em casa. E todo mundo teve que improvisar! Comecei a pensar na minha vida e acabei criando um disco novo. E quando ele se tornou número um foi um choque para mim! Eu sabia que o álbum era bom, um dos melhores da minha carreira, mas jamais imaginava que chegasse ao topo das paradas. Enfim, eu brilhei durante uma semana. E aí comecei a trabalhar no disco seguinte.

E agora, vem uma turnê mundial por aí?

Alice: Com toda certeza! Não tem como esse novo show não ir para Europa, América do Sul, Austrália, Japão, todos os lugares! Não será neste ano, mas no ano que vem eu imagino que faremos uma turnê mundial com esse show.

Clube das Revistas

ETERNAL HATRED RECORDS
APRESENTA:

Anúncio: www.jduartedesign.com

MALICE GARDEN - *SUPREME INSTICT NUMB*

UM DOS GRANDES NOMES DO DEATH/BLACK METAL
DO SUL DO PAÍS, RETORNA COM O SEU DEBUT ÁLBUM.

Velocidade, técnica e complexidade, aliados ao formato da antiga escola de composição do metal brasileiro. Indicado para fãs de Dissection, Sacramentum e Morbid Angel antigo

DISPONIVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Eternal Hatred Records · Spotify · DEEZER · amazon Prime Music · Available on iTunes · MS Metal Records

Clube de Revistas

O INÍCIO DO AMADURECIMENTO

Explorando uma sonoridade veloz, técnica e épica, Nightwish surpreende com *Oceanborn* (1998) e *Wishmaster* (2000)

Por Gustavo Maiato

Em *Angels Fall First* (1997), o Nightwish se apresentou ao mundo com um som inicialmente acústico e folk, estabelecendo uma base ainda em formação e relativamente crua, com uma direção incipiente. No entanto, apenas um ano depois, com o lançamento de *Oceanborn*, a banda demonstrou uma abordagem mais sofisticada, incorporando elementos técnicos como longos solos de guitarra e teclado, bumbos duplos proeminentes, coros envolventes e letras mais profundas. Essa mudança não apenas refletiu uma maturidade musical, mas também uma imersão em temas mais complexos, como universos fantásticos, religião e a condição humana.

Ao analisar esses dois álbuns, é evidente a continuidade entre *Oceanborn* e *Wishmaster*, revelando uma progressão coesa na sonoridade da banda. Embora não sejam musicalmente idênticos, a influência marcante do power metal, especialmente de Stratovarius, é perceptível durante esse período. A fusão de metal sinfônico com a técnica veloz e melódica do power metal atingiu seu ápice nesses álbuns.

Oceanborn (1998)

Nascido do oceano

Na primavera de 1998, Tuomas Holopainen tinha um objetivo claro: compor as músicas do segundo álbum do Nightwish. Com o contrato da Spinefarm garantido, a banda estava evoluindo musicalmente e queria mostrar isso nas novas músicas. A mudança de raízes acústicas para um som mais enérgico aconteceu de forma natural, como Tuomas explicou na biografia "Nightwish: A Biografia Oficial", lançada pela EV7: "O desenvolvimento foi natural. Você consegue ouvir aqui o quanto evoluímos como músicos. As novas músicas eram muito melhores. Conseguir o contrato de gravação realmente nos motivou, é claro."

Para alcançar sua ambição criativa, Tuomas chamou seu professor de música, Plamen Dimov, para tocar violino. Foi uma inversão de papéis interessante, uma vez que agora o aluno ditava como o professor deveria tocar. Essa decisão se mostrou acertada, já que *Oceanborn* se destaca por trechos em que violinos e flautas desempenham papéis proeminentes, dando vida a melodias que se tornariam sucesso. Apesar do progresso evidente, Emppu Vuorinen destaca que todos na banda estavam ainda aprendendo seus instrumentos: "Nenhum de nós era perito nos seus instrumentos. Não tínhamos experiência suficiente ainda. Tivemos que gravar e regravar até mesmo as partes mais fáceis."

No entanto, Tarja Turunen não guarda boas lembranças das sessões de gravação desse álbum. Em uma entrevista para este jornalista, ela compartilhou: "Essa produção foi estressante para a banda, inclusive para mim como cantora. Queríamos lançar um disco incrível, já que no início de nossa carreira nunca imaginamos conseguir um contrato com uma gravadora que acreditasse em nós, mas isso aconteceu felizmente já com nosso trabalho de estreia. Essa situação nos colocou muita pressão, já que as expectativas eram altas. Naquela época, eu estava no início dos meus estudos de canto lírico na universidade e ainda não sabia muito bem como projetar minha voz para as músicas desse álbum. Então, me lembro de chorar no estúdio enquanto as gravava e não recebia ajuda nem apoio de nenhum outro membro da banda – na verdade, foi exatamente o oposto.

Wishmaster (2000)

Clube de Revistas

Portanto, não posso dizer que tive um ótimo momento durante a produção do disco. Talvez a música que eu mais curta do disco seja *Swanheart*."

A entrada de Sami Vänskä

Oceanborn marca também a estreia de Sami Vänskä como baixista do Nightwish. O finlandês reservado, carinhosamente lembrado pelos fãs dessa era da banda, ingressou de maneira discreta, mas sua presença musical não deixou a desejar. Embora tenha evitado os holofotes tanto em entrevistas como no palco, Sami revelou uma precisão musical que, se não transformou radicalmente o som da banda, certamente contribuiu para não deteriorá-lo.

Nascido em Kitee no dia 26 de setembro de 1976, Sami iniciou sua jornada musical aos 9 anos, explorando as nuances das cordas de um baixo nas salas de uma escola de música. Sua paleta musical foi colorida por influências de ícones como Rush, Faith No More, Red Hot Chili Peppers e Metallica, cada um contribuindo para a formação de sua abordagem única ao instrumento. Além de sua dedicação à música, Sami também navegou pelos caminhos da ciência da computação durante seus estudos universitários.

Seu caminho se entrelaçou com o Nightwish em 1998, quando Tuomas Holopainen, Emppu Vuorinen e Jukka Nevalainen lembraram do trabalho do baixista na banda local Nattvindens Gråt. O convite para integrar o Nightwish, então ascendendo como um grupo sinfônico de metal, foi estendido a Sami Vänskä, iniciando uma colaboração que ressoaria nas sinfonias do tempo.

O processo de gravação

Oceanborn foi forjado entre os meses de agosto e outubro de 1998 sob a égide da gravadora Spinefarm. A produção coube a Tuomas Holopainen, em colaboração com Tero Kinnunen, cujo papel se revelou vital para manter a serenidade da banda no frenesi do estúdio. Em casos como o desafio representado pela música *Passion and the Opera*, um ponto frágil para Tarja Turunen, Tero desempenhou um papel crucial. "Conseguimos capturar esse trecho apenas quando finjo desligar o gravador e peço para ela cantar sem pressão", revelou Tero.

Com uma instrumentação mais refinada, possibilitada pelo aprimoramento do equipamento, o resultado foi um som mais polido e cativante. A engenharia sonora no estúdio contou com a habilidade de Mikko Karmila na mixagem e Mika Jussila na masterização complementando o time de peso.

Com a entrada de Sami Vänskä em *Oceanborn*, o Nightwish agora se torna um quinteto

Quanto ao intricado processo de gravação, Tero compartilhou detalhes, revelando um episódio pouco conhecido sobre as tensões entre os membros naquela época: "Sem dúvida, investimos intensamente neste álbum, mesmo que não tivéssemos planejado todo o processo de antemão. Iniciamos com a bateria, registrando-a em um modesto vestiário para capturar a tonalidade certa e sombria. Alugamos microfones mais sofisticados de um estúdio maior na cidade de Joensuu, mas, infelizmente, não atenderam às nossas expectativas. Posteriormente, gravamos os teclados, momento em que percebi que surgia uma discórdia entre os membros..."

Brigas e inveja

No trajeto do Nightwish, após a lua de mel musical de *Angels Fall First*, surgiram algumas tensões que, embora não tenham levado à ruptura imediata, serviram como um sinal de alerta, instigando todos a refletirem sobre seus próprios comportamentos. O cerne desses desentendimentos residia na dinâmica de composição, centralizada em Tuomas. O tecladista, por esse motivo, acabava abocanhando mais ganhos financeiros do que seus colegas de banda. O destaque e foco em Tuomas eram naturais,

Tarja Turunen em cena do videoclipe de *Sleeping Sun*, filmada na Finlândia

Fotos: Divulgação

dado que o projeto tinha origem em sua mente. No entanto, levou um tempo até que todos os membros compreendessem plenamente seus papéis no contexto mais amplo da banda.

"Eu nunca dei muita importância ao dinheiro", explicou Tuomas. "Só preciso do suficiente para pagar o aluguel e comprar comida. O que mais me incomodava era a falta de respeito. Eu criei o Nightwish e os outros caras ganham a vida com as músicas que eu compus. Fico pensando se os músicos do Stratovarius reclamam com o Timo Tolkki por ele ganhar muito mais dinheiro e se pedem que ele distribua seus royalties", ponderou.

O baterista Jukka Nevalainen resumiu o problema em uma palavra: "Inveja". Assumindo sua parcela de responsabilidade, ele explicou seu papel nesse início de conflito: "Acho que invejávamos o Tuomas porque ele ganhava mais dinheiro do que nós devido aos royalties das vendas. Sinto muito por toda essa confusão que aconteceu, mas naquela época estávamos no negócio há poucos anos. Vivíamos com o básico e, de repente, um de nós começou a ganhar mais. Olhando em retrospectiva, sei que estávamos errados", concluiu.

As músicas de *Oceanborn*

Mas como *Oceanborn* soa musicalmente falando? Logo no início, *Stargazers* emerge com uma introdução de teclado que se tornou um clássico dessa era mais antiga da banda, com uma miríade de timbres e riffs velozes. A guitarra de Emppu entra em cena, entregando uma melodia envolvente que encontra eco no refrão. Tarja, desafiada pela altura da melodia, revelou que só conquistou a técnica necessária para interpretar esse trecho quando a incluiu em sua carreira solo. O tema da letra, complexo, entrelaça conceitos de astrologia e astronomia, colocando a Terra em perspectiva e explorando o legado da humanidade.

Na sequência, *Gethsemane* resgata o tema religioso que de vez em quando aparece nas composições de Holopainen. Com referências bíblicas ao jardim onde Jesus orou antes da crucificação, a faixa mergulha na profundidade de sua agonia, conforme descrito no Evangelho de Lucas. Carregada de nuances que vemos nas aulas de catequese, *Gethsemane* destaca-se como uma das poucas músicas creditadas também a Emppu no disco, destacando-se especialmente pelo magnífico solo final, um dos pontos altos não apenas deste álbum, mas de toda a discografia da banda. *Sacrament of Wilderness* mantém a pegada técnica

Clube de Revistas

e com temas obscuros, falando de anjos, neves e lobos.

Devil & the Deep Dark Ocean aparece como uma das canções mais obscuras e pesadas lançadas até hoje pelos finlandeses. Com a participação de Tapio Wilska, que empresta seus guturais para interpretar o diabo, a música cria um duelo de tirar o fôlego entre sua voz e a de Tarja, que se entrega ao personagem com gritos intensos. Em seguida, *Passion and the Opera* tem uma história peculiar já tratada aqui, com Tarja enfrentando dificuldades para executar o final, chegando até a chorar na tentativa de atingir as notas propostas. A letra aborda relações conjugais sob a perspectiva do pecado da luxúria.

Swanheart marca a primeira balada do álbum, fazendo uma referência direta à animação do "Patinho Feio" da Disney. A dualidade entre o patinho e o cisne serve como metáfora para Tuomas, deixando no ar a questão sobre por que ele se via como o patinho feio naquela situação, possivelmente relacionado a algum trauma de infância – algo que Freud poderia explicar.

Ao adentrar na segunda metade de *Oceanborn*, nos deparamos com *Moondance*, música instrumental que traz uma atmosfera divertida e dançante, com um belo solo de flauta. *The Riddler*, em seguida, explora o poder de questionamento da mente humana. *The Pharaoh Sails to Orion* novamente conta com a participação de Tapio, interpretando um faraó navegante, incorporando referências bíblicas e mitológicas como as Três Marias, conhecidas como a constelação de Órion na mitologia grega. Essa viagem musical e lírica através de *Oceanborn* revela não apenas a maestria técnica da banda, mas também a profundidade e a diversidade de suas inspirações criativas.

Um dos momentos memoráveis de *Oceanborn* sem dúvidas é *Walking in the Air*, uma versão inspirada na música tema do curta-metragem "The Snowman", originalmente composta por Howard Blake. A narrativa encantadora do curta, que explora a amizade entre um boneco de neve e uma criança, serve como cenário para um voo imaginativo pela musicalidade da dupla. Tuomas Holopainen, declaradamente um admirador da animação, decide criar sua própria interpretação da música, dotando-a de um final majestoso repleto de arranjos de teclado habilidosos.

Por fim, o bônus *Nightquest* adiciona uma pitada de hard rock à atmosfera geral do álbum, destacando-se pelos impressionantes acordes de piano de Tuomas e pelos poderosos riffs de Emppu Vuorinen. Este acréscimo, praticamente uma peça de hard rock, contribui para a diversidade e riqueza musical que define o registro.

Em *Wishmaster*, o Nightwish atingiu o auge da influência do power metal em seu som

Fotos: Divulgação

Turnê e bizarrices

A Oceanborn Europe Tour foi a segunda turnê do Nightwish, realizada para promover o disco homônimo lançado em 1998. A jornada teve início em 22 de janeiro de 1999 na renomada casa de shows Tavastia, localizada na capital finlandesa, Helsinque.

Uma curiosidade peculiar compartilhada por Tarja na biografia da banda durante a estadia em um hotel durante a turnê merece destaque: "Uma vez, gritei com eles porque vi algo que não queria ver. Esses caras conseguem ser tão pervertidos às vezes. Na turnê do *Oceanborn*, estávamos hospedados no hotel Puustelli, após um show em Nivala. Quase todos os quartos tinham sauna. Perguntei aos caras se poderia usar a sauna em um dos quartos deles, porque se eu aquecesse a sauna do meu próprio quarto, ficaria muito quente lá, e eu não conseguiria dormir. Eles concordaram, então eu fui lá com a namorada de Jukka, Satu. Ouvimos um barulho no corredor, abri a porta para ver o que era. Vimos um cara com a bunda de fora, sendo espancado por outro com uma cinta. Fechei a porta bem devagar e voltei para meu quarto. Fiquei com tanta raiva que chorei."

Sleeping Sun: música sob encomenda

Após a ascensão da popularidade do Nightwish com o lançamento de *Oceanborn*, Bogdan Kopec, CEO da Drakkar Records responsável pelos lançamentos da banda na Alemanha, entrou em contato diretamente com o líder e tecladista Tuomas Holopainen para discutir a ideia de um lançamento especial exclusivo para o mercado alemão. Com a proximidade do eclipse solar de 11 de agosto de 1999, Kopec sugeriu que Holopainen compusesse uma canção para celebrar o evento, seguindo algumas diretrizes específicas, como ter menos de quatro minutos de duração, apresentar um refrão marcante e ser uma balada. Embora Holopainen tenha admitido não ter inicialmente gostado da ideia, acatou a proposta e compôs a faixa que ele mesmo descreveu como "encomendada".

A canção *Sleeping Sun* foi então gravada no estúdio Caverock, localizado em Kitee, Finlândia, entre maio e junho de 1999, e lançada como um single em formato de CD em 2 de agosto de 1999, poucos dias antes do eclipse, incluindo outras três faixas do grupo. Uma edição limitada de duas mil cópias ainda oferecia um par de óculos de sol de papelão para apreciar o fenômeno.

Posteriormente, a música foi adicionada como faixa bônus nas novas edições de *Oceanborn*, lançadas pelas gravadoras Spinefarm e Drakkar na Finlândia e Alemanha, respectivamente. A canção alcançou sucesso nas paradas musicais de ambos os países, recebendo certificação de Disco de Ouro por suas vendas em ambas as regiões.

O videoclipe do hit foi capturado durante o outono de 1999, destacando a vocalista Tarja Turunen, então ostentando cabelos vermelhos, entoando a canção em diversas paisagens às margens do Lago Inari, na região da Lapônia, Finlândia. A direção ficou a cargo de Sami Käyhkö, que já havia dirigido o vídeo de *The Carpenter*.

O mestre dos desejos

Sem perder muito tempo, o início da composição de *Wishmaster* (ou "mestre dos desejos", em tradução livre) não foi exatamente fluído para Holopainen. "Meu prazo para compor as músicas estava quase estourando. Já era Natal, e eu só tinha duas ou três semanas para fazer mais quatro temas. *The Kinslayer* e *Deep Silent Complete* foram finalizadas apenas uma semana antes de entrarmos no estúdio", confessou o tecladista.

Tarja Turunen, que apresenta alguns de seus trabalhos mais aclamados em *Wishmaster*, recorda que foi neste álbum que descobriu como explorar todo o potencial de sua voz. "Percebi que nossa música era formada por vários elementos. Isso me espanta até

Durante a turnê de *Wishmaster* a banda veio ao Brasil pela primeira vez

Clube de Revistas

hoje. Escutei várias vezes esse disco, porque as músicas são muito inspiradoras e me faziam pensar em como eu queria interpretá-las. Descobri que poderia cantar com muito mais facilidade. Gravar no estúdio Finnvox fez toda a diferença. Foi uma mudança agradável. A vibe foi muito positiva, e todos nós trabalhamos muito", disse.

Gravado entre janeiro e março de 2000, *Wishmaster* foi, na verdade, registrado principalmente nos estúdios Finnvox e parcialmente no Caverock. A produção foi novamente confiada à dupla Tuomas e Tero. Dois músicos convidados também contribuíram para a sonoridade única do álbum: Ike Vil, responsável pelos vocais macabros em *The Kinslayer*, e Sam Hardwick, que gravou algumas declamações em *Dead Boy's Poem*. Quanto à sonoridade das faixas de *Wishmaster*, elas apresentam uma fusão poderosa e envolvente do metal sinfônico característico do Nightwish.

Wishmaster: o power metal sinfônico no auge

Levemente mais "para cima" que *Oceanborn*, *Wishmaster* traz inspirações multifacetadas, desde a sombra do trágico Massacre de Columbine, no qual quinze vidas foram ceifadas numa escola nos EUA, até os ecos melódicos de relacionamentos amorosos e o desejo ardente de desbravar novos horizontes. Logo de cara, *She Is My Sin* surge como uma das últimas peças na tapeçaria musical do *Nightwish* a explorar tão diretamente o terreno do pecado e do desejo carnal. Notável é o fato de que, na era em que Floor Jansen cantava no After Forever, ela fazia cover desta mesma canção, anos antes de tornar-se parte integrante do próprio Nightwish.

The Kinslayer, com seu arranjo entrelaçando riffs de Emppu e teclados com a urgência palpável de Tuomas, é a faixa que narra o fatídico massacre de 20 de abril de 1999, na Columbine High School, no Colorado. Uma composição que ganha ainda mais sombras com a participação obscura de Ike Vil, entoando o papel do próprio assassino em um dueto macabro com Tarja. *Come Cover Me* traz metáforas intrigantes, como quando Tuomas declara: "Novembro vestido de maio em seu rosto". É mais uma canção na qual o tecladista entrelaça o amor de forma poética, e a introdução de flauta resplandece como um dos momentos magníficos do álbum. *Wanderlust*, com sua introdução enérgica, trata da vontade perpétua de viajar que Tuomas nutre desde tempos imemoriais. Entre os locais mencionados na letra, encontramos o Oceano Pacífico e o Alasca, enquanto outros, poéticos, evocam campos de corais, caminhos secretos e lagoas azuis.

Sami Vänskä, Emppu Vuorinen, Jukka Nevalainen (de pé), Tuomas Holopainen e Tarja Turunen (abaixados)

Seguindo, surge *Two for Tragedy*, um ponto de melancolia no disco, balada triste que se perde rapidamente nas sombras das músicas adjacentes. Já *Bare Grace Misery* emerge como uma peça de mid-tempo, explorando novamente os recantos de uma relação conjugal, mas desta vez com um toque doentio, em que a mulher se declara como o lado sombrio de seu amante, com uma sutil referência ao filme finlandês "A Garota da Fábrica de Fósforos".

Crownless surge como o apogeu da relação do Nightwish com o power metal, mantendo uma velocidade intensa e abordando temas de realeza e Rei Arthur, falando sobre a famosa espada cravada na pedra. Um fato lamentável é que a banda apresentou poucas vezes essa composição em sua jornada. O epílogo de *Wishmaster* reserva espaço para a "mais pessoal" das composições do Nightwish, como definido por Tuomas: *Dead Boy's Poem*. A balada transmite um profundo sentimento de como o músico se enxerga na teia da vida, incluindo uma carta em que pede desculpas às almas que magoou, declamada por Sam.

Finalizando com maestria, *Fanta-Mic* emerge como o primeiro grande épico da banda, uma odisseia musical com mais de oito minutos, fragmentada em três partes e ornamentada com referências ao filme "A Bela e a Fera", da Disney. Uma verdadeira aula de arranjos, sabendo dosar momentos pesados com reflexões introspectivas. *Sleepwalker*, ao final, é uma faixa bônus que, inclusive, desbravou o cenário do Eurovision, competição internacional de canções de países europeus.

A jornada continua...

A turnê de *Wishmaster* finalmente trouxe a banda para o Brasil, marcando um episódio crucial na história do Nightwish: durante essa visita, Tarja conheceu o produtor argentino Marcelo Cabuli, com quem viria a se casar e permanecer unida até os dias atuais. Esse acontecimento teria repercussões significativas no futuro. Tuomas deixou claro que, a partir do relacionamento de Tarja com Cabuli, as dinâmicas dentro da banda ficariam complicadas.

O argentino acabou assumindo o papel de empresário pessoal de Tarja, o que o colocou em uma relação complexa com Ewo, que era o empresário do Nightwish. Esses dois líderes nunca tiveram uma relação completamente harmoniosa e em 2005 essa tensão atingiria um ponto crítico, levando à demissão de Tarja. Portanto, essa turnê na América Latina foi fundamental, marcando um momento importante na trajetória da banda. No entanto, esse acontecimento específico será abordado no próximo capítulo deste Background. *Continua...*

Em *Oceanborn* e *Wishmaster*, o Nightwish tocou em assuntos diversos como fantasia, religião, amor e temas existenciais

1973 BLUE ÖYSTER CULT
Tyranny and Mutation

Hard rock? Occult rock? Rock psicodélico? Pais do stoner rock? Muita tinta e muita saliva já foram gastas tentando definir o estilo do Blue Öyster Cult, mas provavelmente o mais adequado a se fazer é considerar que o quinteto americano criou um estilo totalmente próprio.

Na ativa desde 1967, o grupo fixou sua formação considerada clássica no início dos anos 70, com Eric Bloom (vocais e guitarra), Donald "Buck Dharma" Roeser (vocais e guitarra), Allen Lanier (teclados) e os irmãos Joe (vocais e baixo) e Albert Bouchard (bateria) – esse time gravou os oito primeiros discos do grupo. O primeiro álbum, que levava o nome da banda, chegou apenas ao 172o. posto da parada americana, mas acabou vendendo relativamente bem para uma estreia, o que garantiu vários shows ao quinteto. Isso criou uma urgência para o lançamento do seguindo álbum, que acabou sendo composto na estrada, entre um show e outro.

Gravado no Columbia Studios, em Nova York, *Tyranny and Mutation* teve produção de Murray Krugman e Sandy Pearlman – este último também assinava várias letras do BÖC e pretendia transformar a banda em uma "resposta americana ao Black Sabbath". Outra letrista de respeito a participar do disco foi a poetisa e cantora Patti Smith, que na época namorava Allen Lanier e assinou a letra de *Baby Ice Dog* – nos discos subsequentes ela faria outras colaborações com a banda. Outra particularidade estava no fato de Joe, Eric e Dharma se revezarem nos vocais principais, algo que continuou por um tempo, até Bloom assumir a função.

Lançado em fevereiro de 1973 pela Columbia Records, o álbum chegou ao 122º lugar da Billboard 200 e teve vendas superiores ao seu antecessor – algo que aconteceria com os trabalhos posteriores da banda.

Na época do lançamento, o mercado estava testando uma novidade que eram os discos quadrifônicos – em vez de o som ser dividido em dois canais, como no sistema estéreo, os quadrifônicos separavam-no em quatro partes – e *Tyranny and Mutation* saiu nesse formato tanto em fita cassete como em vinil em 1974.

Também em 1974 o Blue Öyster Cult soltou seu terceiro trabalho, *Secret Treaties*, o primeiro da banda a ser certificado Disco de Ouro nos EUA. Como os três primeiros álbuns do grupo tinham capas em preto e branco, essa fase da carreira do quinteto passou a ser conhecida como "os anos preto & branco".

Antonio Carlos Monteiro

1983 VULCANO
Om Pushne Namah

Na "Behind The Stage" da edição anterior mencionei o compacto de estreia do pioneiro grupo santista Vulcano, um dos principais nomes do black/death metal do Brasil e que se tornou referência na música extrema. Como sempre foi dever da ROADIE CREW informar e entreter o leitor, nada mais natural que incluir este material no rol de clássicos desta seção.

Om Pushne Namah foi gravado no Meridonal (estúdio D do selo Top Tape), em oito canais e em oito horas. Lançado em julho de 1983, o compacto duplo, que contou com as faixas *Cidade dos Porcos*, *Besta Cibernética*, *Santos City* e *Perdido, Achado e Regenerado*, trouxe um título ligado ao sexto dos doze mantras da saudação ao sol. O mantra hindu "Om Pushne Namah" é composto por três partes: "Om", considerado o som primordial do universo; "Pushne", referente ao deus sol, Pushan; e "Namah", que significa "eu me rendo". Juntos, tais elementos formam uma invocação poderosa para a energia e a luz do sol.

"Antes de *Om Pushne Namah* eu sabia que era necessário gravar um disco, mas pensar em algo assim era fora da realidade. Não foi fácil gravá-lo, porque éramos tratados nos estúdios da Top Tape como malucos. Como que uns caras sem contrato, sem suporte de mídia, sem dinheiro, sem empresário, sem nada, se propunham a gravar um disco?", questionou o guitarrista Zhema Rodero à ROADIE CREW.

Em *Om Pushne Namah*, ao lado do fundador Zhema, então no baixo e guitarra base, estavam Genne (vocal), Paulo Magrão (guitarra) e Marcello Marreco (guitarra, ex-Trava) e J. Piloni (bateria) – Carli Cooper registrou o baixo em *Cidade dos Porcos* e *Perdido, Achado e Regenerado*.

Com o compacto duplo, que teve tiragem original de quinhentas cópias, o Vulcano não só conseguiu agendar shows, como saiu em destaque no Livro Negro do Rock, publicação de autoria do saudoso radialista Leopoldo Rey. Apesar de a linha musical ser diferente do que se tornou o Vulcano, ele jamais foi esquecido. Inclusive, a banda Breakdown fez uma versão de *Besta Cibernética* para

Satanic Legions – A Tribute to Vulcano, lançado pela Violent Records.

Om Pushne Namah foi relançado em vinil pela Neves Records, trazendo as músicas originais e novas versões, rearranjadas por Zhema (Zhema & The Electric Army) e regravadas no outro lado do vinil de 10". Além disso, as gravadoras Classic Metal e Heavy Metal Rock se uniram para lançar este material em CD.

Ricardo Batalha

1993 DEEP PURPLE
The Battle Rages On...

A história do rock é marcada por reuniões de bandas icônicas, e uma delas ocorreu no início dos anos 90 quando a Mk 2 do Deep Purple – Ian Gillan (vocal), Ritchie Blackmore (guitarra), Roger Glover (baixo), Ian Paice (bateria) e o saudoso Jon Lord (teclado) – lançou, em julho de 1993, *The Battle Rages On*. A reunião turbulenta na volta de Gillan, ocorrida em agosto de 1992 após a fase *Slaves and Masters* (1990)

com Joe Lynn Turner, trouxe à tona uma mistura de emoções. A notícia agradou a maioria dos fãs e foi vista como um alívio, mas não encontrou total aprovação de Blackmore.

Seja como for, *The Battle Rages On...*, produzido por Thom Panunzio e Roger Glover, é um trabalho que não passa despercebido. O 14º álbum da discografia dos ingleses teve um bom desempenho no Reino Unido, alcançando o 21º lugar nas paradas, mas enfrentou um desafio nos EUA, onde o impacto original da reunião havia se dissipado. "*The Battle Rages On...* tem coisas legais, mas o clima continuava ruim...", resumiu Gillan.

Entre estas "coisas legais" citadas por Gillan certamente estão a marcante faixa-título e o single de *Anya* (com *One Man's Meat* no lado B), que saiu somente na Europa. Em menor escala, o repertório também destaca *Talk About Love*, *A Twist in the Tale*, *Nasty Piece of Work*, *Solitaire* e *One Man's Meat*, esta última que Joe Lynn Turner fez questão de revistar em *Stroke of Midnight*, de seu álbum solo *Second Hand Life* (2007). "Ritchie me mandou um e-mail pedindo que fizesse essa música porque queria mostrar como ela deveria soar. Ele disse que odiou o que fizeram com ela em *The Battle Rages On*", explicou Turner à ROADIE CREW.

Após o lançamento, o Purple embarcou em um intenso e conturbado giro pela Europa, iniciado em 24 de setembro em Roma (ITA). A saída de Blackmore em meio à turnê foi um momento decisivo. No dia 30 de outubro, em Praga, na República Tcheca, ele entregou a sua demissão e fez seu último show no dia 17 de novembro, em Helsinque (FIN). Isto sem antes causar polêmica ao atacar uma equipe de câmera no palco no show em Birmingham (ING).

Após sua saída do Purple, Blackmore reformulou o Rainbow. Já o restante da banda cumpriu as datas finais e realizou a turnê japonesa de dezembro de 1993 contando com o americano Joe Satriani. A vaga, no entanto, ficou com Steve Morse (ex-Dixie Dregs, Kansas), que estreou em *Purpendicular* (1996).

Ricardo Batalha

KAMELOT 2003
Epica

Após a entrada do vocalista norueguês Roy Khan (hoje de volta ao Conception), os americanos Thomas Youngblood (guitarra), Glenn Barry (baixo) e Casey Grillo (bateria) conseguiram criar um estilo próprio para o power/melodic metal do Kamelot, desde a concepção visual, passando pelas composições, performances, além das partes orquestradas, o uso de instrumentos insólitos e os elementos gregorianos.

Já as participações de Luca Turilli (Rhapsody), Ian Parry (Elegy) e Mari Youngblood (Titania), além do coro com Robert Hunecke-Rizzo (Virgo, Heavens Gate), Herbie Langhans (7th Avenue), Annie e Cinzia Hunecke-Rizzo, só engrandeceram o material, que teve sua temática inspirada na obra dramática "Fausto", do poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe. "Eu li esta obra de Goethe e dei a ideia de escrever sobre ela. Falei para Thomas que também lesse o livro. Achamos que o conceito ficaria perfeito", comentou Roy Khan, que faz o papel de Ariel, inspirado em Heinrich Faust, e de Mephisto, um anjo rebelde que foi expulso do Céu e um dos poucos personagens que mantém seu nome na história original.

Na obra, a procura de Ariel por sabedoria é incessante e ele faz um pacto com Mephisto. "*Descent of the Archangel* é onde aparece Mephisto, o demônio, que é apresentado ao personagem principal, Ariel. E no final de *A Feast for the Vain* ele faz um pacto com o demônio", descreve Khan.

A produção de Miro Rodenberg e Sascha Paeth também arrancou elogios. "Sascha e Miro são os grandes responsáveis pela mudança no som da banda. São excelentes produtores, acrescentam uma visão diferente e são criativos. E conseguem cada instrumento estranho para as bandas", avaliou o vocalista.

Dentre estes instrumentos "estranhos", *Epica* conta com o bandoneón, espécie de acordeão que é usado no tango argentino. "O bandoneón aparece em *Lost & Damned* porque queríamos mesmo que fosse na linha do tango, para que descrevesse a tensão entre Ariel e sua amada Helena (N.R.: interpretada por Mari e que tem Gretchen, personagem

de "Fausto", como inspiração). Usamos o instrumento típico para dar ênfase à parte lírica, daquele sentimento vivido por Ariel", detalha Khan.

Não bastasse ser tido como uma das grandes obras do estilo, *Epica* ainda tem como legado o fato de servir de inspiração para a escolha do nome da banda holandesa Epica. O trabalho conceitual teve sua sequência em *The Black Halo* (2005).

Ricardo Batalha

Clube de Revistas

Eternal Idols

Antonio Carlos Monteiro

GARY ROSSINGTON

✷ 04/12/1951 ✝ 05/03/2023

Não fossem os Rolling Stones, o mundo do beisebol poderia ter ganho um craque e a música ficado sem um de seus mais importantes guitarristas. Ocorre que o jovem Gary Robert Rossington, nascido em Jacksonville, na Flórida, em 4 de dezembro de 1951, era um ferrenho aficionado do esporte de tacos e bolas, e tinha forte intenção de se profissionalizar – o sonho era jogar no New York Yankees. Isso até que ele ouviu os Rolling Stones. Aí sua vocação mudou totalmente e a música passou a ser o centro de sua vida – e de seus planos.

Porém, o beisebol ainda teve parte importante na carreira musical de Gary: ele jogava com outros adolescentes, o vocalista Ronnie Van Zant e o baterista Bob Burns, que também davam seus primeiros passos na música. Num dia do verão de 1964, Burns estava contundido (resultado de uma bolada que levou de Van Zant) e eles resolveram fazer uma jam na garagem da casa do batera. Tocaram *Time is On My Side*, dos Stones, e gostaram do ouviram. Logo se uniram ao guitarrista Allen Collins e ao baixista Larry Junstrom e se batizaram Noble Five. Logo mudaram para The One Percent, até adotarem o nome que os tornou mundialmente famosos, Lynyrd Skynyrd (como todo mundo sabe, um trocadilho com o nome do professor Leonard Skinner, implacável perseguidor de alunos cabeludos).

Aliás, o cabelo comprido de Rossington gerou uma situação única. Punido na escola pela enésima vez por causa da cabeleira, e tendo sido criado apenas pela mãe (seu pai faleceu logo após seu nascimento), lá se foi Lacy Van Zant, pai de Ronnie, interceder junto á direção em favor do amigo do filho. Explicou que Gary era um sujeito trabalhador e que estava batalhando um lugar ao sol no mundo da música – e o cabelo comprido fazia arte do pacote. Não se sabe se os argumentos deram certo, mas logo em seguida Gary Rossington largou a escola para se dedicar exclusivamente a música.

Com sua Gibson Les Paul 1959, que ele batizou de Berniece em homenagem à sua mãe, Gary foi coautor de alguns temas clássicos do Lynyrd, como *Simple Man* e *Sweet Home Alabama*. Em entrevista à Guitar World em 2009, ele definiu de forma bem simples seu modo de compor: "Só existem sete notas musicais, então você tem que usá-las repetidamente, não tem escolha. Eu, por exemplo, usava direto a progressão ré-dó-sol. Tudo depende da maneira como você usa essas notas."

Em 1976, tanto ele como Allen se envolveram em acidentes de carro. No caso de Rossington, descobriu como um carro potente não combinava com álcool e outras substâncias ao estampar seu Ford Torino numa árvore. Como resultado, a banda teve que adiar o início da turnê e Gary morreu com cinco mil dólares para cobrir os prejuízos que isso causou.

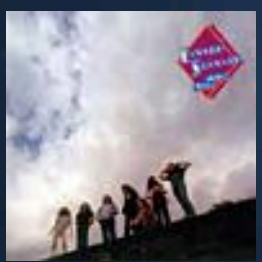
Em outubro de 77, ele era um dos passageiros a bordo do Convair CV-240 que caiu com a banda num pântano no Mississipi. Rossington foi um dos vinte sobreviventes, mas uma das portas do avião acabou caindo sobre ele. Como resultado, sofreu fraturas em braço, perna, pulso, tornozelo e pélvis. Em 2018, entrevistado pelo Yahoo Entertainment quando do lançamento do filme biográfico "If I Leave Here Tomorrow", Gary deu de ombros sobre o acidente ter sido retratado: "É parte da história, cara", declarou.

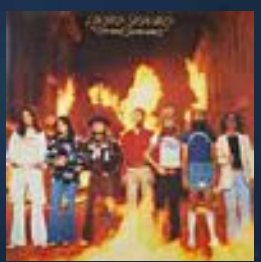
Recuperado dos ferimentos e enquanto o Lynyrd seguia inativo, montou, junto com Allen Collins, a Rossington Collins Band, que durou de 79 a 82 e deixou dois discos, *Anytime, Anyplace, Anywhere* (1980) e *This Is the Way* (1981), que atá conseguiram bons resultados na Billboard.

Não tão bem sucedida foi sua empreitada seguinte, The Rossington Band, que ficou ativa de 86 a 88 e soltou três álbuns sem maior repercussão.

Com a volta do Lynyrd à atividade, em 1987, Gary Rossington voltou a se unir à banda. Em julho de 2021, Gary teve que se afastar dos shows por conta de uma cirurgia cardíaca de emergência, sendo substituído por Damon Johnson. Até que em 5 de março deste ano foi divulgado que Gary Rossington havia falecido em sua casa, em Milton, na Geórgia, por causas não reveladas. Assim, partia o último sobrevivente da formação original do Lynyrd Skynyrd.

Lynyrd Skynyrd - (Pronounced 'Lĕh-'nérd 'Skin-'nérd) (1973)


Lynyrd Skynyrd
Nuthin' Fancy (1975)


Lynyrd Skynyrd
Street Survivors (1977)

Rossington Collins Band
Anytime, Anyplace, Anywhere (1980)

Lynyrd Skynyrd
Last of a Dyin' Breed (2012)

Murilo Ramos: o primeiro goiano da história a tocar no maior festival de Metal das Américas.

Com uma carreira recheada de conquistas e grande determinação, Murilo se tornou um nome de destaque no Metal e se prepara para representar o Brasil, principalmente seu estado, no maior festival de Metal das Américas, Hell and Heaven Open Air. A apresentação será em novembro de 2023, em Toluca, no México. Murilo fará a sua primeira apresentação com sua nova banda, Black Oil, de Los Angeles (Califórnia). O evento também trará nomes como Guns N' Roses, Slipknot, Helloween, Billy Idol, Sodom, Exodus, Lacrimosa, Biohazard, In Flames, Muse, e muitas outros ícones do Rock / Metal mundial.

Murilo Ramos desembarcou nos Estados Unidos no início de 2023 após receber um convite que mudaria sua vida. Produtores renomados como Addasi Addasi (Los Lobos, Heaven's Guardian, Nervochaos) e Roy Z. (Bruce Dickinson, Rob Halford, Rob Rock, Sebastian Bach, Massacration, Sepultura, André Matos etc.) viram em Murilo um potencial excepcional e o convidaram a aprender sobre produção musical, gravação e business na música. Este convite aconteceu após uma avaliação extremamente positiva do trabalho de Murilo durante as gravações do álbum "Chronos" da banda Heaven's Guardian, realizada na Califórnia em 2022.

Atuou como assistente de gravação e produção, compositor, instrumentista e até como vocalista de apoio para bandas locais. Murilo teve a oportunidade única de testemunhar e participar na captação das gravações do lendário guitarrista Roy Z. para o novo álbum do Bruce Dickinson, The Mandrake Project. Dentre as produções das quais fez parte, estão seis videoclipes e três álbuns, incluindo as gravações de duas trilhas sonoras com Addasi Addasi no estúdio do renomado Steve Baughman (vencedor do GRAMMY e que trabalhou com grandes nomes como Michael Jackson, Eminem, Snoop Dogg, Dr. Dre, Destiny's Child, 50 Cent, Machine Head etc.). Alguns de seus trabalhos foram realizados com grandes nomes como Brendan Dauff e Leo Liberti.

Uma grande virada em sua carreira foi a assinatura de um contrato de gerenciamento de carreira com Kelley Miller, da KW Management, que cuidará da carreira de Murilo não apenas nos Estados Unidos, mas também internacionalmente. Além disso, foi um dos únicos jurados dos Estados Unidos para o Battle For Hell, uma série de shows e batalhas entre bandas dos EUA para conquistar um lugar em um dos palcos do Hell and Heaven Opne Air. Foi uma honra para Murilo ser um dos jurados ao lado de nomes como Steve Baughman, Roy Z., Conrado Pessinato (guitarrista do Graham Bonnet) e Dave Moreno (Puddle Of Mudd, Bruce Dickinson etc.).

Nesse período, Murilo esteve com artistas como Derrick Green (Sepultura), Tatiana Shmailyuk (Jinjer), Cristian Machado (Ex-Ill Niño, Lions At The Gate), Matt Fuller (Puddle Of Mudd), Greg Grunberg, Adrian Pasdar e Jack Coleman (da série Heroes), Sean McNabb (da série Sons Of Anarchy) Lloyd Grant (compositor dos primórdios do Metallica), Scott Ian (Anthrax), Robert Trujillo (Metallica), Jordan Rudess (Dream Theater) e Stevie Wonder. Ainda em novembro de 2023, Murilo fará o lançamento do novo álbum (Chronos) de uma de suas bandas, Heaven's Guardian, gravado no Fuel Music Studio (na Califórnia). O lançamento será no dia 25 de novembro em Goiânia, Goiás.

Com sua carreira em ascensão, Murilo Ramos está destinado a se tornar um nome reconhecido na indústria da música internacional. Além de tocar no Hell and Heaven Open Air com a banda Black Oil, ele também está se preparando para as turnês internacionais previstas para 2024.

Para um ponto de acesso a todas as informações de Murilo Ramos, acesse seu site oficial:

http://muriloramosofficial.com

Clube de Revistas

K.K. Downing, Tony Newton, Tim "Ripper" Owens, A.J. Mills e Sean Elg: o sermão continua, só que melhor

Divulgação

KK's Priest
A Marcha do Pecador

Tim "Ripper" Owens explica como a banda saiu conscientemente da zona de conforto no novo capítulo da sua parceria com K.K. Downing

Por Daniel Dutra

Com o lançamento de *The Sinner Rides Again*, o KK's Priest passa por algo comum a bandas iniciantes: o teste do segundo disco. A diferença, claro, é que Tim "Ripper" Owens (vocal), K.K. Downing e A.J. Mills (guitarras), Tony Newton (baixo) e Sean Elg (bateria) não começaram agora, especialmente a dupla que tem um passado em comum num dos maiores nomes da história do heavy metal, o Judas Priest. Ainda assim, o novo álbum do quinteto mostra que mesmo nomes veteranos não estão imunes à necessidade de mostrar serviço à altura, e Owens explicou por quê.

Como foi finalmente levar o KK's Priest para os palcos, depois do lançamento de *Sermons of the Sinner*, e também tocar novamente com o K.K. as músicas do Judas Priest, especialmente as que vocês gravaram juntos, como *Burn in Hell*?

Tim "Ripper" Owens: Tocar em festival é sempre difícil, mas foi ótimo voltar a tocar ao vivo, realmente, e estamos melhorando a cada show. Nossa montagem de palco é muito grande, com pirotecnia e tudo mais, e o público tem sido incrível! Além disso, honestamente, eu estava empolgado mesmo para tocar o material do KK's Priest, mais do que qualquer coisa, até porque nossas músicas demandam bem mais de mim do que as clássicas do Judas. E adoro estar no palco com o Ken, porque nos damos muito bem, então foi muito bom estar lado a lado com ele novamente. Parecia que nunca havíamos nos separado.

Você falou dos clássicos do Judas Priest, mas há a expectativa do fã de ouvir o que você e K.K. fizeram juntos, porque a banda não toca nada do *Jugulator* (1997) e do *Demolition* (2001) com Rob Halford. Ou seja, o KK's Priest carrega essa possibilidade...

Tim: Eu não penso muito sobre isso, pois o setlist que temos agora é para festivais, e isso é um pouco diferente. Tocamos seis músicas do KK's Priest e, também, *Burn in Hell*, só que em breve teremos dois novos videoclipes do *The Sinner Rides Again*, então serão oito músicas próprias no repertório, provavelmente quando tocarmos no Reino Unido. E teremos mais ainda quando estivermos com o nosso próprio show, porque espero que possamos tocar de dez a 12 músicas. Mas acho que deveríamos acrescentar *One on One* no setlist, sem dúvida. Na verdade, fiquei um pouco surpreso ao ver que não estava, porque ela e *Burn in Hell* são as duas melhores para tocar ao vivo... Cara, *Burn in Hell* funciona muito bem, e o público fica louco! Inicialmente, quando reparei que não havia músicas da minha época no Judas, e sabendo que as pessoas gostariam de ouvi-las, eu fiquei meio que em choque, mas aí entendi o que estávamos fazendo, que é esse lance do setlist especial para festivais, algo voltado para atrair a atenção das pessoas para o disco e para a banda.

Falando sobre o novo álbum, como foram os processos de composição e gravação agora que todos cinco passaram pelo primeiro disco?

Tim: Não foi muito diferente, e Ken é o cara principal. Ele passou quase 50 anos compondo músicas com outras pessoas no Judas Priest, então acredito que agora quer fazer a coisa toda, escrever também as letras, as melodias. Sei que o A.J. compôs algumas coisas com Ken, mas a novidade mesmo foi que pedi para gravar meus vocais no meu estúdio em casa, afinal, não havia necessidade de ir a outro lugar. Gravei o EP *Return to Death Row* (2022) aqui, bem como muitos outros discos meus, e o bom de trabalhar em casa é que posso gravar uma estrofe, parar para tomar um café, fazer tudo no meu tempo. Acredito que o *The Sinner Rides* Again mostra uma banda com mais personalidade, mais emoção, mais contraste, mais agressividade nos vocais. Como na última música, *Wash Away Your Sins*, que começa meio triste e, no minuto em que você está quase chorando, vem a estrofe dando um soco na cara! No novo álbum, todo mundo... Bem, eu canto como eu canto, e canto assim há mais de 30 anos, mas Sean, por exemplo, pôde mostrar mais o seu estilo de tocar. Agora que já estamos juntos há um tempo, senti essa diferença.

E foi exatamente por isso que perguntei, porque dá para sentir que vocês estão mais confortáveis uns com os outros. Os riffs e solos do K.K. e do A.J.

estão melhores, e há uma nova dinâmica nos seus vocais. Então faz sentido...

Tim: Sem dúvida! Sendo bem sincero com você, as músicas exigiram mais de mim desta vez. *Sermons of the Sinner* (2021) realmente precisava ser um disco de heavy metal, com o bom e clássico estilo, mas o novo álbum é mais inovador e pesado, então os vocais acompanharam.

E me pergunto se esses novos aspectos têm a ver com a sua parceria com Jamey Jasta no seu EP. Quero dizer, se você os levou para o KK's Priest...

Tim: Na verdade, não. Eu canto o que quer que a música precisa que eu cante. Cresci ouvindo Judas Priest, Iron Maiden, Dio, mas também Testament, Death Angel, Anthrax e Slayer, e, vocalmente falando, sempre consegui cantar esse tipo de música mais agressiva. Eis a forma como abordo o canto: cresci ouvindo Ronnie James Dio, Rob Halford, David Bowie e Jon Oliva, pessoas que contavam uma história com suas vozes, por isso não cantavam de uma mesma maneira a música toda, mas mudavam e faziam coisas diferentes. É isso que gosto de fazer! Gosto muito de cantar de modo agressivo, e isso é curioso porque, atualmente, os meus agudos estão mais limpos do que quando eu era jovem, mas a minha voz está mais rouca e grave do que quando eu era jovem. Sei que algumas dessas músicas ficaram mais pesadas com os vocais que coloquei, e em algumas delas essa não era a ideia original. Algumas estrofes numa música são mais pesadas do que outras, como em *Wash Away Your Sins*, cuja última estrofe tem ainda mais agressividade, e isso é muito legal de fazer!

E é algo que você consegue levar tranquilamente do estúdio para os palcos?

Tim: Sim, tenho essa possibilidade. As músicas do KK's Priest são mais difíceis de cantar ao vivo do que qualquer uma das clássicas do Judas, mas eu gosto de cantá-las ao vivo da forma como estão no disco, porque são ótimas músicas! Adoro cantar *One More Shot at Glory*, por exemplo, com as diferenças entre tons de voz.

É interessante que a conversa tenha seguido por esse caminho, porque *The Sinner Rides Again* é melhor que *Sermons of the Sinner* em todos os aspectos, inclusive os vocais...

Tim: Eu gosto mais do novo disco, enquanto tem gente que prefere o primeiro, mas há mesmo uma diferença entre os dois: o álbum de estreia tem uma sonoridade mais direcionada para o heavy metal clássico, foi produzido para soar desse jeito porque precisávamos que fosse assim. Agora, nós quisemos que a produção fizesse a diferença para que a sonoridade ficasse diferente, mais moderna, e acredito que as músicas fluem melhor, também. Além disso, a pandemia aconteceu assim que finalizamos *Sermons of the Sinner*, e aí muitas coisas mudaram naquelas músicas, trocamos partes de lugar, mexemos aqui, mudamos ali, e a única alteração em *The Sinner Rides Again* foi na produção, não nas partes das canções. O primeiro álbum tem algumas músicas de que eu gostava mais antes das alterações finais, mas ainda assim é um trabalho feito exatamente para o que precisávamos: apresentar o KK's Priest. O novo disco é exatamente o que precisamos no momento, e também gosto muito mais de tudo nele: as guitarras, a bateria, os vocais... Tony está detonando mais uma vez no baixo. É um baita álbum! E de amplo espectro, vamos dizer assim,

THE SINNER RIDES AGAIN
Hellion - Nac.

porque pode atrair novos fãs, de diferentes estilos de metal, embora isso não seja o nosso objetivo. Não fazemos um disco pensando nisso. A mentalidade é sempre fazer o melhor álbum para que os nossos fãs, aqueles que já são fãs, gostem.

Para ilustrar o que estamos falando, também vou citar a épica *Wash Away Your Sins*. Especialmente no início, você canta com tanta raiva que eu fiquei esperando um gutural a qualquer momento... (risos)

Tim: A maioria das pessoas que ouviu tudo o que fiz até hoje já me ouviu cantar assim. Meus vocais são assim o tempo todo em *Return to Death Row*, e essa é a diferença de como canto na minha carreira, especialmente quando você ouve o *Jugulator*, que tem uns vocais death metal! Sabe, a melhor coisa sobre a forma como canto é que tenho tantos estilos, desde o pesado para cacete, tipo Sepultura, até Dio. Assim, minha voz pode fazer muitas coisas diferentes, e *Wash Away Your Sins* tinha muitas coisas que eu poderia fazer.

E a faixa-título tem a parte em que você canta 'he'll come back into your life, we remember well days gone by, we were young but we recall so well', e não me recordo de um tom seu tão baixo e calmo...

Tim: Sim, é verdade, e acredito que isso se deve ao fato de eu ter trabalhado em casa, também. O que acontece quando gravo aqui é que dou a eles uma tonelada de vocais diferentes, que podem ser usados ou não. Em *Sons of the Sentinel*, por exemplo, eu canto muito alto, mas também havia um vocal principal que não era alto. O mais alto ficava no fundo, e eles decidiram trocá-los de lugar depois de escutarem os dois, por isso gosto de dar várias opções para as pessoas trabalharem.

Você está sempre no Brasil como artista solo, então quando será a vez de vir com o KK's Priest?

Tim: Nós sempre falamos sobre tocar no mundo todo, mas o problema é que temos que nos apresentar em lugares grandes, porque temos uma produção grande, que custa caro. Não vamos sair em turnê para tocar em locais pequenos. Isso implicaria em não podermos usar a produção que temos hoje, e ela faz parte do show! Minhas recentes turnês solo no Brasil aconteceram porque eu tinha agenda aberta, mas o KK's Priest é a minha principal banda, e é com ela que quero sair em turnê pelo mundo. O objetivo da banda é mesmo tocar em todos os países possíveis, e sei que existem conversas sobre irmos à América do Sul. Talvez um pacote com mais duas ou três bandas pudesse resolver, então quem estiver interessado pode entrar em contato com a nossa agência, a TKO, e fazer uma proposta.

Para terminar, porque estouramos o tempo: você já respondeu a muitas perguntas sobre o filme "Rock Star" (2001), mas agora, 22 anos depois, qual a sua opinião sobre ele?

Tim: Continua a mesma, honestamente. Sempre disse que é um filme legal, apesar de meio brega (risos). Não é o meu filme favorito, mas as músicas são boas. A ideia original era fazer um longa sobre mim, só que não deu muito certo, então algumas coisas precisaram ser alteradas. Fico honrado por terem pensado em fazer um filme sobre a minha história para entrar no Judas Priest, só que seria legal se realmente tivesse um filme com a história real.

Clube de Revistas

Brujeria

Franco Atirador

Com mais tempo para compor, gravar e produzir, *Esto Es Brujeria* marca o retorno da mais mexicana das bandas americanas

Por Gustavo Maiato

Os fãs brasileiros do Brujeria podem comemorar por vários motivos. Além da série de shows realizados em diversas cidades brasileiras em agosto, em turnê que celebra os trinta anos do icônico *Matando Güeros* (1993), o grupo atualmente promove *Esto Es Brujeria*, quinto álbum de sua carreira e que sucede *Pocho Aztlan* (2016). A ROADIE CREW conversou com o vocalista Juan "Brujo" Lepe sobre o atual momento da banda de deathgrind formada por músicos americanos de origem latina.

Como surgiu a ideia de ter a mascote da banda, Coco Loco, na arte da capa do novo álbum, *Esto Es Brujeria*?

Juan "Brujo" Lepe: Essa capa do álbum é baseada em uma antiga pedra asteca, é como uma pedra antiga, sabe, que encontraram nas pirâmides mexicanas, e ela representa uma espécie de Deus que eles tinham naquela época. Nós a adaptamos para incorporar a cabeça de nossa mascote, Coco Loco, e modernizamos um pouco a arte. Isso porque a pedra original é uma pedra com cerca de dois mil anos de idade.

O novo álbum é conceitual? Existe um tema que conecta as faixas?

Brujo: Não, o álbum não é conceitual no sentido de uma história única que conecta todas as faixas. No entanto, muitas das músicas abordam temas diversos relacionados à vida e experiências pessoais pelas quais nós passamos. Intitulamos o álbum de *Esto Es Brujeria* ('isso é Brujeria'), e ele apresenta uma série de histórias que aconteceram conosco ou que presenciamos. Consideramos que o álbum é perfeito para animar festas!

Li um comentário no YouTube dizendo que o Brujeria finalmente conseguiu um álbum com a qualidade de produção que merece...

Brujo: Desta vez tivemos mais tempo para trabalhar no álbum devido à pandemia e outras circunstâncias. Isso nos permitiu fazer as coisas com mais calma e cuidado. Encontramos um profissional talentoso no Chile para realizar a mixagem, o que contribuiu muito para a qualidade geral do disco. Diferentemente de álbuns anteriores, em que estávamos com o tempo apertado, desta vez conseguimos dedicar mais atenção aos detalhes. Os membros da banda queriam um som mais polido e moderno, e isso

ESTO ES BRUJERIA
Nuclear Blast - Imp.

foi alcançado ao investir mais tempo em escrever, gravar e mixar cada faixa. Ficamos realmente satisfeitos com o resultado final, e parece que os fãs também estão gostando. É gratificante receber esse feedback positivo, estamos orgulhosos do álbum que criamos desta vez.

Uma das faixas se chama *Políticamente Correctos*. Você acha que isso é de alguma forma um problema na sociedade atual? Pergunto isso porque o Brujeria sempre foi uma banda controversa...

Brujo: Sim, *Políticamente Correctos* é uma das nossas músicas novas. É sobre pessoas que são excessivamente politicamente corretas na sociedade atual. A questão é que o Brujeria sempre foi uma banda controversa e não temos papas na língua, sabe? A música fala sobre como nos incomoda e irrita quando as pessoas são excessivamente educadas. Nós gostamos de ser livres e fazer o que queremos, mas as pessoas politicamente corretas, aos nossos olhos, estão erradas e nos incomodam. A música aborda essa questão e expressa nossa perspectiva sobre o assunto.

***Covid-666* fala diretamente sobre a pandemia. O que você acha que poderia ter sido feito de forma diferente em relação a como os governos e sociedades lidaram com a pandemia? Que medidas você teria tomado se tivesse o poder?**

Brujo: Eu não sei, tive covid duas vezes, então não importa o que eu tenha feito para me proteger. Usei máscaras e evitei certos lugares, mas ainda assim acabei pegando. Não acho que houvesse algo mais que eles poderiam fazer. Foi realmente fácil contrair essa doença. Não acredito que poderiam ter feito melhor ou pior do que fizeram. Eu tomei as vacinas e ainda peguei a doença depois. É uma coisa realmente assustadora, não há nada que você possa fazer a respeito, e os governos, bem, não há muito que pudessem fazer também. Eles fizeram o que acharam melhor, mas, você sabe, as pessoas ainda ficaram doentes e morreram. Sim, talvez o período de quarentena tenha se estendido demais, não sei, mas está sendo difícil superar essa situação.

***Mexorcista* é outra que pode chamar a atenção dos ouvintes por causa desse jogo de palavras inteligente, certo?**

Brujo: Essa música surgiu a partir de uma sugestão de um amigo nosso. Ele perguntou se já tínhamos alguma música que brincasse com essas duas palavras, algo tipo 'exorcista' e 'México'. Não tínha-

mos, mas achamos que seria uma boa ideia! Então, transformamos essa ideia em música e usamos o título proposto por ele. A música é sobre fazer um exorcismo online, ou seja, pagar alguém pela internet para fazer um exorcismo. É bem engraçada, na verdade.

***Testament 3.0* traz para o álbum o assunto da religião...**

Brujo: Sim, *Testament 3.0* é como se fosse tudo o que a Bíblia diz sobre coisas ruins que acontecerão, como o Anticristo e tudo mais, e isso já aconteceu. Agora estamos começando uma nova era, o Testamento, você sabe, há o Antigo Testamento, o Novo Testamento e agora o *Testament 3.0* inicia-se porque tudo isso aconteceu e não aconteceu, é essa a razão por trás dessa música. É como se dissesse: 'OK, era a hora que estava prevista para acontecer, mas nada aconteceu, ninguém se importou, e agora é o *Testament 3.0*, começando de novo, ainda não está escrito.'

Vocês também estão comemorando trinta anos do álbum *Matando Güeros*. Quais lições aprenderam com este trabalho naquela época?

Brujo: São trinta anos desde o lançamento do álbum *Matando Güeros*, exatamente este mês. É incrível pensar que já se passou tanto tempo! E que lições aprendemos com aquele álbum naquela época? Bem, aprendemos que ele foi mais poderoso do que imaginávamos. Quando tocamos essas músicas agora as pessoas amam e ficam empolgadas, mesmo com o álbum tendo trinta anos de idade. Na época em que o gravamos, fizemos tudo rapidamente, em apenas três dias, escrevemos, gravamos e mixamos, e não tínhamos muitas expectativas. Pensamos: 'Ah, vamos ver o que acontece.' E aí, não fizemos turnês naquela época, só começamos a fazer shows em 2003, durante toda a década de 90 passamos por todos os álbuns sem fazer turnês. No entanto, *Matando Güeros* simplesmente se espalhou por si só, sem turnês, entrevistas ou qualquer coisa assim, vendeu-se sozinho e alcançou diversos lugares. E agora, quando tocamos ao vivo, as pessoas enlouquecem, é difícil acreditar que algumas delas nem sequer eram nascidas quando essas músicas foram escritas. É algo incrível, esses temas ainda têm um impacto poderoso e ainda ressoam com o público mesmo após todos esses anos.

O Brujeria tem estado ativo há muitos anos, mas houve relativamente poucos lançamentos de álbuns. Qual é o motivo por trás disso?

Brujo: Bem, no início todos tinham bandas diferentes em que estavam envolvidos. Quando tentamos nos reunir, essas bandas ficaram grandes, famosas e saíram em turnê, tornando difícil nos reunir para criar música. Isso dificultava as coisas. Mais tarde, após os anos 2000, quando finalmente conseguimos nos reunir e fazer turnês, ainda era complicado reunir todos ao mesmo tempo para fazer qualquer coisa. Não era algo fácil, mas o que mudou tudo foi quando Donald Trump quis se tornar presidente. Ele disse algumas coisas sobre as pessoas mexicanas que eu não gostei e isso fez com que o álbum *Pocho Aztlan* tivesse que ser lançado. Com a chegada da pandemia de covid-19, tivemos algum tempo livre, porque todo mundo estava em casa sem fazer nada. Então, conseguimos lançar esse novo disco. Levou mais tempo por causa da pandemia, mas agora estamos trabalhando e descobrimos como fazer músicas sem precisar nos reunir pessoalmente. Veremos como isso vai funcionar, mas foi graças a Donald Trump, ele acabou nos inspirando a fazer um novo trabalho. Ele não é uma boa pessoa, e foi por isso que decidimos fazer um novo disco imediatamente.

La Encabronada, El Criminal, Juan Brujo, Fantasma, El Cynico e El Embrujado mais afiados do que nunca

Divulgação

Clube de Revistas

PROFILE

FÖXX SALEMA

Por Ricardo Batalha • Fotos: Divulgação

Primeiro disco que comprou:
"*The Number of the Beast* (Iron Maiden)."

Melhor disco de heavy metal:
"*Accident of Birth* (Bruce Dickinson)."

Último disco que comprou:
"Se for antes de CDs existirem, *Chameleon* (Helloween)."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Como Andre Matos infelizmente não está mais vivo, chamaria Angra, Helloween, Megadeth e Lani."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Nossa, já que preciso citar alguma: *Fat* (Weird Al Yankovic. Mas, sinceramente, não acho horrível."

Disco que mudou sua vida:
"*Theatre of Fate* (Viper)."

Disco que mais ouviu na vida:
"*Rust in Peace* (Megadeth)."

Melhor capa de disco:
"A original do *No Prayer for the Dying* (Iron Maiden)."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Nenhum, ou seja, o disco simbólico do desprezo! (risos)."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Gostaria de ter participado cantando junto com Andre Matos do *Holy Land* (Angra)."

Música que gostaria de ter composto:
"Não me vem alguma específica em mente."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Sad Wings of Destiny* (Judas Priest)."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Peace Sells... but Who's Buying?* (Megadeth)."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Games People Play* (Pink Cream 69)."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Há-há, o meu! (risos) *Rebel Hearts* da Föxx Salema."

Música que mais gosta de cantar:
"Das que não são de minha autoria, a *Living for the Night* (Viper)."

Música que melhor define sua carreira:
"*Rebel Hearts* versão do clipe, que posteriormente lançamos como single."

Três hinos do metal:
"*Painkiller* (Judas Priest), *Sweating Bullets* (Megadeth) e *Sole Survivor* (Helloween)."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música sua?
"Qualquer uma em que Andre Matos fosse o vocal."

Além do seu projeto atual, em qual banda gostaria de cantar um dia?
"Megadeth."

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"*Z.I.T.O.* (Angra)."

Site:
www.foxxsalema.com.br

Um músico que definitivamente não o agrada:
"O que me desagrada são atitudes ruins, como canalhice, deslealdade, ingratidão, falta de educação e de respeito e, principalmente, transfobia e preconceito."

Algum instrumento que gostaria de saber tocar?
"Guitarra."

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Metal, principalmente se estou de mau humor."

Além de metal e rock, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Mesmo eu não ouvindo direto, posso citar pop rock internacional dos anos 80 e alguma coisinha de techno rave."

Se você não fosse musicista, o que gostaria de ser?
"Devido ao meu background familiar e social, provavelmente iria para área jurídica ou para a política."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Não me recordo de ter tido algum. E, sinceramente, espero não ter (risos)."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"As pessoas ouvem as minhas músicas, elogiam, compartilham e me seguem tanto nos serviços de streaming quanto nas redes sociais."

clube de Revistas

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

January 29 - February 2, 2024
Miami, FL - Puerto Plata,
Dominican Republic - Miami, FL

What are you doing next winter?

THE WORLD'S BIGGEST
THE ORIGINAL
HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com
Tel.: +1 305 777 4878

MALICE

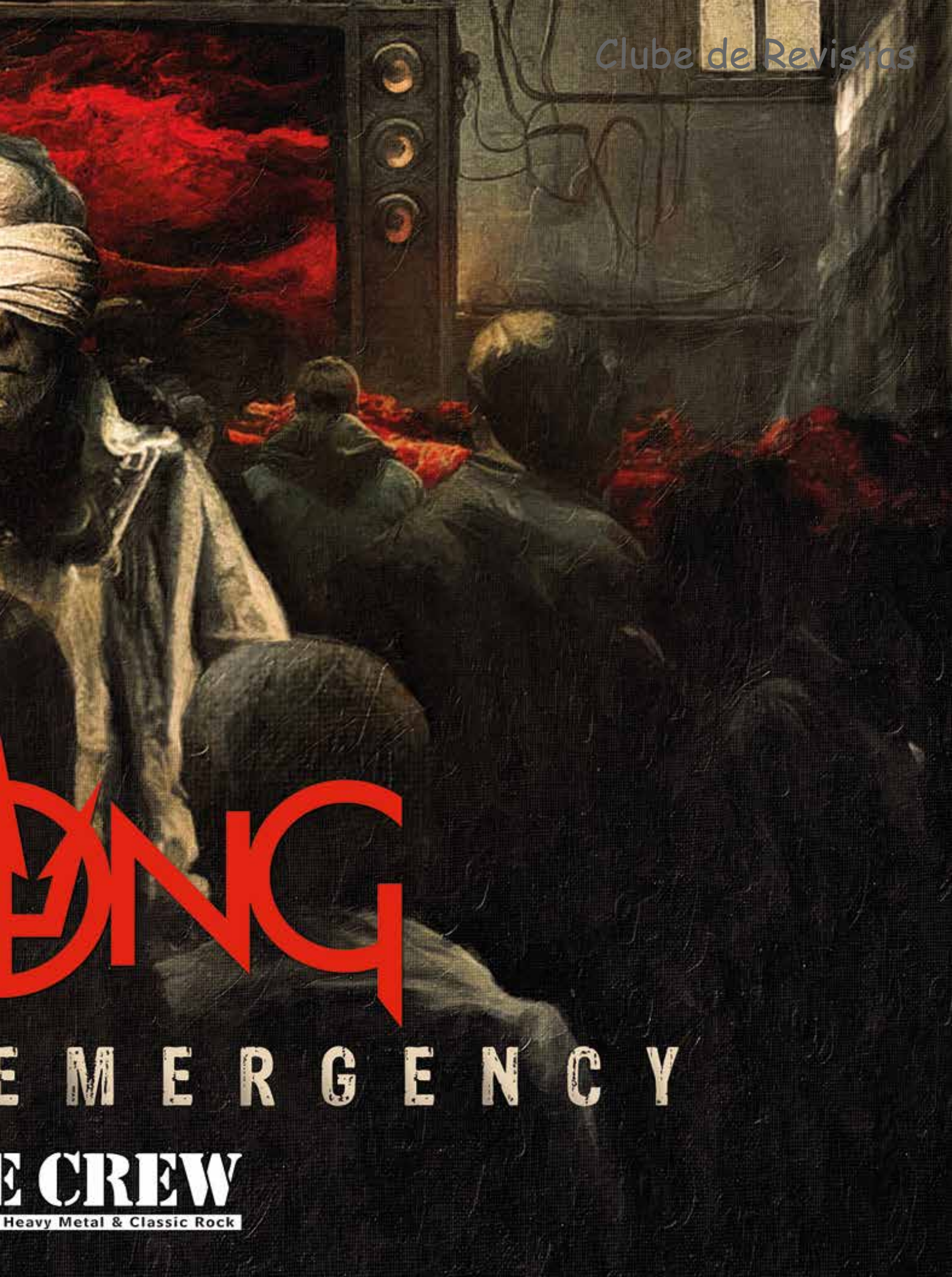
LICENSE TO KILL

Clube de Revistas

Clube de Revistas

Clube de Revistas

Clube de Revistas



ØNG

E MERGENCY

E CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Clube de Revistas

CLASH BULLDOG'S

UM DOS DESTAQUES DO HEAVY METAL NACIONAL
SHOW CONFIRMADO SUMMER BREEZE BRASIL 2024

COM COMPOSIÇÕES COM BLAZE BAYLEY, HENRIQUE FOGAÇA E MIKE ORLANDO
PRODUZIDO POR THIAGO BIANCHI (NOTURNALL)
BANDA JÁ SE APRESENTOU AO LADO DE GRANDES NOMES COMO
SHAMAN, NOTURNALL, FELIPE ANDREOLI (ANGRA), SINISTRA E MATANZA RITUAL

@CLASH_BULLDOGS

Spotify DEEZER amazon Prime Music Available on iTunes

anúncio: www.jjbatatadesign.com

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!